

Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes

A REALIDADE PSÍQUICA E A LINGUAGEM EM FREUD
NO SURGIMENTO DA PSICANÁLISE

Orientador
Prof. Dr. Walter José Evangelista

Linha de Pesquisa: Filosofia e Teoria Psicanalítica

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Filosofia da
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
Como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
1999

Dissertação defendida e aprovada, com a nota 100 pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



Prof. Dr. Walter José Evangelista (Orientador) - UFMG



Prof. Dr. Ram Avraham Mandil - UFMG



Prof. Dr. Antônio Márcio Ribeiro Teixeira - UFMG

Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 03 de setembro de 1999.

Minha gratidão

Aos meus pais, Artur e Zeli, pelas primeiras letras e pelo apoio nas andanças que me trouxeram até aqui;

Ao amigo Bruno Almeida, pelas valiosas perguntas e respostas...

Aos amigos Guilherme Massara e Gilson Iannini, "*no limite*", um belíssimo exemplo de postura intelectual;

Ao Prof. Dr. Antônio Teixeira, pelo incentivo e paciência diante dos primeiros passos de um aprendiz;

À professora Ana Cecília, leitora apaixonada deste Sigmund Freud que me apresentou com rigor e graça;

Agradeço, ainda, muito especialmente,

Ao CNPq, pelo apoio com o financiamento da pesquisa ao longo de 30 meses;

Ao meu orientador Prof. Dr. Walter José Evangelista, pela liberdade concedida para a descoberta segundo o curso de meu argumento e pelo prestimoso rigor que demonstrou ao me convidar a tornar minhas intuições brutas algo que ao menos fosse comunicável ao leitor;

Ao amigo José Walter Albinati Silva, pela cuidadosa revisão da bibliografia.

A Ana Maria Lopes Chagas Fernandes, minha esposa, companheira também na paixão pela obra de Freud e de Lacan, para quem qualquer agradecimento seria ainda insuficiente, pela paciência, dedicação e apoio imensos durante esses três longos anos e também pela revisão desta dissertação.

A REALIDADE PSÍQUICA E A LINGUAGEM EM FREUD

NO SURGIMENTO DA PSICANÁLISE

Resumo	7
Introdução	9
Capítulo Primeiro - Patos e <i>mise en scène</i>: do reducionismo ao toque na fala	
I - Anatomopatologia sem <i>mise en scène</i> : o significado de Meynert, Wernicke e Lichtheim	19
II - Sobre a concepção de Meynert: crítica às noções de memória e percepção	27
III - Sobre a teoria das localizações: crítica à noção reducionista da implicação da fala com a memória e a percepção	33
IV - Um consenso na medicina do final do século XIX	46
V - Psicopatologia com <i>mise en scène</i> : <i>la théorie c'est bon mais</i>	54
VI - O toque na fala	59
Capítulo Segundo - Estrutura simbólica e realidade	
I - O impasse da " <i>concomitant dependent</i> "	64
II - Representação e linguagem	71
III - Os sistemas do aparelho psíquico	88
IV - Memória e percepção	94
V - A consciência	100
VI - A realidade psíquica	103
VII - O complexo do outro	111
VIII - As experiências fundamentais e seus resíduos	115
Capítulo Terceiro - Os mecanismos oníricos e a linguagem	
I - Um alerta sobre o lugar da <i>Traumdeutung</i>	124
II - Condensação e deslocamento	127
III - Pensamento e fala	138
IV - O recuo da representabilidade	151
V - Linguagem	157
Conclusão	161
Bibliografia	170

RESUMO

Nas obras em torno das quais surge a concepção freudiana de realidade psíquica encontramos elementos cruciais para o estudo da noção de linguagem que interessa à psicanálise. A que coisas se referem essas palavras que são dirigidas ao outro que escuta? Esta pergunta, contemporânea, é central nos trabalhos teóricos inaugurais do pensamento de Freud, cujas raízes encontramos no árido terreno da pesquisa neuropatológica. Partindo deste ponto e visando o momento em que o conceito de inconsciente já se havia estabelecido, nosso trabalho procura acompanhar o movimento das palavras e das coisas, como noções que permanecem no epicentro da discussão levada a efeito pelo iniciador da psicanálise. Temos como ponto de chegada os conceitos de deslocamento e condensação, mecanismos do trabalho de construção do discurso do sonho, paradigma das descrições do processo psíquico ocorrido continuamente à revelia da consciência. Delinham-se, então, por consideração ao pensamento do sonho como discurso, como fala que se dirige ao outro, o caráter lingüístico e o recuo da representabilidade envolvidos na descrição dos eventos psíquicos na empreitada de Freud. O inconsciente, como objeto teórico, instaura uma nova via de entendimento do papel da linguagem que é próprio à psicanálise. Freud nos fornece dele os primeiros e mais decisivos elementos.

Utilizaremos nas referências aos textos principais de nossa bibliografia (ver página 170), ao longo desta dissertação, as seguintes indicações:

Aphasies, para a *Contribution à la conception des aphasies, une étude critique* (1891).

Entwurf, para o *Entwurf einer psychologie* (1895).

Carta 52, para *Carta 52* (06 de dezembro de 1896).

Traumdeutung, para *Die Traumdeutung* (1900).

Introdução

Nosso estudo da relação da linguagem com o problema da realidade psíquica, encontrada no pensamento de Freud que envolve o período inicial da psicanálise¹, toma como fio condutor a relação entre palavras e coisas em seus três momentos, a saber: o da relação das representações das coisas com as coisas; o da relação das representações das coisas com as representações das palavras; e o da relação da fala com as representações (de palavras e coisas).

A noção da linguagem, com a qual Freud pôde dar os primeiros passos em direção à definição do inconsciente, foi estabelecida em torno dos conceitos-chaves do ensaio crítico *Aphasies*, de 1891, do rascunho escrito em 1895, mas não publicado, *Entwurf*, da *Carta 52* a Fliess datada de 06 de dezembro de 1896, e do livro *Traumdeutung*, de 1900². Depois do ponto de partida de Freud no terreno da neuropatologia, podemos estabelecer momentos cruciais para nosso estudo, como a virada que representa a pesquisa sobre as neuroses, a tentativa heróica de estabelecer uma psicologia geral e a conceituação dos mecanismos de

¹ Como nosso interesse, neste trabalho, é estudar o pensamento de Freud a respeito da linguagem, e não a técnica clínica de Freud que se utiliza da linguagem, iremos deliberadamente evitar discussões como, por exemplo, a que faz o tradutor da edição inglesa das obras completas, James Strachey, a respeito de determinadas obras serem ou não de um "período pré-psicanalítico" ou de um período "psicanalítico". O próprio tradutor reconhece que neste sentido "os escritos de Freud não se encaixam comodamente em categorias, e a cronologia estrita significaria interromper cerradas seqüências de idéias" (Ver: STRACHEY, J. "Prefácio Geral do Editor Inglês" In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1).

² Para o ensaio de 1891 utilizamos a tradução francesa: FREUD, S. *Contribution à la conception des aphasies, une étude critique*. Tradução de Claude van Reeth. Paris: P.U.F., 1987. Para o Projeto de 1895, utilizaremos as traduções brasileiras, FREUD, S. (1895) *Projeto para uma psicologia científica*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1 e FREUD, S. (1895) *Projeto de uma psicologia*. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 1995, e, simultaneamente, a edição em alemão: FREUD, S. *Entwurf einer psychologie*. In - *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Londres: Imago, 1950; para a *Carta 52* usaremos em conjunto a tradução brasileira FREUD, S. *Carta 52*. (6 de dezembro de 1896) In - Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1 e a edição alemã FREUD, S. *Briefe 52* (6.12.1896). In - *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Londres: Imago, 1950. Para *A Interpretação dos Sonhos* usaremos a edição brasileira: FREUD, S. (1900) *A Interpretação dos Sonhos*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 4 e 5 e também a edição alemã: FREUD, S. *Die Traumdeutung*. 10. ed. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, 1996.

condensação e deslocamento³. Nestes momentos, temos uma busca da lógica da relação entre palavras e coisas e sua implicação na distinção finalmente formulada na *Traumdeutung* como a cisão entre a realidade psíquica e a realidade material ou fatural. Em torno das questões da clínica, Freud irá se deparar com a necessidade de elaboração conceitual e será colocado diante da solidão das suposições originais a serem verificadas.

A linguagem, desde o início, ocupou Freud tanto no sentido de adotar a fala como instrumento de sua prática, quanto no sentido de toma-la como objeto do esforço de redução ao qual ele será obrigado na construção de alguns pressupostos teóricos que coloquem em movimento sua pesquisa. Deveremos, assim, demonstrar ao longo deste trabalho que a refutação das noções de memória e percepção, contemporâneas de Freud, se dá no bojo da construção de uma nova problemática, que ele delimita dando-lhe a formulação precisa de uma pesquisa sobre os sistemas do aparelho psíquico. Tentando incluir os principais momentos que evidenciam esta problemática, organizamos nosso argumento em três capítulos.

No primeiro capítulo partimos do estado do problema da linguagem para a medicina do final do século XIX, época em que Freud se insere na discussão. Isto se dá a pretexto de uma contribuição crítica à concepção das afasias, distúrbios da fala. Freud faz um cuidadoso levantamento das principais teorias explicativas dos distúrbios afásicos. Em meio a este levantamento, aparentemente despretensioso, ergue-se, com notável força, uma crítica das noções de percepção e de memória incluídas no modelo teórico de Meynert sobre os processos psíquicos. Surge ainda, com o mesmo intuito, uma crítica à concepção do papel da fala e da relação desta com a memória e a percepção, subjacente às hipóteses de Wernicke e Lichtheim sobre os distúrbios afásicos. As interpretações desses autores, ao contrário de serem equívocos localizados, eram fruto da hegemonia das figuras teóricas dominantes na medicina, baseadas na anatomopatologia aliada à clínica.

³ Poderíamos, ainda, incluir aqui outros momentos como os textos *O Inconsciente* (1915) e *O Ego e o Id* (1923), indicações fundamentais para o entendimento de Freud quanto ao papel da linguagem em sua relação com a realidade psíquica. Não obstante, por uma opção metodológica, limitamos nossa bibliografia neste estudo aos textos que representam o período inicial da psicanálise.

Com este método, hegemônico nas pesquisas da medicina, erigiram-se explicações precisas sobre os processos orgânicos, denominados funções, e seus distúrbios, chamados de disfunções. A fala, uma dessas funções, era relacionada à memória e à percepção. As explicações dessa relação, no entanto, consideravam os aspectos orgânicos como a totalidade das determinações sobre a fala. O que deveremos demonstrar, nas quatro seções iniciais do primeiro capítulo, é que Freud se coloca contra essas explicações indicando passo a passo o reducionismo das concepções a ele acessíveis quanto às implicações entre a percepção, a memória e a fala.

Nas duas últimas seções do primeiro capítulo mostraremos que Freud, a partir do contato com a experiência clínica mostrada pelos franceses, encontrou fôlego para contrapor-se aos neurologistas germânicos. Na escola francesa, liderada por Charcot, as convulsões, crises, ataques e paralisias eram estudados como sintomas a serem considerados e incluídos nas classificações das chamadas doenças nervosas. Nesta denominação havia uma referência à anatomopatologia; era nas descobertas das implicações neurológicas dos sintomas que se colocava a esperança de explicações definitivas. Não obstante, a distinção entre aquilo que as histéricas apresentavam como sintomas e aquilo que conseguiam falar sobre eles já estava implicada no trabalho de Charcot, ainda que este, em última instância, se mantivesse na perspectiva organicista. Não é ainda a fala em toda a sua extensão que se apresenta a Freud, ou seja, a fala como instrumento da clínica. Entretanto, na companhia de Charcot, se revelavam os quadros exemplares de uma divisão a ser levada em conta por Freud, a divisão da consciência. Somente iremos considerar mais detidamente o problema da consciência no segundo e no terceiro capítulos; nesta parte final do primeiro capítulo, no entanto, poderemos mostrar que os franceses, principalmente Charcot, aparecem como um eco distante a ser evocado contra a neuroanatomia germânica. É inspirado no incentivo da visão clínica dos ditos processos psíquicos que Freud se aventura a tentar a sua própria elaboração de hipóteses sobre a memória em sua implicação com a fala.

Na primeira seção do segundo capítulo retomaremos a estratégia final de Freud em *Aphasies*, pela qual ele consegue se desvencilhar das hipóteses das

localizações cerebrais. Trata-se da adoção, provisória, das hipóteses funcionalistas, principalmente de Huggings Jackson, que entendia os processos anatomofisiológicos como paralelos aos processos psíquicos. A vantagem deste entendimento, em relação ao localizacionista, foi a possibilidade de diferenciação das duas instâncias, substrato cerebral e ordem representacional. A partir desta distinção, e da superação dos novos problemas criados por ela, foi possível erigir outra problemática que não reduzia memória, percepção e fala a estudos de anatomia ou fisiologia. É isto que Freud consegue, inicialmente, com a segunda parte de seu ensaio crítico.

Mas o resultado teórico das distinções encontradas por Freud, como mostraremos na segunda seção do segundo capítulo, vai muito além disto: ele acaba por esboçar um entendimento próprio da linguagem, tomando a dimensão representacional como base da relação das palavras (*Wort*) com as coisas (*Objekt* ou *Sache*). A representação (*Vorstellung*) é desdobrada em dois complexos representacionais: a representação-palavra, *Wortvorstellung*, e a representação-objeto, *Objektvorstellung*. A partir destas categorias erigidas em *Aphasies* elucidaremos as idéias de estrutura e de funções implicadas na linguagem, a saber: os complexos representacionais, *Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*, como estrutura; e a fala e a significação, como funções.

Aqui se anuncia uma discussão fundamental de nosso segundo capítulo. O esforço de Freud nos mostra que para ele a linguagem e a memória são complexidades estruturadas. A relação entre as "representações das coisas" e as coisas, propriamente ditas, é distinta da relação entre as "representações das coisas" e as "representações das palavras". Estes dois momentos referem-se um ao problema da percepção e o outro ao problema da memória. É pela percepção que nos chegam as impressões das coisas e é na memória que as ligações entre as representações (de coisas e de palavras) se mantêm como estrutura representacional. Freud afirma que se incorre em uma contradição ao se tentar identificar entre si estes dois momentos (percepção e memória). Na maneira como estava equacionada a relação entre eles nas teorias hegemônicas, considerava-se que se a percepção lida com elementos simples, com a transmissão

de estímulos, o mesmo deve ocorrer com a memória. Freud anuncia em *Aphasies* que este último sistema é uma estrutura complexa. Tentaremos evidenciar que isto ocorre na medida em que Freud propõe uma problemática diferente daquela que movia os neuroanatomistas nas explicações das funções por eles definidas como percepção, memória e fala.

Sobre o curso da pesquisa de Freud encontramos uma afirmação de Lacan pela qual nos parece adequado incluir *Aphasies* no ponto de partida de nossas investigações. Diz Lacan:

a obra completa de Freud nos apresenta uma página de referências filológicas a cada três páginas, uma página de inferências lógicas a cada duas páginas e, por toda a parte, uma apreensão dialética da experiência, vindo a analítica linguageira reforçar ainda mais suas proporções à medida que o inconsciente vai sendo mais diretamente implicado ⁴

A filologia certamente está fora de *Aphasies*. Mas há neste texto algumas páginas de inferências lógicas sobre a linguagem em torno das definições de percepção e memória, enfrentadas por nós a partir do fio condutor da relação entre palavras e coisas. Talvez sejam estas passagens as primeiras formulações relevantes para a teoria psicanalítica. As noções propostas em *Aphasies* nos levam a outros textos que mantêm a mesma problemática, melhor evidenciada como implicação do inconsciente na relação da estrutura simbólica com a fala.

Ao principal destes textos, o *Entwurf*, primeiro esboço dos mecanismos do discurso do inconsciente, iremos recorrer nas seções III a VIII de nosso segundo capítulo. Das implicações entre memória e fala, passa-se à introdução dos problemas da consciência, do outro e das experiências fundamentais que Freud vê na base da estruturação da realidade psíquica.

Com as discussões das seções III, IV e V do segundo capítulo, demonstraremos que a preocupação teórica de Freud com a memória e com a percepção, surgida já em *Aphasies*, não era fortuita. No *Entwurf* Freud define como três sistemas distintos a memória, a percepção e a consciência. Coloca esta última

como o ponto final ao qual chegarão apenas os eventos psíquicos que envolvem os restos verbais, ou seja, as representações-palavras. Acentua-se, então, a distinção conceitual entre memória e percepção ao se introduzir o problema da consciência, ainda não discutido em *Aphasies*. A idéia dos três sistemas é anunciada por Freud como uma tentativa de elaborar uma descrição mecânica e quantitativa dos processos psíquicos. Há uma tentativa de identificar o sistema de neurônios (ϕ , ψ , ω) ao sistema nervoso, e, em meio à discussão, torna-se evidente a impossibilidade dessa identificação. Veremos, então, que o valor desse rascunho é o de ser o primeiro impasse de Freud na tentativa de teorizar sua descoberta de que a consciência (sistema ω no *Entwurf*) é apenas uma instância dentre outras que a ela permanecem alheias. Neste sentido são atribuídos ao sistema ψ , na terminologia mecânica do *Entwurf*, os movimentos de "quantidades" de excitações internas ao organismo que se acumulam insistentemente. Desses movimentos, somente chegam à consciência os efeitos percebidos por ela como uma série qualitativa que vai do desprazer, decorrente do acúmulo no sistema ψ , até o prazer, consequência da descarga no sistema ψ . A cisão entre sistema ψ (no qual se delinea a memória) e sistema ω (consciência) define, nos termos do *Entwurf*, aquilo que será retomado como a distinção entre inconsciente e consciente, na *Carta 52* e na *Traumdeutung*.

Nas seções VI, VII e VIII do segundo capítulo, mostraremos que com as idéias das experiências fundamentais e do desamparo dos seres humanos, estrutura-se, na concepção de Freud, um papel primordial para o outro. O complexo do outro divide-se em um elemento que pode ser reconhecido e uma outra parte que não será encontrada no jogo das representações. Com isto a noção de memória, inicialmente referida ao conjunto de possibilidades de representação das palavras e das coisas, será bastante transformada por Freud. Estará em discussão o ordenamento do jogo das representações a partir de uma cisão entre a instância que será chamada de realidade psíquica, na *Traumdeutung*, em contraste com a realidade material ou fatural, conforme os termos de Freud.

⁴ LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 513.

Devemos considerar, então, as conseqüências dessas idéias como uma profunda implicação entre a realidade psíquica e a linguagem. É exatamente a linguagem, como estrutura e como função, que oferece a oportunidade de uma tentativa de realização do universo subjetivo.

No terceiro e último capítulo, tendo já os indícios da ruptura de Freud com o entendimento de sua época, deveremos demonstrar a importância dos conceitos da *Traumdeutung* para que seja construída uma nova problemática, eminentemente freudiana.

Na primeira seção do terceiro capítulo indicaremos rapidamente o teor da discussão com a qual pretendemos finalizar nosso trabalho, a saber, avaliar os indícios da cisão que Freud opera em relação às noções de seus antecessores sobre a implicação da linguagem com a realidade psíquica. A *Traumdeutung*, veremos, é um momento singular desta cisão.

Na segunda seção deste último capítulo, com base principalmente na *Traumdeutung*, discutiremos os dois processos, deslocamento e condensação, como mecanismos implicados na representabilidade do discurso. Os sonhos se apresentam a Freud como processos privilegiados para uma análise da complexidade das relações entre os sistemas do aparelho psíquico. Os dois mecanismos se fazem sentir nos disfarces, reformulações, trocas e novos arranjos das representações que tornam o sonho um campo único para a conceituação da existência de dois discursos, ou pensamentos, na terminologia de Freud: o pensamento do sonho (inconsciente) e o pensamento representado no sonho (o conteúdo manifesto). Demonstraremos, então, que a sobredeterminação, processo já introduzido por Freud na referência às implicações entre a linguagem e a memória, mostra-se na construção do discurso, no jogo de relações entre as instâncias do aparelho psíquico (inconsciente, pré-consciente e consciência). Os mecanismos do deslocamento e da condensação, facilmente reconhecíveis nos sonhos, dão às noções de representação-objeto e representação-palavra um papel específico. Introduzidas em *Aphasies*, presentes em alguns raciocínios no *Entwurf* e retomados na *Traumdeutung*, essas noções ajudam a perceber que não será às coisas de uma forma geral que interessa ligar as palavras, quando se trata de um

entendimento da linguagem que sirva à psicanálise. Palavras e coisas, a partir do conceito de inconsciente, serão tomadas no sentido próprio que a elas se pode dar na psicanálise: as coisas a que se ligam as palavras podem ser construídas naquilo que Freud denomina realidade psíquica.

Na terceira seção do terceiro capítulo, veremos a implicação do pensamento (consciente e inconsciente) na fala. Os sistemas do aparelho psíquico, erigidos por Freud no *Entwurf*, passam a ter na *Carta 52* e na *Traumdeutung* uma formulação precisa: inconsciente, pré-consciente e consciente. Nestas instâncias teremos o pensamento onírico tomado como paradigma do pensamento inconsciente, sendo os novos arranjos da censura, deslocamento e condensação, efetuados no sistema pré-consciente. O pensamento inconsciente do sonho somente é implicado na consciência por meio dos restos verbais (elementos das representações-palavras) no trabalho do sistema pré-consciente. Assim, veremos que se a referência às coisas se dá sempre na relação das representações-objetos com as representações-palavras, as representações somente são evocadas na consciência pela via da fala, como última fase do caminho de determinação do discurso. As demais fases são características do jogo de determinações do inconsciente e do pré-consciente.

Nas duas últimas seções do terceiro capítulo, deveremos nos ater às evidências de que o percurso da argumentação de Freud em torno dos problemas da linguagem e da representação apontam para um recuo da representabilidade. Ou seja, Freud estaria mostrando a impossibilidade de uma representação total das coisas pelas palavras; a impossibilidade de uma determinação única dos processos psíquicos; enfim, o limite da possibilidade de representação. Deveremos demonstrar, então, que para Freud o limite da representabilidade está tanto na complexidade da linguagem quanto nos processos do aparelho psíquico. O recuo da representabilidade é apresentado por Freud em alguns momentos privilegiados, como na implicação da dimensão do outro e no conceito de desejo inconsciente, como veremos.

Até aqui apresentamos, em linhas gerais, o fio condutor de nosso argumento, incluindo a análise de *Aphasies*, do *Entwurf* e da *Traumdeutung*. Uma

certa facilidade de fluir de um para outro destes textos é apenas aparente; muitos problemas poderíamos apontar para até mesmo afastar totalmente essa impressão. No curso de nosso trabalho procuramos evidenciar esses problemas. Contudo, um deles deve ser anunciado desde já, a saber, o problema surgido da influência das indicações de Jacques Lacan sobre nossa leitura dos textos citados, em contraste com o objetivo de nos atermos ao pensamento de Freud, sem realizar comparações entre estes dois autores. Na tentativa de resolver esse problema, tomamos Lacan apenas como um comentador da obra de Freud. Logicamente, um comentador singular, do qual não podemos ignorar algumas indicações fundamentais. A primeira delas é a de considerar o *Entwurf* não apenas como uma fisiologia fantasista e sim como um esboço das pesquisas de Freud sobre a subjetividade. Ou ainda a idéia de que Freud, mesmo sem dispor das categorias da lingüística estrutural, soube ver a linguagem como função e como estrutura. Corremos o risco, nessa tentativa, de nos servirmos das indicações de Lacan como valiosos esclarecimentos mas ao mesmo tempo como lentes que poderiam desviar nosso olhar de pontos decisivos dos textos comentados.

Na conclusão retomaremos os principais resultados obtidos nos três capítulos visando chegar ao termo de nossa empreitada. Esta, como é anunciado no título deste estudo, visa fundamentalmente discutir alguns elementos sobre a noção freudiana da linguagem em suas implicações com o problema da realidade psíquica, especificamente nos momentos que nos parecem os mais significativos para o período inicial da psicanálise, encontrados em *Aphasies*, no *Entwurf*, na *Carta 52*, e na *Traumdeutung*. Tomando o fio condutor da relação das palavras e das coisas, buscamos um percurso possível por tantos textos de Freud, sem incorrer na superficialidade. Com este estudo pretendemos apenas abrir caminho para futuros trabalhos que busquem enfrentar a dura tarefa de definir qual será a noção de linguagem que interessa à teoria psicanalítica em nossa época, e em que sentido ela se relaciona à realidade psíquica. Ninguém melhor do que o criador da psicanálise para nos fornecer os primeiros passos.

Capítulo Primeiro

Patos e mise en scène: do reducionismo ao toque na fala

"... e como não haveria até mesmo um psicanalista de hoje de sentir que chegou a isso, a tocar na fala, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de fundo de suas incertezas..."⁵

O projeto de Freud ao publicar o seu ensaio crítico sobre as afasias parece ter sido bastante modesto. Nada além de passar em revista o que se estudava no campo da neuropatologia sobre os distúrbios que levavam os pacientes, em casos mais dramáticos, ao total comprometimento da fala. Não se sabia exatamente o que causava estes transtornos. As teorias mais aceitas tinham como pressuposto a idéia de que há localizações no cérebro controlando as operações da fala, da memória, do reconhecimento dos objetos, etc. Todas estas funções, eram passíveis de serem comprometidas nas afasias. O problema era o de explicar, teoricamente, os transtornos, que são sintomas de uma provável lesão cerebral. Muitos dos casos realmente eram comprometimentos orgânicos. Outros, no entanto, davam margem a dúvidas não somente quanto às explicações das afasias mas, também, quanto à teoria das localizações. O ensaio crítico de Freud, portanto, refere-se aos estudos da neuropatologia.

Entretanto, o resultado das críticas de Freud coloca suas considerações como um momento importante para a psicanálise. Em primeiro lugar porque demonstra clareza de questões epistemológicas com as quais devem se haver aqueles que realizem trabalhos com conseqüências teóricas; esta clareza leva Freud a se posicionar quanto ao estatuto epistemológico de suas hipóteses. Em segundo lugar este posicionamento abre caminho para uma análise da relação entre palavras e coisas que vai muito além das questões das afasias, tocando um entendimento da linguagem.

Devemos nos ater ao posicionamento de Freud com relação a algumas noções de seus contemporâneos, em dois aspectos importantes para o problema da linguagem. O primeiro deles é o problema da identificação da noção de *memória* e de *percepção* que tem conseqüências para uma concepção da implicação da *fala* com estas duas funções. O segundo aspecto é o do limite da idéia das localizações cerebrais, idéia predominante na anatomopatologia no final do século XIX. A estratégia de Freud foi tomar os autores mais próximos e ao mesmo tempo mais influentes, colocando suas posições teóricas em análise. Faz um diálogo em que ele mesmo por vezes contra-ataca suas próprias críticas, confessa suas dúvidas, aponta o apoio em outras idéias, refuta a forma como alguns dados foram produzidos. Enfim, faz um verdadeiro e cuidadoso exercício de reflexão sobre a forma como se constróem conceitos e faz disso o primeiro passo para contrapor-se ao que é necessário abandonar.

Veremos, ainda, na oposição à esperança de estender as explicações baseadas em localizações cerebrais para os processos psíquicos, esperança reinante em torno das teorias anatomopatológicas, o grau da inspiração de Freud na escola clínica francesa. A presença de Charcot no surgimento da psicanálise nos parecerá marcante não como um criador de conceitos que levem a esta, mas como uma alusão à importância da pesquisa clínica. Os sinais da relevância desta via de pesquisa para o entendimento de Freud se apresentam em suas hipóteses sobre os distúrbios afásicos.

De uma maneira geral, pretendemos demonstrar que, longe de ser apenas a pequena contribuição para a discussão anatomopatológica que Freud declarava, o ensaio de 1891 revela-se um texto riquíssimo em indicações que nos parecem indispensáveis na discussão da noção de linguagem com que se lida na psicanálise.

I - Anatomopatologia sem *mise en scène*: o significado de Meynert, Wernicke e Lichtheim

Na medida em que a teoria psicanalítica, construída ao longo dos últimos cem anos, coloca desde o início em discussão as palavras como algo que opera

⁵ LACAN, J. *Escritos*, op. cit., p. 497.

com as coisas, é de interesse teórico atual verificar se foi nos mesmos termos que Freud se referiu a esta relação desde as suas primeiras reflexões sobre o problema ou se há mudanças nestes termos. Ora, quando Freud começa seu percurso teórico é em meio ao árido terreno da neuropatologia que ele terá de construir uma idéia do papel das *palavras* e uma noção da relação destas com as *coisas*. Considerar a dimensão do contraste entre aquele contexto e o entendimento contemporâneo poderá nos ajudar a situarmos de forma mais nítida a posição de Freud, uma vez que a ele coube inaugurar o caminho da psicanálise.

Assim, tentaremos exemplificar, rapidamente, a distância entre o entendimento contemporâneo e o da época de Freud. Para isto analisaremos as dificuldades de discutir a relação entre as *palavras* e as *coisas* usando alguns termos de Jacques Lacan (1901-1981), autor da proposta contemporânea de retorno a Freud, em comparação com termos de autores centrais na discussão de Freud como Theodor Meynert (1833-1892), Wernicke e Lichtheim. Buscamos com isto somente introduzir o problema da distinção entre um e outro caminhos ⁶.

A relação entre as palavras e as coisas, se tomada na via da análise que dela faríamos com a proposta de Lacan, implica primeiramente uma referência à lingüística estrutural. A partir desta, o signo lingüístico é a reunião de uma imagem acústica, como *significante*, a um conceito, como *significado*, que lhe corresponde. Para Saussure e para Jakobson havia uma distinção entre *fala*, *linguagem* e *língua*. Esta última teria dois eixos: o eixo sincrônico, pelo qual se define o sistema de valores que uma comunidade lingüística utiliza, valores opostos uns aos outros solidariamente; e, o eixo diacrônico, pelo qual se definem as mudanças que se operam na passagem de um estado a outro da língua no

⁶ Roudinesco, em sua *História da psicanálise na França*, constrói uma "fantasia histórica" com interesse teórico, propõe considerarmos que Freud poderia ter encontrado, em Paris, Guy de Maupassant. Este encontro nunca houve, o interesse teórico da proposta explica-se pelo fato de em um conto de Maupassant ficar clara sua indicação de que ao invés do "magnetismo", idéia comum à época, para explicar um sonho repetitivo que leva o protagonista a tornar-se amante de uma mulher sobre a qual, a princípio, "o desejo não recaí", o autor recorre a uma explicação semelhante à teoria do *Unbewusste* apresentada na *Traumdeutung* de Freud. Como conclusão sobre o ocorrido diz o protagonista do conto: "... concluí disso que era uma coincidência, ora bolas! E depois, quem sabe? Talvez tenha sido um olhar dela em que eu não havia reparado, e que me voltou naquela noite por um desses apelos misteriosos e inconscientes da memória, que muitas vezes nos representam as coisas desprezadas por nossa consciência, que passaram despercebidas diante de nossa inteligência." (Ver: ROUDINESCO, E. *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

tempo. Um signo lingüístico, tomando-se a dimensão sincrônica, tem seu valor na relação com os demais, presentes simultaneamente na língua. Ou seja, o valor é dado pela posição do signo na língua considerada não em sua dimensão histórica e sim estrutural⁷.

A distância destas propostas em relação ao entendimento de Meynert fica evidente se consideramos que para este o termo "estrutural", quando referido à relação entre palavras e coisas, certamente deveria implicar uma estrutura orgânica. Seria difícil, na terminologia dos neuropatologistas, pensar esta estrutura sem referi-la à psicofisiologia herbartiana e a mitologia cerebral de Meynert. Suas hipóteses eram de que haveria no cérebro um eu primário e um eu secundário. O eu primário seria a "parte geneticamente primeira e inconsciente da vida mental que se manifesta quando a criança toma consciência da separação entre seu corpo e os arredores"⁸. Este eu primário seria localizado na parte inferior (interna) do córtex cerebral, instância primitiva ou arcaica. A ele se somaria o eu secundário, "o instrumento de uma maestria da percepção", localizado na parte superior (externa) do córtex. A lógica desta mitologia consistia exatamente nisto: atribuir a cada parte do cérebro a correspondência com uma operação ou função chamada de mental. Se há uma imagem acústica (significante) a ser unida ao conceito (significado), fazendo-se disto uma estrutura, ela deveria, de alguma forma, estar localizada no organismo. Provavelmente não seria excessivo considerarmos que pela terminologia de Meynert e seus alunos se buscasse constatações anatômicas da posição do significante como imagem acústica e das fibras que a ligam às demais regiões do cérebro para que pudéssemos falar do conceito de uma coisa. Evocando-se o procedimento argumentativo comum às descrições embasadas na tradição da qual Meynert era o principal representante, deveria, valer para a estrutura em questão na língua uma redução aos fenômenos psíquicos. Estes, por sua vez, apareceriam reduzidos a mudanças do substrato orgânico. O impasse de uma interlocução sobre o signo lingüístico tendo, de um lado, a idéia da estrutura

1989, Tradução de Vera Ribeiro, p. 53). Não fazemos aqui uma imitação exata da proposta de Roudinesco, mas é de seu modo de colocar lado a lado dois conceitos que estamos nos valendo.

⁷ JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale; 1. Les fondations du langage*, Paris: Minuit, 1963, pp. 26-32 e 43.

da língua e, de outro, a terminologia anatomopatológica, nos parece, portanto, intransponível.

Outro ponto de distinção marcante é o de que a significação, nos termos da lingüística estrutural, se deduz da ligação que há entre os componentes do signo, o *significante* e o *significado*. Foi daí que Lacan partiu para colocar em sua discussão, depois de modificações decisivas, o termo *significante*. O entendimento contemporâneo da relação das palavras e das coisas na psicanálise, por influência da lingüística, considera que não se trata no signo lingüístico de unir uma coisa a um nome, ou, dito de outra forma, uma *palavra* a uma *coisa*, como se encontra nas interpretações do final do século XIX. Neste sentido Lacan diz que a distinção primordial entre *significante* e *significado*, e ainda, a barra que os separa na formulação de Saussure, devem ser vistos como algo que vai

*muito além do debate relativo à arbitrariedade do signo, tal como foi elaborado desde a reflexão da Antigüidade, ou até do impasse, experimentado desde a mesma época, que se opõe à correspondência biunívoca entre a palavra e a coisa, nem que seja no ato da nomeação*⁹

A apropriação lacaniana dos termos da lingüística estrutural, como se sabe, se dá no contexto de uma definição da categoria sujeito, fugindo ao psicologismo e ao naturalismo, sem se introduzir propriamente na discussão das questões da lingüística¹⁰. Às referências de Lacan a essa disciplina podemos atribuir grande parte dos motivos para a distinção entre o entendimento contemporâneo da psicanálise da relação entre palavras e coisas e o terreno em que Freud começa suas reflexões ou seja, no período em que escreve *Aphasies*.

⁸ ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Fayard, 1997, p. 674.

⁹ LACAN, J. *Escritos*, op. cit., p. 500 (grifo nosso).

¹⁰ Sobre a relação da psicanálise com a lingüística na forma como Lacan se apropria dos termos desta, Althusser diz em 1966 que psicanálise e lingüística podem ser consideradas duas "teorias regionais" às quais deveria se relacionar uma "teoria geral", a "teoria geral do significante". Segundo o mesmo autor, em Lacan se poderia ver um esforço para elaborar os primeiros elementos da construção desta teoria geral sem, no entanto, tê-la desenvolvido (ALTHUSSER, L. "Três notas sobre a teoria do discurso" in *Escritos sobre a psicanálise - Freud e Lacan*. Tradução inédita de Walter José Evangelista do original: *Écrits sur la psychanalyse - Freud et Lacan*. Paris: STOCK/IMEC, 1993.)

Não devemos esquecer que há perguntas contemporâneas buscando precisar melhor a relação da psicanálise com a lingüística estrutural. Podemos, quanto a isto, lembrar a preocupação de Hugo Mari:

em que dimensões, por exemplo, a visão estruturalista da linguagem se relaciona à psicanálise? Os veios de incursão da psicanálise pela linguagem traduzem-se por uma dimensão estruturalista restrita? ¹¹

Como não é nosso objetivo realizarmos uma análise deste assunto no presente trabalho, tomamos esta afirmação apenas para salientarmos, que a discussão de Freud se processa num contexto anterior a este tipo de pergunta. Um diálogo com os três autores Meynert, Wernicke e Lichtheim sobre a compreensão dos termos da psicanálise depois de Lacan torna-se impossível pelo abismo teórico entre ambos. Não basta alegarmos a óbvia constatação de que os neurologistas do final do século são anteriores a Lacan e que este tinha a seu dispor a lingüística estrutural. O estado da lingüística, no final do século passado, diz Lacan em 1956, não permitiria a Freud avançar muito além do que ele foi na análise da linguagem. Não obstante, ele conseguiu formular o problema da linguagem de duas maneiras: sua operação como *função* e a sua natureza de *estrutura* pela qual "*os elementos colocados em jogo no inconsciente se ordenam*" ¹².

Ora, Meynert e seus alunos, contemporâneos de Freud, estavam, pelo menos na discussão das afasias, interessados tanto quanto este em pesquisar o envolvimento da linguagem. Também eles não dispunham de algumas definições

¹¹ Questionamento feito por Hugo Mari, em "Estruturalismo e Psicanálise", Anais do colóquio "Dez encontros, Psicanálise e Filosofia: o futuro de um mal-estar", linha de pesquisa Filosofia e Teoria Psicanalítica, FAFICH, UFMG, 1999 (no prelo). Nesta oportunidade o prof. Hugo Mari aponta como uma indefinição a referência genérica "a linguagem" e à estrutura. Para os estudos de lingüística é necessária uma precisão sobre estes termos uma vez que "uma avaliação do estruturalismo na lingüística não se traduz por gestos de unanimidade nos diversos segmentos onde sua presença foi representativa... os julgamentos sobre a análise estrutural, na Lingüística, não conseguem ser neutros: ela acabou por semear ora certezas e descrenças; ora empatia e antipatias". O sucesso do estruturalismo "na proposta de análise de fonologia pelo Círculo Lingüístico de Praga", por exemplo, contrasta com alguns desastres como "em algumas abordagens sobre lexicologia, ou na sua aplicação à crítica literária". Há, ainda segundo Hugo Mari, nestes casos "um certo descompasso entre o grau de complexidade de certos objetos teóricos que o estruturalismo pretendeu analisar e os instrumentos de análise de que dispunha". Teria a psicanálise, principalmente a que se desenvolve em torno de Lacan, esta preocupação de situar-se em relação a estes domínios e estes termos?

esclarecedoras encontradas na lingüística estrutural, como, por exemplo, a distinção entre fala, língua e linguagem. As referências a estes termos, que aparecem em *Aphasies*, não os distingue entre si. Haverá, então, motivos para colocar Freud ao lado de Lacan, melhor, como seu precursor também com relação ao entendimento da linguagem ou com relação ao entendimento da relação entre palavras e coisas? De fato, é isto que nos mostra o enfrentamento do reducionismo e do organicismo predominantes no entendimento daqueles autores, exercício ao qual Freud se propõe explicitamente no ensaio de 1891. Confessa a Fliess: "*me mostro muito ousado em cruzar com seu amigo Wernicke e também com Lichtheim e Graschey. Eu até arranhei o sacrossanto Meynert*"¹³. Este era o destino esperado para o seu trabalho onde diz que Fliess encontrará "*sem surpresas algumas idéias que lhe são conhecidas; aliás, elas são mais sugeridas que desenvolvidas*"¹⁴. Estas idéias, que aparecem em suas hipóteses sobre as afasias, são, na verdade, um entendimento original da linguagem. Entre este e o entendimento dos autores alemães se estabelece um corte irremediável, para o qual não seria exagerado o termo: *abismo*. E, se podemos tentar um exercício de reflexão contando com estas idéias, devemos colocar de um lado todo o organicismo e reducionismo que possam ser vinculados às questões da linguagem e de outro lado Freud e Lacan. Logicamente entre o entendimento destes dois autores há diferenças significativas. Não faltam provas disto. Uma delas é a recente obra de Laplanche, autor que inicia a releitura de Freud com Lacan e depois se coloca a difícil tarefa de seguir sozinho o caminho de voltar a Freud. Não é nosso objetivo fazer uma história da psicanálise nem do período de Freud até Lacan e nem do período pós Lacan, pelo que não discutiremos as idéias de Laplanche. Não obstante, entendemos que este autor aponta, em relação a Lacan, diferenças no entendimento de Freud, justamente com relação à importância e forma de implicação da psicanálise com a linguagem. Estas diferenças não poderão ser reduzidas ao mesmo problema das leituras biologizantes e psicologizantes às quais

¹² LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 60.

¹³ FREUD, S. "Briefe 8" (2.5.1891) in: *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Londres: Imago, 1950, p.70.

¹⁴ *Ibid.* (grifo nosso).

Lacan se contrapõe. Nosso objetivo é bem menos amplo: buscamos analisar a relação entre palavras e coisas no período inicial da obra de Freud explicitando com isto o que há de fundamental na sua noção de linguagem implicada com a realidade psíquica.

As hipóteses de Freud sobre as afasias, apresentadas na última parte do seu texto, encerram uma proposta de entendimento da linguagem. Este é substancialmente diferente do entendimento reducionista que cabia a ela no final do século XIX. A tendência radical de entender a linguagem em sua origem, ou em seu "surgimento", como ensina Althusser ¹⁵, nos mostra em Freud, a partir do ensaio de 1891, muito mais do que uma simples discussão no campo das disfunções que interessavam à medicina; há uma preocupação de buscar algumas verdades sobre a linguagem, sobre a definição de realidade das coisas em relação às palavras e vice-versa, que o coloca como o ponto inicial da tradição que terá em Lacan o seu principal arauto contemporâneo.

Ao examinar os passos lógicos da aprendizagem da fala, de outras línguas que não a língua materna, da aprendizagem da leitura e da escrita, Freud conclui que:

1. o sucesso de nosso falar, contrariamente ao que seria possível no reducionismo organicista, aparece como um processo complicado, ou, melhor dizendo, um processo sobredeterminado (*Überbestimmt*);
2. o que está em jogo neste sucesso são *estruturas* como as *representações* (*Vorstellungen*) de palavras (*Wort*) e coisas (*Objekt*) e não propriamente as palavras e as coisas, e, ainda, *funções* como o ato da *fala* e a *significação*.

Estas grandes hipóteses que, como diz Freud, servem de apoio às críticas que ele faz no texto das afasias, exigem um trabalho de redefinição de termos e são fruto de um posicionamento frente ao papel e aos processos da linguagem que colocam a relação entre as palavras e as coisas numa perspectiva nova. A

¹⁵ Althusser ressalta que a distinção entre um momento em que a criança não fala e outro no qual a fala já faz parte de seu universo não nos autoriza a conjecturar uma *gênese* da linguagem na criança. O universo linguístico precede até mesmo o seu nascimento, pelo que devemos entender o segundo momento como

novidade de Freud exigiu que a sua explicitação fosse antecedida das críticas, feitas segundo ele mesmo com bastante entusiasmo. O teor de críticas (*eine kritische Studie*) tão precoces (1891), tem relação com o que se apresentará nas obras mais tardias como o corte definitivo que é condição do caminho original que leva a marca do nome de Freud: sua metapsicologia.

Mas rompimento com o quê exatamente? O que Freud denuncia neste texto pode ser expresso pelo que Jakobson, muito mais tarde, assim resume: "enraizava-se na lingüística da segunda metade do último século um empirismo sensualista na sua forma mais ingênua que se fixava cegamente e instantaneamente na experiência exterior, e naturalmente o aspecto espiritual da linguagem, o sentido, o mundo das significações, apagava-se perante o aspecto material da linguagem, perante a sua imagem sonora" ¹⁶. Desta forma, o que Freud produz com sua refutação do reducionismo da teoria das localizações cerebrais é a possibilidade de uma via própria para entender a linguagem. Nesta a relação entre palavras e coisas aparece de modo diverso do que encontramos nos autores germânicos e nos sensualistas aos quais Jakobson se refere. Logicamente também não estamos defendendo com isto que Freud entra na pesquisa que caracteriza mais propriamente a emergência da lingüística do início de nosso século ¹⁷. O que ocorre é uma opção de Freud pela via da análise da fala e esta opção o leva a

posterior ao *surgimento* da linguagem. (Ver: ALTHUSSER, L. "Três notas sobre a teoria do discurso", op. cit. pp. 66-68).

¹⁶ JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Tradução de Luís Miguel Cintra. Lisboa: Moraes, 1977, p. 21.

¹⁷ Seria precipitado entender os textos do período inicial de Freud como contendo provas de um Freud estruturalista *avant la lettre*, ou pelo menos não conseguiríamos dizê-lo confortavelmente. O que nos inclinamos a afirmar é que chega-se com estes textos a indicações que levam à pesquisa de Lacan, este sim apoiado nas categorias da lingüística estrutural, buscando definir uma noção de sujeito, com o qual se propõe a reler Freud de uma forma surpreendente. Para isto, no entanto, teríamos que considerar textos posteriores ao período delimitado para nossa pesquisa, como *O Inconsciente* ou *O Eu e o Isso*. Se pudermos, apenas com o que aqui reunimos, afirmar algo será unicamente nossa curiosidade com algumas conclusões de Lacan de que a lingüística estrutural foi antecipada pelos "tropeços dos passos da linguagem", ou, dito de outra forma, pela *palavra*. Ou seja, na medida em "que o sujeito não seja quem sabe o que diz, quando claramente alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta, mas também pelo impair [=impar, no sentido mais próximo de estranho, único, insólito] de uma conduta que crê sua" torna-se difícil encontrar os motivos no cérebro, do que aliás, não se pode negar que o sujeito se vale, "sobretudo posto que dorme (aspecto que a neurofisiologia atual não desmente)". Há aí, diz Lacan, "evidentemente a ordem de fatos que Freud chamava o inconsciente". Lacan vai ainda mais longe, diz que "o inconsciente é a condição da lingüística...sem a erupção do inconsciente não há maneira de que a lingüística saia do dia duvidoso com que a Universidade, em nome das ciências humanas, eclipsa ainda a Ciência" (Ver: LACAN, J. *Psicoanálisis, Radiofonia & Televisión*, Tradução de Oscar Massota e Orlando Gimeno-Grendi. Barcelona: Anagrama, 1977, p. 14). Assim, não recusamos a pergunta a

enfrentar problemas que serão, de outra maneira e com outro interesse, enfrentados e denunciados também por Sausurre.

A discussão de Freud, no ensaio de 1891, que podemos tomar como a refutação do reducionismo e do mecanicismo, apresenta vários argumentos. Introduzidas estas nossas considerações que mostram a importância das críticas e distinções iniciais que Freud empreende em seu ensaio, deveremos privilegiar na análise dos seus argumentos aqueles que dizem respeito mais diretamente à sua visão da relação entre as palavras e as coisas. O primeiro argumento é a importante crítica à noção meynertiana de *memória* e de *percepção*, claramente reducionista e organicista. Na mesma direção, o segundo argumento acentua os absurdos em que se incorre ao se levarem em conta as concepções da teoria das localizações buscando delas derivar uma noção da *linguagem*.

II - Sobre a concepção de Meynert: crítica às noções de memória e percepção

O ensaio *Auffassung* tem como tema uma análise crítica das teorias explicativas dos distúrbios afásicos, problema pelo qual já haviam se interessado os "melhores espíritos da neuropatologia", os alemães Wernicke, Kussmaul, Lichtheim e Grashey, bem como os "estrangeiros" Hugglings Jackson, Bastian e Ross, Charcot e outros¹⁸.

A teoria das localizações cerebrais incluía áreas relacionadas à fala. Pelos estudos da anatomia conheciam-se do cérebro as áreas do córtex e dos núcleos, os outros componentes do encéfalo e a medula espinhal. Sabia-se da distinção entre as chamadas substância branca e substância cinzenta que formam o sistema nervoso central. Era aceita também, como produto da hegemonia da anatomoclínica, a idéia de que no cérebro haveriam áreas específicas relacionadas às várias funções de controle do organismo. Para cada função entendia-se a existência de uma área sensorial, que recebia os estímulos externos e do interior

respeito de qual será a noção de estrutura presente em Freud, mas reconhecemos que ela nos levaria para além dos limites deste trabalho.

do corpo, e de uma área motora, relacionada aos movimentos em geral. No caso da fala haveria um *centro motor*, ligado aos movimentos do aparelho fonador, e um *centro sensorial*, ligado à recepção dos sons, e, ainda, *vias de condução* entre os centros. A anatomopatologia, disciplina de grande reputação na época do ensaio de Freud, se desenvolvera tendo como consenso a idéia de que aos *sintomas* verificáveis na clínica deveriam corresponder *lesões* no organismo. No caso da linguagem estas lesões deveriam estar em regiões específicas do cérebro denominadas centros e vias de condução. Em termos muito gerais, essa era a característica principal da teoria das localizações.

Freud tinha domínio da visão anatômica do organismo e das pesquisas sobre as pretensas relações deste com os processos da fala. Toma como objetivo da sua discussão no ensaio mostrar que as duas hipóteses explicativas das afasias não apresentavam vantagens em relação às que ele irá propor ¹⁹. As duas hipóteses hegemônicas eram baseadas na concepção de Meynert sobre o papel do cérebro. A primeira tinha "por conteúdo a distinção entre a afasia por destruição dos *centros* (motor e sensorial) e aquela por destruição das *vias de condução*", sendo encontrada na grande maioria dos autores. A segunda, encontrada especialmente em Wernicke, diz respeito "às relações recíprocas entre os diferentes centros, responsáveis pelas funções da linguagem", entre as quais haveria "uma região não ocupada". Voltaremos a elas em seguida, mas devemos, antes, salientar que ambas as hipóteses são, segundo a teoria das localizações, explicações de distúrbios da *memória* e da *fala* e têm como pressuposto a doutrina geral de Meynert sobre as operações do cérebro.

Meynert, na época em que Freud escreve seu ensaio sobre as afasias, era um representante da escola alemã de anatomopatologia e estava totalmente de acordo com a idéia geral das localizações cerebrais ²⁰. No que diz respeito ao tema específico das afasias, a teoria das localizações, criticada por Freud, seguia a "concepção mais geral da atividade cerebral" da qual Meynert havia lançado as bases. O próprio Wernicke afirma que sua teoria das afasias "não é mais que

¹⁸ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p.51.

¹⁹ Ibid.

aplicação da doutrina bem mais vasta de Meynert" ²¹. Assim, devemos nos deter na análise das concepções de *memória* e *percepção* de Meynert para esclarecer os pressupostos sobre os quais se baseiam as noções de *memória* e de *linguagem* em Wernicke e Lichtheim, das quais trataremos mais adiante.

A imprecisão dos termos da psicologia e as esperanças de explicações fisiológicas para os processos psíquicos tornavam problemáticas as referências à memória e a percepção. Na terminologia psicológica, salienta Freud, não encontraríamos conceitos, mas termos técnicos cuja origem são processos imprecisamente descritos. Na fisiologia da época de Freud, o que se entendia por processos fisiológicos eram descrições meticolosas de fenômenos identificáveis no organismo. A fisiologia era considerada uma extensão da física, pelo menos para o "quadro de pensamento" familiar a Helmholtz, Brücke e seus assistentes, integrantes do laboratório onde Freud se iniciou no hábito científico, segundo P.-L. Assoun ²². Utilizar termos psicológicos em conjunto com conceitos fisiológicos era uma estratégia que ignorava o estado das noções em psicologia tomando-as em substituição à falta de clareza sobre relações fisiológicas muito complexas. Em meio a esta heterogeneidade terminológica a percepção era tomada como indistinta da memória. O termo traço mnêmico, designava uma espécie de sensação chegada ao cérebro e ali guardada. Freud não desenvolve uma teoria sobre memória e percepção no texto das afasias, mas demonstra a necessidade de considerar uma e outra destas funções distintamente, preparando o que será mostrado no *Entwurf*: o absurdo no qual se incorre quando se tenta descrever percepção e memória como um único processo.

A teoria de Meynert sobre a memória e a percepção tinha por pressuposto seu entendimento de que o corpo teria que ser reproduzido no córtex por um processo de projeção ponto a ponto. Quanto à organização do cérebro a doutrina de Meynert merece a qualificação de "córtico-cêntrica", porque considera o córtex, a camada mais externa do cérebro, por sua posição, como

²⁰ ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França*, op.cit., v. 1., p.33.

²¹ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit. p. 96.

²² ASSOUN, P.-L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983, p.116.

"particularmente apto para receber e *incorporar* o conjunto das impressões sensoriais" ²³. Estas são trazidas até o córtex via as fibras nervosas que tem ligação com os órgãos sensoriais e os receptores internos do corpo. Os demais componentes do cérebro, como por exemplo os núcleos internos ao córtex, aparecem como apêndice e como órgão auxiliar ²⁴. Seu funcionamento, condicionado pela organização, se dá de forma que as sensações, externas ou internas, atingem diretamente o córtex, sendo trazidas até ele em vias separadas. Cada conjunto de fibras nervosas componentes das vias sensoriais levaria a uma determinada área as sensações correspondentes. O organismo em geral aparece como uma "armadura de antenas e de tentáculos" a partir dos quais as captações de estímulos e as ações motoras são possíveis. Mesmo em termos fisiológicos e anatômicos Freud encontra motivos para discordar desta idéia como veremos logo em seguida. O que importa salientar é que a teoria geral de Meynert é bem mais desenvolvida do que a noção de arco reflexo, segundo a qual as ações do organismo seriam meras respostas automáticas a estímulos, mas no seu entendimento o controle do organismo, inclusive quanto à memória, funciona a partir da reprodução de cada um de seus pontos no córtex.

O reducionismo da visão de Meynert sobre as funções da memória e da percepção encontra-se, então, na noção de que a função da *memória* é considerada como extensão natural da *percepção*. Para Meynert é única e simplesmente pela percepção que o cérebro incorpora a imagem do mundo. A superfície cerebral, diz Wernicke, "*com seus seiscentos milhões de corpos celulares segundo estimativa de Meynert*" teria lugares de reserva em número suficiente "*onde podem ser acumuladas sem dificuldade, uma após a outra, as impressões sensoriais liberadas pelo mundo exterior. É destes resíduos de excitações passadas que o cérebro é povoado, e que nós propomos chamar de imagens mnêmicas*" ²⁵. Não há em Meynert, portanto, diferença conceitual importante entre a memória e a percepção, sendo a primeira considerada apenas como um conjunto de resíduos sensoriais de alguma forma guardados nas células cerebrais.

²³ MEYNERT. "Studien über die Bedeutung des zweifachen Rückenmarks-ursprunges aus dem Gehirn" ap. FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 97 (grifo nosso).

²⁴ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 97.

²⁵ WERNICKE, "Der aphasische Symptomencomplex", Breslau, 1874, ap. FREUD, S. *Aphasies*, op. cit. p. 53.

Não é nosso interesse discutir provas anatômicas contra a teoria de Meynert, mas devemos seguir o raciocínio de Freud para esclarecermos nosso próprio argumento. Freud diz ser insustentável, à luz das "novas aquisições da anatomia cerebral", a estrutura de projeção como forma de reprodução do corpo no córtex defendida por Meynert. As pesquisas anatômicas até então realizadas puderam "retificar certos pontos essenciais da concepção meynertiana da estrutura do cérebro e colocaram em questão o papel que ele atribui ao córtex" ²⁶. A principal objeção é ligada sobretudo ao "percurso da via a mais importante e a melhor conhecida, que vai do córtex aos músculos do corpo". Nesta via os clínicos, com Charcot à frente, haviam mostrado que uma lesão dos gânglios estriados, localizados na substância cinzenta do córtex, quando atinge também a dita cápsula interna que se localiza fora do córtex, tem influência sobre a motilidade, ao passo que as lesões daqueles mesmos gânglios sem atingir a cápsula interna não provocam nenhuma paralisia. Freud busca em Henle, autor de estudos sobre a anatomia do cérebro, indicações de que entre os pontos terminais da percepção (órgãos sensoriais, terminações nervosas viscerais) e o córtex há uma espécie de estação intermediária. Pode-se demonstrar que no córtex cerebral se dá uma reprodução do corpo por via de uma representação que não é direta. A constatação de Henle, diz Freud, é de que "há uma redução das fibras ao atravessar a massa cinzenta" ²⁷, antes de chegar ao córtex, sendo o número de fibras que chegam ao córtex, vindo dessa parte, muito menor do que o número de fibras que chegam até esta área vindas das vias aferentes do corpo. Haveria, assim, uma reprodução em duas fases, a primeira uma projeção na substância cinzenta anterior ao córtex e a segunda uma reprodução que vindo desta área chega ao córtex. Da segunda reprodução Freud diz que, "*é apropriado que se chame de uma 'representação', e diremos que a periferia do corpo não é contida no córtex ponto a ponto, mas que ela ali é representada de maneira menos detalhada pelas fibras selecionadas*" ²⁸. Desta

²⁶ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit. p.98.

²⁷ Ibid.

²⁸ Esta primeira referência ao termo "representação" é notadamente diferente do sentido a ser adotado na consideração da linguagem relacionada aos complexos representacionais (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*). Neste ponto "representação" refere-se estritamente à "reprodução" no córtex cerebral, em contraposição à reprodução que se daria, em uma parte anterior do percurso das vias nervosas, a "moela

forma fica estabelecida, pelos próprios argumentos anatômicos e fisiológicos disponíveis, a possibilidade de ser indireta a ligação entre o córtex e os estímulos externos e, ainda, a reprodução do corpo no córtex, contrariamente ao entendimento de Meynert. Segundo o próprio Freud, outras apresentações de dados dos demais autores que pesquisaram a anatomia do cérebro seriam suficientes para refutar a idéia de uma projeção ponto a ponto do corpo e dos estímulos internos no córtex.

Da discussão de Freud o que se evidencia é que mesmo que não levássemos em conta os argumentos anatômicos a noção de Meynert sobre a *memória* e a *percepção* ainda seria contraditória. Esta contradição nos parece ser tomada por Freud em termos lógicos: o substrato que está envolvido na percepção e na memória (células cerebrais, ou outro abstratamente considerado) deveria, ao mesmo tempo, *guardar* e *eliminar* os estímulos recebidos. As sensações das coisas do mundo, as impressões que formam a percepção, no entendimento de Meynert, viriam diretamente ao cérebro e lá, ao serem guardadas, se tornariam parte da memória. No entanto, se as impressões sensoriais chegassem ao cérebro uma a uma por vias diretas, como o córtex poderia guardá-las e ainda estar preparado para receber novas impressões? Para Meynert, tanto a percepção quanto a memória lidariam com impulsos *simples*, ou seja, não haveria a possibilidade de chegarem ao ponto onde ele localiza a memória dois tipos de impulsos sendo um retido, que integraria a memória, e outro do qual não restariam marcas após eliminado, caracterizando a percepção. Também não faz parte da noção de Meynert localizar a memória em uma determinada área e a chegada dos estímulos da percepção em outra. Segundo Freud, com as características que dá Meynert à memória e à percepção torna-se impossível conceber um organismo. Há nesta tentativa uma contradição importante para Freud que retorna a ela posteriormente tornando-a o problema com o qual deve

espinhal". Estes seriam dois "modos de reprodução central" para os quais se atribuiria nomes diferentes, ou seja, dois momentos de um mesmo caminho das fibras nervosas. A reprodução direta somente seria possível na "moela espinhal", ponto a partir do qual o caminho das fibras nervosas implica uma redução do seu número. Assim, no cérebro chegariam fibras em menor número do que aquele que é possível encontrar na periferia, pelo que a reprodução no cérebro dos estímulos sensoriais seria então uma "representação". (FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p.101.)

lidar qualquer teoria que queira explicar a *memória* e a *percepção*. A solução definitiva de Freud para este problema somente será dada em *Entwurf*, onde se definem como distintos o sistema da memória e o sistema da percepção. Em *Aphasies*, no entanto, já está apontado o contra-senso que resulta da identificação entre os dois sistemas.

As discussões dos distúrbios afásicos implicam, além de uma concepção da memória e da percepção, uma noção das relações destas duas funções com a fala. Como já salientamos nesta seção, Freud demonstra que as noções de Meynert sobre a organização e o funcionamento do cérebro fazem da memória e da percepção um só sistema. Os distúrbios afásicos mostram os limites da fala e levam a pensar as implicações desta com a memória e com a recepção de estímulos sensoriais. Deveremos, então, continuar nosso esforço, avaliando a seguir nas explicações dos distúrbios afásicos, propriamente ditos, as noções dessa implicação que interessaram diretamente a Freud.

III - Sobre a teoria das localizações: crítica à noção reducionista da implicação da fala com a memória e a percepção

Os distúrbios da fala, encontrados nos mais variados quadros de afasias, servem para exemplificar de forma privilegiada os problemas da tendência, baseada na anatomopatologia, de pressupor que a todo sintoma deve corresponder uma lesão orgânica. Eram consideradas perturbações afásicas, por exemplo: a incapacidade de falar a não ser incentivado por um interlocutor; não conseguir falar o nome de um objeto conhecido ainda que possa dizer para quê ele serve; falar apenas uma palavra que se repete em qualquer situação. Aos vários tipos e graus de comprometimento identificados como distúrbios da fala a anatomopatologia procurava fazer corresponder lesões do órgão responsável pela função perturbada. Este órgão era o cérebro, ao qual se atribuíam as funções da *memória* (conforme a teoria de Meynert), o controle geral da *fala* e, ainda, a tarefa de ser o ponto final dos estímulos envolvidos na *percepção*. Como veremos, Freud vai se mostrar contrário à idéia da generalização da teoria das localizações, uma

vez que ela implica em aceitar para a relação da fala com a memória e a percepção os pressupostos de Meynert. Deveremos, então, mostrar os principais pontos da análise que Freud faz dos problemas decorrentes dessa idéia.

A teoria das localizações considerava que havia centros nervosos conhecidos como a área de Broca, com função motora, e a área definida por Wernicke, com função sensorial. Havia, ainda, a ligação entre estas duas áreas, numa localização cerebral diferente das duas, denominada área das vias de condução. As lesões correspondentes aos distúrbios afásicos, portanto, deveriam ser localizadas nas áreas do cérebro, o órgão responsável pelas funções implicadas na fala.

A descrição dos distúrbios afásicos era resultado da união das experiências de Broca e de Wernicke. Broca, a partir de duas autópsias defendeu em 1861, que "a perda ou a deterioração da fala articulada permite inferir a existência de uma lesão situada na terceira circunvolução esquerda" do córtex cerebral, área de articulação da fala ²⁹. Esta era a área a que se atribuíam tanto a morada das imagens mnêmicas relacionadas ao ato de falar quanto o controle deste ato. A perturbação dessa área é a *afasia motora*. A complementação de Wernicke, em *Der aphasische Symptomencomplex*, de 1874, procura demonstrar que além deste tipo de afasia descrito por Broca, chamada de afasia motora, poderia se atribuir também às lesões do córtex a perda da compreensão das palavras com manutenção da capacidade de articular a fala. Esta lesão seria da área sensorial conhecida como primeira circunvolução temporal esquerda, ficando este distúrbio, então, denominado de *afasia sensorial* ³⁰. Wernicke acrescentou, ainda, que haveria também a possibilidade de lesões nas vias de condução entre os centros (motor e sensorial), resultando na *afasia de condução*. Pela teoria das localizações, desta forma, o esquema explicativo das afasias era o de que pelas lesões do cérebro poder-se-iam explicar todos os distúrbios que seriam a *afasia motora*, com lesão no centro

²⁹ BROCA, P. *Sur le siège de la faculté du langage articulé avec deux observations d'aphémie (perte de la parole)*, 1981, ap. FREUD, S. *Aphasies*, op. cit. p.52. A tradução francesa traz neste trecho a expressão "la perte ou la détérioration du langage articulé ...". A diferença entre linguagem (*langage*), língua (*langue*) e fala (*parole*, que pode ser também palavra) não estava feita na terminologia da neuropatologia, no entanto, entendemos os termos de Broca, Wernicke e Lichtheim podem ser compreendidas, à luz da distinção contemporânea e não a partir do entendimento daqueles autores, como referências à fala.

motor, a *afasia sensorial*, por lesão no centro sensorial e a *afasia de condução*, por lesão nas vias de associação entre os dois centros da linguagem. Esta era a classificação geral, supostamente baseada em autópsias, iniciada por Broca e estabelecida por Wernicke.

Lichtheim desenvolveu as considerações de Wernicke, chegando a um esquema explicativo mais completo com o acréscimo de deduções teóricas baseadas nos pressupostos da anatomopatologia aliada à clínica. Considerando os três tipos de afasias, de *centro* motor, de *centro* sensorial e de vias de *condução*, acrescenta a possibilidade de as lesões que caracterizam os distúrbios da fala serem localizados nos feixes de nervos que do sistema nervoso central levam os estímulos à periferia do corpo ou trazem-nos aos centros. Wernicke retoma o esquema de Lichtheim e lhe dá uma nomenclatura que passa a ser mais geralmente aceita. O esquema de Wernicke-Lichtheim descreve, então, sete tipos de afasias, todas baseadas na idéia geral de lesões do cérebro, cujas áreas atingidas dariam margem à classificação em afasias de *centro* e afasias de *condução*, sendo estas últimas ainda subdivididas em condução central e condução periférica. Duas delas são atribuídas a lesões de *centros* já conhecidos, a afasia motora cortical (*centro motor*, de Broca) e a afasia sensorial cortical (*centro sensorial*, de Wernicke). Outras três decorreriam de lesão nas vias de associação entre os dois centros, a *afasia de condução central*³¹ ou de lesão das vias de condução entre os dois centros e um centro para o qual não se conhecia a localização, a *afasia motora transcortical* e a *afasia sensorial transcortical*. Assim, temos um quadro explicativo que se baseia nos pressupostos das localizações cerebrais, fundado e mantido pela anatomopatologia, sendo os acréscimos teóricos deduzidos de seu pressuposto geral.

Do conjunto de explicações dos autores citados por Freud, têm-se que a teoria das localizações reduz a fala aos processos fisiológicos do organismo.

³⁰ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p.52.

³¹ Na tradução francesa do texto de Freud, o esquema aqui referido traz para este tipo de afasia o nome de "*Aphasie de conduction d'après Wernicke*" expressão que traduzida literalmente confundiria o entendimento que pretendemos possibilitar do esquema explicativo e das críticas de Freud a ele. Assim, substituímos a expressão por "afasia de condução central" com base exatamente no esquema que Freud apresenta. (Ibid., p. 58.)

Trata-se de um circuito ligado aos centros cerebrais com dois caminhos da excitação nervosa, sendo o primeiro a via aferente, ou sensorial, pela qual "os sons da linguagem chegam via o nervo acústico numa área situada no lóbulo temporal, o centro sensorial da linguagem" ³². Deste ponto há a propagação da excitação até a "área de Broca, no lóbulo frontal, o centro motor" que, por sua vez, ativa o segundo caminho, a via motora, ou eferente, enviando o "impulso à linguagem articulada até a periferia" ³³. As *imagens mnêmicas dos sons* da fala habitam "as células do centro sensorial" (a área de Wernicke) e as *imagens mnêmicas dos movimentos* da fala, as "representações motoras da linguagem", como encontramos em *Aphasies*, habitam o centro motor (área de Broca), havendo entre estas duas áreas uma forma de associação, por meio de fibras nervosas. Nessas vias nervosas de ligações entre os centros, localizavam-se, segundo a teoria de Wernicke, operações nada elementares, como "a combinação de *diversas representações* em um *conceito* e outras coisas semelhantes" ³⁴. Assim, a fala estava reduzida às transformações fisiológicas nas áreas cerebrais às quais se atribuía cada operação.

É pleno de conseqüências, segundo Freud, o fato de que regularmente encontremos dificuldades para inserir no esquema de Lichtheim e de Wernicke os distúrbios de fala encontrados na realidade. A noção destes autores sobre a relação da fala com a memória e a percepção é deduzida do pressuposto reducionista, da memória e da percepção como meras mudanças orgânicas, ao qual os dados obtidos nas observações clínicas deveriam ser submetidos. A distinção, aceita depois de Wernicke, entre afasias de *centro* e afasia de *condução* liga-se à teoria reducionista de Meynert. Para mostrar o impasse da suposição da localização das funções psíquicas e a distinção presumida entre centros da fala e vias de condução, Freud propõe que se compare as possibilidades das lesões serem mais graves ou menos graves. Uma perturbação das vias de condução deveria levar a uma afasia menos grave, esta expectativa parece se confirmar na concepção de afasia de condução de Wernicke, *afasia sensorial transcortical* ³⁵. Esta

³² FREUD, S. *Aphasies*, op. cit. p.53.

³³ Ibid.

³⁴ Ibid. (grifo nosso).

³⁵ Ibid., p. 61.

descrevia a confusão de palavras na fala, estando o vocabulário e a compreensão das palavras conservados. Seria, segundo Freud, "um quadro clínico mais benigno do que a *afasia motora e sensorial*, causadas pela destruição dos centros da linguagem", centros motor e sensorial ³⁶. No, entanto, os próprios dados e discussões da anatomoclínica mostram que os chamados *afásicos motores*, ou seja, pessoas aos quais se atribui uma lesão na área cerebral motora relacionada à fala, podem produzir palavras mais complicadas do que habitualmente apresentam em seus "restos de linguagem", segundo uma expressão de Hughlings Jackson adotada por Freud ³⁷. O distúrbio, que é atribuído à afasia de condução de Wernicke e Lichtheim, portanto, não pode ser deduzido como lesão cerebral a não ser por força do esquema destes autores e do pressuposto reducionista pelo qual entendem a fala. Não há, diz Freud, perda da repetição de uma palavra de maneira isolada sem que haja comprometimento também da emissão voluntária dessa palavra. Isto quer dizer, então, que no cérebro a via envolvida no ato de falar voluntariamente uma palavra é a mesma envolvida numa repetição, ou seja, quanto ao papel do cérebro, não há como diferenciar a lembrança da palavra, sua escuta ou sua emissão a ponto de atribuir-lhes individualmente lesões.

Alguém que tivesse uma *afasia sensorial cortical*, ou seja, uma destruição do *centro sensorial* (área de Wernicke), sem combinação com alguma lesão em outra área, deveria apresentar preservada a capacidade de articular as palavras, função atribuída ao centro motor (área de Broca). No entanto, Ross, autor citado por Freud, mostrara haver "casos de afásicos sensoriais que também não conseguem mais dizer uma só palavra inteligível, mas que colocam em uma seqüência inesgotável as sílabas destituídas de sentido" ³⁸. Num caso do próprio Wernicke, a paciente, de língua alemã, respondia, assim que alguém lhe oferecesse qualquer coisa: "Então [Da] eu me deixo muito muito [viel, viel] toda vez [Mal] possível, que apenas o senhor viu [gesehen]. Eu agradeço muita [viel] vez [Mal] apoio carinho, que o senhor me disse tudo isto. Então, agora eu agradeço muitas vezes [vielmal] que o senhor foi muito bom [viemal],

³⁶ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p 61 (grifo nosso).

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid., p.72.

que o senhor foi muito amável" ³⁹. Nesta frase há repetições, excessivas e a princípio incontroláveis, de partículas (*da, dass, gut, gütig*) de verbos (*sehen, gewesen*), de substantivos (*Mal*) e uma pobreza de elementos com significação determinada, todas perturbações da articulação da fala. Se tivéssemos de explicar o distúrbio por uma lesão esta deveria estar localizada na área motora. No entanto, a definição de Wernicke neste caso era de uma afasia sensorial, cuja lesão estaria no centro sensorial (área de Wernicke). Neste exemplo, onde o sintoma não corresponde à lesão esperada, Freud vê mais do que uma falha ou inexatidão das descrições da anatomopatologia. Sua constatação mostra que a descrição dos distúrbios afásicos pela teoria das localizações está ligada ao pressuposto reducionista que torna a fala apenas o efeito das conduções de estímulos nervosos.

Ao refutar a teoria resultante da tradição de Broca, Wernicke, e Lichtheim, Freud contrapõe a elas pressupostos da teoria funcionalista e, indo além desta, introduz sua primeira idéia sobre as trocas de palavras. Segundo Freud a "afasia de condução de Wernicke não existe, pois é impossível encontrar uma forma de distúrbio de linguagem que deveria ter suas características" ⁴⁰. Pessoas sem lesão cerebral também apresentam esta disfunção, diz Freud: "*este tipo de perturbação em nada se distingue daquelas que podemos observar em pessoas saudáveis quando se encontram sob a influência de estados afetivos intensos ou pura e simplesmente por efeito do cansaço, não havendo necessidade de se recorrer à hipótese de uma lesão cerebral para se explicar esses distúrbios. Trata-se de um sintoma puramente funcional*" ⁴¹. Esta hipótese permite negar a idéia de que, anatomicamente, se tratasse de uma lesão das vias de condução, as vias nervosas supostas como a associação entre os componentes dos centros motor e sensorial. Mais que isto, neste distúrbio, chamado por Freud de *parafasia*, ele salienta que a relação entre as palavras trocadas involuntariamente pelo falante deve ser buscada não na direção das lesões e sim na direção que aponta um

³⁹ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 72. (tradução nossa) O trecho original é : " *Da lasse ich mir viel viel Mal alles Mögliche, was Sie nur haben gesehen. Ich danke halt viel liebes Mal, dass Sie mir das Alles Gesagt. Na, da danke ich vielmal, dass Sie sind so gut gewesen, dass Sie sind so gütig gewesen*".

⁴⁰ GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. v. 1., p. 23.

⁴¹ FREUD, S. *Aphasies*. op.cit., p. 71.

filólogo, Delbrück. Há parafasia, diz Freud, em dois casos, sendo o primeiro "usar as palavras umas pelas outras", como pluma (*plume*) por caneta (*crayon*), e sendo o segundo "confundir palavras de sonoridade semelhante", como *Butter* (manteiga) ao invés de *Mutter* (mãe). Ainda não se formula que as associações sejam da ordem das representações, mas já se as distingue do substrato anatômico. Por um lado, examinar a hipótese funcionalista parece ter sido uma boa estratégia para a refutação do localizacionismo e, por outro lado, apontar para uma questão totalmente ligada aos problemas da língua, demonstra já em *Aphasies* linhas de raciocínio a serem retomadas por Freud ⁴².

A concepção dos buracos sem função, de Meynert, aceita pelos outros dois autores germânicos, baseada na anatomopatologia, é outro ponto a expor o paradoxo do reducionismo. Os centros da linguagem que estejam em funcionamento, segundo Meynert e Wernicke, são separados por buracos sem função ⁴³, que são áreas do córtex vizinhas aos centros motor e sensorial da linguagem, ainda não ocupados por nenhuma imagem mnêmica. Sobre a função dessas áreas Meynert se exprime precisamente:

sucedese naturalmente que no curso do processo fisiológico da ocupação do córtex pelas imagens mnêmicas, uma extensão crescente do investimento das células corticais tem lugar, do que depende o desenvolvimento ulterior da esfera de interesses da criança pela multiplicação das imagens mnêmicas. É muito provável que na memória, como fundamento de todas as operações intelectuais, seja aplicado um limite de receptividade pelas células do córtex ⁴⁴

⁴² É curioso o modo como Freud se refere à parafasia, ainda que possamos estar sendo excessivos, esta referência nos lembra a idéia trabalhada por Jakobson, de que "é claro que os distúrbios da fala podem afetar em graus diversos a capacidade que tem o indivíduo de *combinar e selecionar* as unidades lingüísticas". Continua o autor, "esta dicotomia pode ser até mesmo mais sugestiva ainda que a distinção clássica...entre afasia de emissão e de recepção". (Ver: JAKOBSON, *Essais de linguistique générale, les fondations du langage*. Tradução de Nicolas Ruwer. Paris: Minuit, 1963, p. 49). A classificação e a descrição das afasias que se segue no trabalho de Jakobson baseiam-se inteiramente em questões lingüísticas, sem referência aos problemas cerebrais, isto é feito com base na lingüística estrutural, recurso com o qual Freud não contava.

⁴³ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 108.

⁴⁴ MEYNERT, T. *Psychiatrie. Erste Hälfte*, 1884, p. 140, ap. FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 109.

Freud interpreta esta última frase como uma autorização para pensarmos que não somente o desenvolvimento durante a infância, mas também a aquisição de conhecimentos mais tardios, como o estudo de uma nova língua, estaria na dependência da ocupação de uma área do córtex até então não ocupada "um pouco como uma cidade que cresce, colonizando as zonas situadas em volta dos muros de seu recinto" ⁴⁵. As aquisições anteriores, por exemplo a língua pátria, poderiam sofrer perturbações sem que as aquisições novas, por exemplo de uma nova língua, fossem atingidas, ou seja,

se em um alemão que compreende também o francês, os sons verbais franceses estiverem localizados em um endereço diferente dos sons verbais alemães, poderíamos encontrar um dia, em seguida a um rebaixamento focal [distúrbio cerebral], que o alemão não compreendesse mais o alemão mas ainda compreendesse o francês ⁴⁶

O que ocorre, no entanto, inclusive para todas as funções da linguagem, é justamente o contrário disto, ou seja, havendo perturbação, esta atinge as novas e as velhas aquisições ao mesmo tempo. Em termos anatômicos, estas operações localizam-se no mesmo lugar, conhecido como centro da primeira linguagem adquirida. Além disso, as imagens mnêmicas colocadas a trabalho na aquisição da nova língua poderiam ultrapassar em número aquelas da primeira língua aprendida ⁴⁷. Estes argumentos, de acordo inclusive com os próprios dados anatomopatológicos, apresentam motivos suficientes para que se possa tomar como absurda a afirmação sobre buracos sem função. Na verdade esta afirmativa é uma dedução justificada somente no pressuposto reducionista da concepção meynertiana inspirada na anatomopatologia.

O passo decisivo de Freud em direção a sua própria concepção de linguagem, memória e percepção foi considerar as explicações dos distúrbios afásicos por Hughlings Jackson. Segundo este, distúrbios como a parafasia, à qual não corresponde nenhuma lesão anatômica, exigiam que, para se compreenderem

⁴⁵ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 109.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 110.

as funções psíquicas, se considerasse sua relação com o cérebro como um todo e não apenas com as áreas restritas definidas por Broca, Meynert, Wernicke e Lichtheim. Os distúrbios afásicos seriam entendidos não como lesões mas como uma menor eficiência funcional da área delimitada na teoria das localizações como área da linguagem. Freud chama esta área, seguindo uma indicação de Meynert, de *aparelho de linguagem*⁴⁸, *Spracheapparat*⁴⁹. Segundo Jackson, portanto, o funcionamento da fala não somente colocava o aparelho de linguagem em relação necessária com as demais áreas cerebrais, e as respectivas funções atribuídas à cada uma, como também fazia do cérebro o substrato anatômico para o desenvolvimento dos processos de maturação e evolução das várias funções. A região cerebral da fala, *Spracheapparat*, responde solidariamente a qualquer perturbação, ou seja, os distúrbios não são lesionais. As lesões desta ou daquela região são compensadas ou complementadas pelo funcionamento geral do aparelho, região específica do cérebro, em sua relação com o cérebro como um

⁴⁷ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 109.

⁴⁸ A tradução francesa do ensaio de Freud apresenta *appareil du langage* (aparelho de linguagem) para o termo alemão *Spracheapparat*. Informados da diferença de uso dos termos *linguagem* e *fala*, para a interpretação do texto de Freud, tendemos a considerar também a possibilidade de usar *aparelho da fala* na tradução. Seguimos, no entanto, a tradução francesa, lembrando que para Freud e seus contemporâneos, pelo menos como os encontramos em *Aphasies*, o uso dos dois termos, linguagem e fala, era indiferente.

⁴⁹ Este termo é usado desde o início do texto de Freud, segundo Garcia-Roza, "sem maiores explicações, como se se tratasse de algo banal aos olhos e ouvidos da época" (GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., p. 26). O mesmo autor diz que "o fato de Meynert já ter feito uso do termo *Seelenapparat* (aparelho da alma), que poderia sugerir alguma semelhança com o *Spracheapparat* de Freud, não torna este último um termo familiar aos neurologistas. De fato, embora os termos guardem alguma semelhança (semelhança esta que é ainda maior com o *seelischer Apparat* da segunda tópica freudiana), Meynert está muito mais próximo, conceitualmente, de Wernicke do que de Freud. O aparelho da alma, de Meynert, é um aparelho neuroanatômico regido pela "mecânica do cérebro". O que Freud nos oferece com seu conceito de *aparelho de linguagem* é algo muito diferente, irredutível às teorias de Wernicke e Meynert (p.26). Concordamos que Freud nos apresenta algo que é irredutível às teorias de Wernicke e Meynert, como de resto irredutível às descrições da anatomopatologia. Mas esta novidade de forma nenhuma é o *aparelho de linguagem*, *Spracheapparat*. É exatamente quanto a este termo que Freud está muito próximo, no sentido de utilizar-se de uma definição idêntica, às definições de Wernicke, Meynert, Lichtheim. Para estes, tanto quanto para Freud, havia uma área cerebral, constatada inequivocamente pela anatomopatologia, relacionada de alguma forma à fala. A redução da fala aos movimentos mecânicos do cérebro é o que Freud contesta, não a existência da área relacionada a ela. Pelo contrário, a partir das indicações de Lichtheim, Freud amplia esta área e, considerando também as indicações de Hugglings Jackson, defende a hipótese de ela sempre funcionar relacionada às demais áreas do cérebro. Dá o nome, portanto, de *Spracheapparat* a esta *área cerebral*. A novidade de Freud neste texto, ao contrário de definir um *aparelho da fala*, *Spracheapparat* como um "primeiro aparelho da alma", é defini-lo como *substrato anatômico*, um dos determinantes da fala, e depois disso colocar-se na busca dos demais determinantes. Chega ao final do texto a uma conceituação clara da *estrutura simbólica*, esta sim, totalmente distante da conceituação dos seus contemporâneos. Portanto, se quiséssemos inventar algum aparelho da alma, para que fosse o primeiro em Freud, no texto das afasias, talvez devêssemos procurá-lo inicialmente na *estrutura simbólica*, sugerida com bastante evidência no texto. Nosso interesse é de salientar que a consideração da "concomitant dependent" é o início da formulação do impasse, de grande importância teórica, da relação entre uma "ordem representacional" e seu substrato anatômico, o *Spracheapparat*.

todo. Considerar as conseqüências teóricas destas explicações é de grande importância para o pensamento de Freud, não porque seu entendimento se reduza a uma aceitação pura e simples da concepção de Jackson, mas porque ela traz à discussão da linguagem um impasse teórico de extrema relevância: a idéia de um *Spracheapparat* distinto da função da fala e ao mesmo tempo substrato anatômico dessa função.

Para Hurlers Jackson, as funções relacionadas ao cérebro, como a fala por exemplo, passam por um processo de maturação com fases que se caracterizam por níveis crescentes de complexidade funcional. As últimas aquisições, em termos de arranjo funcional do cérebro, certamente são mais complexas do que as aquisições mais antigas. Este esquema se estende a todas as funções cerebrais. A aquisição das chamadas funções que têm no cérebro seu substrato anatômico iria de uma organização para a qual só seria possível um funcionamento automático, nos níveis primários, até uma organização que permitiria um funcionamento de maior plasticidade e menor automatismo, nos níveis de maior maturação. A retrogressão seria um movimento contrário ao da evolução seguida na maturação. Como salienta Garcia-Roza, as perturbações afásicas apresentam evidências das quais se pode facilmente perceber que “os níveis mais complexos e refinados” da função “se perdem primeiro, enquanto que os níveis mais primitivos” se conservam mais tempo, sendo atingidos por último⁵⁰. Lesões incompletamente destrutivas fazem com que o aparelho de linguagem responda com um distúrbio funcional produzido sem dano orgânico. Desta forma, a fala se relaciona ao cérebro no sentido em que este é o aparato no qual a crescente complexidade funcional encontra processos fisiológicos que a tornem possível.

A partir dessa constatação do papel do cérebro apenas como substrato anatômico, não se justificaria tomar as representações, ou representações sensoriais como imersas no córtex. O estado da terminologia psicológica, segundo Freud, resultava nessa confusão, é o que ele expressa neste trecho:

⁵⁰ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 36.

*se admitirmos que 'vontade', 'inteligência' não são mais que termos técnicos da psicologia que correspondem no mundo da fisiologia a relações muito complicadas, saberemos nós então com mais certeza, da 'simples representação sensorial' que ela seja outra coisa que não uma tal palavra técnica?*⁵¹

Os autores da neurologia, mais próximos das questões fisiológicas e anatômicas, tomavam a terminologia psicológica como definição de funções para as quais somente restaria encontrar as localizações cerebrais. Modificações cerebrais e representações, ambas noções vagas sobre coisas desconhecidas e ainda não caracterizadas, resultam, como salienta Freud, na esperança de que "*na célula nervosa será localizada uma representação*"⁵². Esta expressão elíptica, no entanto, leva a uma imediata confusão entre as duas coisas que, na verdade, não são semelhantes entre si⁵³. Isto, como diz Freud, é uma transposição injustificada:

*na psicologia, a simples representação é para nós alguma coisa elementar, que podemos distinguir claramente de suas combinações com outras representações. Disto chegamos a supor que o seu correlato fisiológico, a saber, a modificação que provém da excitação da fibra nervosa terminada no centro é igualmente alguma coisa simples, que pode ser localizada em um ponto*⁵⁴

O entendimento da fala inserida nos processos psíquicos como concomitantes ao *Spracheapparat* é a principal consequência teórica das explicações de Jackson sobre as afasias. A idéia de uma função psíquica localizada anatomicamente é atribuída por Freud à confusão criada pela aceitação, entre os neurologistas, da terminologia psicológica sem crítica à sua imprecisão. Freud lembra o alerta de Huxtings Jackson, de que "*em todos os nossos estudos de doenças do sistema nervoso, nós precisamos nos prevenir contra a ilusão de que estados físicos em centros inferiores tornam-se estados físicos nos centros mais altos quando, por exemplo, vibrações nos nervos sensoriais tornam-se sensações, ou de uma forma ou de outra uma idéia produz um*

⁵¹ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 105.

⁵² Ibid.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid.

movimento"⁵⁵. Wernicke já se havia mostrado reticente quanto a localizar funções psíquicas mais elaboradas em áreas cerebrais restritas. Esta afirmação poderia "parecer um grande avanço" considerando que a tendência da medicina em períodos anteriores era a de localizar faculdades psíquicas inteiras em certas regiões do cérebro⁵⁶. No entanto, pergunta Freud, não se cometeria "o mesmo erro de princípio ao se tentar localizar um conceito complicado, uma atividade mental completa, ou somente um elemento psíquico?"⁵⁷. Além disso, como se justifica imergir no psíquico "*uma fibra nervosa que, por toda a extensão de seu percurso, somente é submetida a uma configuração fisiológica e a modificações fisiológicas*" e tomar esta terminação como "*uma representação ou com uma imagem mnêmica?*"⁵⁸. A resposta, à primeira pergunta é afirmativa e a segunda não teria resposta conhecida, não podemos colocar em uma relação de causalidade com os processos psíquicos a cadeia de processos fisiológicos que tem lugar no sistema nervoso. Não há interrupção dos processos fisiológicos quando começam os processos psíquicos. Ao contrário, podemos pensar que a cadeia fisiológica é demandada, que a partir de um certo momento um fenômeno psíquico corresponde a uma ou a várias dessas cadeias, o que ocorre, então é que, Freud vai considerar a hipótese de que *os processos psíquicos são paralelos ao processo fisiológico, "a dependent concomitant"*⁵⁹, expressão usada por indicação de Hughlings Jackson.

Pode-se, então, levantar a hipótese de que a memória e a fala têm no organismo, no processo fisiológico, apenas o substrato, não se reduzindo a ele. Essa idéia ganha força ao se demonstrar a ocorrência em uma mesma região cerebral, e não em duas como era esperado pela teoria das localizações, da *associação* (no sentido fisiológico) e da *sensação*, sendo estas duas operações, na verdade, correlatos orgânicos de um processo psíquico que não se reduz a nenhuma delas.

⁵⁵ JACKSON, H. "Brain", I, p. 306, ap. FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 106 (tradução de Ana Maria Lopes Chagas Fernandes). Em inglês no texto de Freud: "In all our studies of diseases of the nervous system, we must be on our guard against the fallacy, that what are physical states in lower centres fine away into nerves become sensations, or that somehow or another idea produces a movement".

⁵⁶ *Ibid.*, p. 104.

⁵⁷ *Ibid.*

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ *Ibid.*, p. 105.

Freud pergunta, então, qual seria o "correlato fisiológico de uma representação simples ou que reaparece por ela mesma?"⁶⁰. Certamente, diz ele, "não é qualquer coisa que esteja em repouso [como uma impressão na célula nervosa], mas antes qualquer coisa da natureza de um processo"⁶¹. Este processo não é incompatível com a localização da *associação entre as fibras nervosas*. De um endereço particular do córtex pode estender-se sobre todo o resto ou ao longo de vias particulares, deixando "atrás dele, no córtex que é afetado, uma modificação, a possibilidade da lembrança"⁶².

Poder-se-ia alegar aqui que Freud, afinal, liga memória e cérebro, mas devemos ter cautela nisto. O caminho de excitação de uma lembrança como movimento cerebral, ainda insiste em aparecer no *Entwurf* se consideramos os trilhamentos (*Bahnungen*) ali descritos como marcas no cérebro. Mas este não é o caso. Como veremos, esta dificuldade terminológica será superada por outras indicações do próprio texto. Por outro lado, já em *Aphasies* a concomitância entre movimento cerebral e representação não nos leva a confundir os dois processos. Diz Freud, "é extremamente duvidoso que qualquer coisa de psíquico corresponda de forma idêntica a esta modificação [fisiológica]. Nossa consciência não apresenta nada parecido que, do lado psíquico, justifique o nome de 'imagem mnêmica latente'"⁶³.

Assim, do substrato anatômico se deve reconhecer a mesma participação tanto no caso de uma imagem mnêmica latente quanto no caso de uma imagem mnêmica consciente. Pode-se pesquisar na fisiologia de que forma a rememoração corresponderia a um processo de excitação de caminhos de associação como estimulação do mesmo estado do córtex no momento da percepção e neste em que "renasce de novo o psíquico sob a forma de uma imagem mnêmica"⁶⁴. Mas, o que Freud nos mostrará é que se há algo de latente e algo consciente a origem dessa cisão não foi inventada pela natureza da célula cortical.

No caso da fala o substrato anatômico ao qual se poderia atribuir os processos fisiológicos correspondentes logicamente é a área denominada por

⁶⁰ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 106

⁶¹ Ibid. (grifo nosso).

⁶² Ibid.

⁶³ Ibid.

Freud de *Spracheapparat*, e este, portanto, não seria a única determinação daquela função. Se há a concomitância defendida por Jackson, as relações desta área com as outras partes do cérebro, ou seja, todas as descrições dos autores alemães que podemos tomar como sua concepção de linguagem, se reduz a apenas uma das determinações da linguagem. Ao considerar esta distinção, mais do que aderir a um paralelismo psicofísico, Freud está preparando o terreno para enfrentar o paralelismo como o grande impasse a ser superado por uma noção de linguagem. Aqui, no entanto, já temos claro que o *Spracheapparat* é somente o substrato anatômico da linguagem. Há, admite Freud, essa região cerebral relacionada à linguagem, mas, distinta dela há também a estrutura, não orgânica, das representações. Será uma dificuldade de Freud lidar com ambas as dimensões às quais não estava muito claro como referir a memória e a fala, nesta direção a discussão irá para muito além do consenso organicista e reducionista no qual as pesquisas da medicina haviam localizado o entendimento da fala. Uma breve passagem pelo teor deste consenso e da atitude conflitiva de Freud em relação a ele nos será útil para que possamos prosseguir rumo ao entendimento deste sobre a linguagem.

IV - Um consenso na medicina do final do século XIX

O que se mostra no estudo crítico sobre as afasias é uma refutação do reducionismo e do organicismo dos professores germânicos que, na verdade, inserem-se no consenso criado pelas figuras teóricas hegemônicas na medicina do século XIX. Estas são, segundo Roudinesco: "anatomopatologia, anatomoclínica, anatomofisiologia, microbiologia, localizações cerebrais, hereditariedade-degenerescência, etc." ⁶⁴. Ainda segundo esta autora, teve sua elaboração ou reformulação sob a presidência destas noções também o campo das ditas doenças nervosas: "neurologia, psiquiatria, psicopatologia, psicologia e 'psico-análise' " ⁶⁶.

⁶⁴ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 106.

⁶⁵ ROUDINESCO, E. *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos*, vol. 1, op. cit., p. 20.

⁶⁶ *Ibid.*

Dentre as figuras teóricas, a que resulta da reunião dos estudos de anatomia patológica (anatomopatologia) com a atividade clínica tem um papel especial. A esta figura denominou-se anatomoclínica, à qual se deve o vigor da concepção de Meynert sobre o papel do cérebro e o embasamento da teoria das localizações, presentes no trabalho de Wernicke e Lichtheim. No texto das afasias fica clara a impossibilidade de pensar a *percepção*, a *memória* e a *fala* pelas teorias dos autores germânicos, justamente pelo fato de suas conclusões se basearem no consenso reducionista e organicista característico das figuras teóricas dominantes. A partir desse consenso eram englobados os dados conseguidos nas autópsias. A manutenção desse pressuposto conta também com as pesquisas da anatomofisiologia e, em certos aspectos, da microbiologia.

Mas se é tão claro assim o reducionismo organicista das figuras hegemônicas e sua sobrevivência nas teorias dos professores germânicos de Freud, por quê este simplesmente não os abandona a sua própria sorte? Ora, esse período da medicina é exatamente o momento de hegemonia de uma visão materialista dos processos da vida, das doenças e da morte, que interessava sobremaneira a Freud. Assim, talvez possamos chegar a uma equação que muito explica os rodeios conceituais de Freud, os quais não poderíamos interpretar apenas como questões pessoais do próprio autor. Há uma passagem conceitual da visão anatomopatológica dos processos da linguagem para uma visão bastante autêntica em Freud. Mas esse reposicionamento não é linear e sim entremecado de idas e vindas em torno da referência ao organismo. A equação seria: : os pressupostos generalizados pela medicina do século XIX são *materialistas* enquanto que os pressupostos desta mesma medicina são *reducionistas e organicistas*.

Reconhecemos que o aprofundamento desta investigação ultrapassa em muito nossos objetivos por se referir à obra de Freud como um todo e não apenas ao que nos interessa discutir. No entanto, somos incentivados a prestar atenção ao menos no aspecto do materialismo como algo que, em algum momento, importou a Freud. Ele mesmo refere-se tanto ao materialismo como ao mecanicismo de uma forma que nos oferece a oportunidade de um esclarecimento. Trata-se de uma pequena análise, feita em 1924, das resistências à

psicanálise. Neste texto Freud nos diz que suas pesquisas iniciais em busca do sentido dos sintomas histéricos podem distinguir duas posições: de um lado, a daqueles que reconhecem que a "ciência, em sua perpétua falta de compleição e insuficiência, é impelida a esperar a salvação em novas descobertas e novas maneiras de olhar as coisas" ⁶⁷; de outro lado, influenciada pela filosofia da natureza, a posição daqueles que "encaram abstrações como aquelas com que a psicologia está obrigada a trabalhar, como nebulosas, fantásticas e místicas" ⁶⁸. Os próprios psiquiatras, que eram levados a lidar com "os mais inusitados e espantosos fenômenos mentais", contentavam-se com uma posição de "classificar o variegado conjunto de sintomas e remetê-los, até onde podiam, a distúrbios etiológicos somáticos, anatômicos ou químicos" ⁶⁹. A reprovação desta atitude dos psiquiatras vem com uma denominação para a posição epistemológica:

durante este período materialista, ou melhor, mecanicista, a medicina realizou avanços formidáveis, embora também mostrasse uma compreensão míope dos mais importantes e difíceis problemas da vida ⁷⁰

A correção que a própria frase de Freud traz é preciosa: período materialista, ou melhor, mecanicista. Com isto estaria ele nos indicando que há algo de interessante, melhor, fundamental, no materialismo da medicina? Parece que sim, mas... Essa mesma medicina mostrava uma compreensão míope; mecanicista? Aqui se articula uma referência à medicina de uma forma geral, com equívocos em relação aos mais importantes e difíceis problemas da vida mas também com equívocos como o que encontramos em Meynert, Wernicke e Lichtheim, aos quais Freud se propôs oferecer confronto no texto das afasias.

Poucos duvidariam de que o chamado cientismo de Freud aparece como um interesse, ou até compromisso com a pesquisa e com a descrição coerente com a terminologia materialista mais bem sistematizada, como a da física e da

⁶⁷ FREUD, S. *As Resistências à psicanálise*, E.S.B., v. 19, p. 265.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 268.

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ *Ibid.*

química, por exemplo ⁷¹. A medicina possibilitava esta posição. As explicações dos processos mórbidos, por obra da pesquisa anatomoclínica e da anatomofisiologia deixaram de ser fantasistas e ganharam definições precisas e operacionais. A tecnologia do controle sobre o sofrimento orgânico tornou-se independente de uma teorização geral sobre os processos da vida e da morte. Ainda que ela tenha se desenvolvido no sentido de um reducionismo, foi exatamente a referência a processos orgânicos que permitiu o avanço.

Michel Foucault afirma que “o grande *corte* da história da medicina ocidental data do momento em que a *experiência clínica* transforma-se na visão *anatomoclínica*” ⁷².

Xavier Bichat é reconhecido como o primeiro a utilizar o método da observação anatômica associado à observação clínica. Realizou, ao longo de um único inverno, autópsias de seiscentos cadáveres, material experimental pelo qual as localizações anatômicas, às quais estariam ligadas as patologias observadas clinicamente, estavam estabelecidas de forma irrefutável ⁷³. Nas obras *Traité des Membranes*, *Reccherbes sur la Vie et la Mort* e *Anatomie General*, escritas entre 1797 e 1800, Bichat sistematizou o estudo de cada um dos tecidos tomados separadamente, diferenciando-os entre si. Reconheceu as três grandes categorias de membranas, mucosas, serosas, fibrosas e os tipos compostos. Estabeleceu a anatomia e a fisiologia das membranas sinoviais, que envolvem o encéfalo e a medula espinhal, dando especial atenção à estrutura da membrana aracnóide ⁷⁴. Com Bichat as afirmações metafóricas que tentavam descrever as diferenças entre

⁷¹ Assoun, ao avaliar as relações de Freud com a terminologia da Física e da Química, ressalta a pergunta feita num texto de 1918: "por que 'análise'- que significa dividir ou separar, e sugere uma analogia com o trabalho, levado a efeito pelos químicos, com substâncias que encontram na natureza e trazem para seus laboratórios? Porque, em um importante aspecto, existe realmente uma analogia entre os dois trabalhos" (FREUD, S. *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*, E.S.B., vol. XVII, p. 202). Esta referência, segundo Assoun, deve ser acrescida da observação de que é com uma "química energética que Freud afirma a analogia psicanálise/química". Nisto inclui-se a noção divulgada por Ludwig Büchner, de que a matéria seria redutível à força, compartilhada por nomes como Moleschott, Du Bois-Reymond, Haeckel, Cornelius e Helmholtz. E, finalmente, Assoun destaca a declaração de Freud, em 1923, de que a psicanálise seria uma ciência que "se comporta como a física ou a química, de tal sorte que seus mais elevados conceitos não são esclarecidos, suas proposições são provisórias, mas espera, do trabalho futuro, que tenham uma determinação mais contundente" (Ver: ASSOUN, P.-L. *Introdução à epistemologia freudiana*, op. cit., p. 66-7).

⁷² FOUCAULT, M. "Naissance de la Clinique". Paris, P.U.F., 1972, p. 149, ap. ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França*, op. cit., p. 18.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ DUMESNIL, R. *Histoire Illustrée de la médecine*. op. cit., p.200.

os tecidos do organismo como "cada parte do corpo é um animal no animal"⁷⁵, deram lugar a formulações precisas que colocavam de maneira exata a correlação entre tecido, órgão e função. De seu trabalho nascem a histologia e a anatomia patológica, inseridas na grande tendência possibilitada pela aproximação entre a clínica e os estudos de anatomia.

A acomodação recíproca entre clínica e anatomia, dois ramos heterogêneos do saber médico, abriu caminho para a contestação do vitalismo que defendia a existência de um princípio vital, de uma alma ou de uma força, independente dos fatores físicos - fixos, uniformes e passíveis de cálculo. As escolas vitalistas admitiam a exclusão das próprias pesquisas do campo das "ciências naturais", tão impressionante era a idéia geral de que os processos biológicos só eram possíveis como consequência da força vital. Ainda que as pesquisas de Freud estivessem muito distantes de uma possível acusação semelhante a que se fazia aos vitalistas, é bem conhecida a sua preocupação de classificar o seu trabalho, iniciado com a *talking cure*, no campo das *Naturwissenschaften*⁷⁶. Uma exclusão das pesquisas de Freud deste campo, ainda que por motivos distintos dos que a isso serviam no caso das teses vitalistas, era algo a ser evitado. Quanto à refutação do vitalismo e de qualquer outra tese que não seguisse a tradição materialista da medicina, ganharia o apoio de Freud.

Segundo Claude Bernard "o gênio de Bichat foi o de haver compreendido que a razão dos fenômenos vitais devia ser procurada como a razão dos fenômenos físicos, nas propriedades da matéria, no seio da qual se cumprem esses fenômenos"⁷⁷. Os demais pesquisadores que sucederam Bichat na busca dessas explicações mantiveram-se fiéis a este pressuposto. Ele tornou-se a grande diferença entre o entendimento anterior, principalmente o que se resume pelo

⁷⁵ MONDOR, H. *Grands médecins presque tous*. op. cit.

⁷⁶ Disto nos dá exemplo a introdução do *Entwurf* e, além disso, a afirmação de Assoun de que para Freud seria necessário diferenciar a "psicanálise como ciência da natureza (*Naturwissenschaft*)" e a "filosofia como concepção do mundo (*Weltanschauung*)". É o próprio Assoun, citando Freud, esclarece a que filosofia este se refere, àquela que tem por ambição "conceber a totalidade do mundo (*das Weltganze*)... [sem] nenhum espaço para novas descobertas e pontos de vista aperfeiçoados", trata-se de chegar à "inteligibilidade absoluta partindo de alguns 'conceitos fundamentais' (*Grundbegriffe*) de onde tudo se deduz rigorosamente. Ora, obtém-se assim, uma idéia completa daquilo que a psicanálise não é". Em última instância isto significaria "reputar ilegítima toda tentativa de anexação da psicanálise a um sistema especulativo" (Ver: ASSOUN, P.-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, pp. 46-47).

termo vitalismo e que existiu inclusive como escola na medicina, e as soluções teóricas que permitiram o grande avanço dos estudos das morbidades orgânicas. Corvisart, ao introduzir o ensino anatomoclínico na França, na época de Bonaparte, era o herdeiro de uma visão que suplantara definitivamente as explicações anteriores por estar ancorada em conceitos sobre o organismo conforme a compreensão da anatomopatologia.

Este materialismo instruído pela anatomopatologia e, ao mesmo tempo, instrutor dela foi saudado como o grande diferenciador do entendimento dos processos mórbidos inclusive com relação ao "milagre grego", como Jean-Louis Faure denomina a grande sistematização realizada por Hipócrates. Para os assuntos da medicina, o período grego foi posterior a vários séculos de "progressos e decadências" de onde lentamente se eleva o "espírito humano" até chegar a este momento de "se livrar dos erros do passado"⁷⁸, como se lê num manual atual de história da medicina. Com Hipócrates, o estudo da doença, ou seja, a sistematização visando a teoria, e o exame do doente em busca de signos que pudessem ser tomados como característicos das determinadas morbidades, caracterizam a *visão clínica*. A forma de trabalho imputada a Hipócrates, verificável ao longo da antigüidade, permaneceria por quinze séculos sendo a fonte dos princípios e das idéias orientadoras das pesquisas na Europa. Os "terríveis erros" que se reconhecem na obra de Hipócrates podem ser atribuídos ao fato de ele ter vivido "num tempo onde os conhecimentos anatômicos eram ainda rudimentares, e onde as leis da fisiologia eram desconhecidas"⁷⁹. Os novos pressupostos somente puderam ser erigidos com as descobertas da fisiologia, descobertas das quais a clínica unida a anatomopatologia, na mesma direção de Bichat, teve o mérito de ser a grande referência, acrescentando à visão clínica as certezas das constatações anatômicas.

Bichat é o nome inicial de uma convicção, firmada do final do século XVIII até meados do século XIX, de que a explicação teórica definitiva de qualquer sintoma estaria necessariamente ligada à descrição de uma doença à qual

⁷⁷ FAURE, J-L. "Préface" In: DUMESNIL, R. *Histoire Illustrée de la médecine* op. cit., p. 9

⁷⁸ Ibid.

corresponderiam lesões anatômicas. Estas seriam sempre encontráveis nos órgãos, para os quais, aliás, já se conheciam os tecidos. *Sintoma, função, órgãos e tecidos* são noções que desempenharam papel decisivo na hegemonia da anatomoclínica. As doenças constatáveis pela observação dos sintomas deveriam, assim, ser incluídas no conjunto de explicações teóricas por meio da descoberta de uma lesão anatômica presumivelmente correspondente. Das lesões anatômicas, portanto, decorreriam o comprometimento da função relacionada.

A microbiologia representou uma outra face das certezas da medicina do final do século XIX, porque ela pôde, já nas descobertas que lhe deram origem, esclarecer e substituir, com seus conceitos, noções imprecisas. *Contágio e miasma*⁷⁹ eram duas delas. O *contagium* era tido como uma substância que, do corpo doente, passava de indivíduo para indivíduo, transmitindo a moléstia. A sífilis, transmitida de homem a homem e a raiva, do cão para o homem, eram exemplos deste processo. *Miasma* denominava uma “substância gerada fora do corpo do doente”, que se espalhava pelo ar tornando-o pestilencial. O contato com o ar produzia a moléstia. O impaludismo e a gripe eram tomados como exemplos práticos destas definições. “*Morbus contagia, mors miasmata gignit*”, dizia-se: o contágio vinha do organismo doente, o miasma derivava de matéria morta.

As doutrinas do contágio e do miasma eram bem elaboradas, mas mantinham-se no plano das hipóteses sem correspondência orgânica constatável. Escrito em 1546, o livro *De contagionibus et contagiosis morbis et eorum curatione*, de Hieronymus Fracastorius, postulava três formas de contágio: *per contactum, per formitem* (indireto) *et a distans*. Estas classificações, discutidas durante quase dois séculos, eram formas de “especulações teóricas”, segundo os manuais atuais, e foram “finalmente”, substituídas pela atribuição, feita em 1762, pelo médico vienense Plenciz, das causas das doenças aos *animalcula*, tendo cada doença o seu micróbio específico. O estabelecimento definitivo da concepção bacteriana das doenças infecciosas somente vem com Pasteur e Koch. O primeiro, em 1860, põe termo à discussão sobre a possibilidade da geração espontânea, e o segundo,

⁷⁹ FAURE, J-L. "Préface", op. cit., p. 10.

⁸⁰ BIER, O. *Bacteriologia e Imunologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1961, pp. 3-13.

com pesquisas sistemáticas consegue identificar o vibrião da cólera. A microbiologia, desta forma, ao resolver as atribuições de causas das doenças para as quais não havia a possibilidade de colocar a lesão anatômica em primeiro plano, substituiu por conceitos também materialistas as explicações especulativas da doutrina do miasma e do contágio.

As noções reunidas sob a denominação de anatomoclínica, anatomopatologia, anatomofisiologia e microbiologia, como figuras dominantes no discurso médico presidiram a elaboração ou a reformulação também dos diferentes campos da clínica das chamadas doenças nervosas⁸¹. O próprio entendimento de que os sintomas observados na clínica, como os distúrbios afásicos, por exemplo, deviam-se a morbididades no cérebro, é fruto dos pressupostos firmados pela hegemonia das figuras dominantes. Experiências como as de Bichat, continuadas pelas escolas posteriores a ele, sedimentaram o entendimento sobre a necessidade de correspondência anatômica para os fatos clínicos. Este ideal foi estendido, por princípio, às demais pesquisas, tornando-se, no caso das chamadas doenças nervosas o pressuposto ao qual qualquer fato novo deveria adequar-se: uma perturbação lesional no *sistema nervoso*. Este era o tecido ao qual as funções deveriam corresponder. Funções desde as mais simples até as mais complexas, como por exemplo a *fala*, a *memória* e a *percepção*. Assim, a discussão sobre estas três noções dizia respeito ao campo da clínica das doenças nervosas, tendo como hegemônicos os pressupostos das figuras teóricas dominantes.

A crítica de Freud é precisa, aparentemente pontual, mas, para muito além da questão tratada no ensaio, estende-se ao estado do consenso criado pela hegemonia das figuras que ligam necessariamente organismo e sintoma. Freud demonstra o absurdo do reducionismo de Meynert no que diz respeito às concepções de memória e de percepção e das relações destas entre si. Esclarece, também, que é baseado no mesmo realismo reducionista e organicista que se embasa a noção de linguagem em Wernicke e Lichtheim. Todos estes eram representantes do consenso em torno das figuras teóricas citadas. Resta, então,

um compromisso com o materialismo que permitiu todo o avanço da medicina e uma crítica ao reducionismo, problema que permanece na obra de Freud e que mereceria uma outra pesquisa. Pelo menos é o que indica Louis Althusser ao referir-se a Freud como o outro autor, além de Marx, que ao nosso século legou uma visão materialista, cada um em relação ao seu objeto teórico específico ⁸².

V - Psicopatologia com *mise en scène*: *la théorie c'est bon mais ...*

Além dos professores alemães, representantes da árida anatomopatologia sem *mise en scène*, era herdeiro da anatomoclínica também Charcot, interessado especialmente na observação direta dos sintomas histéricos. Parece que durante os meses em que Freud permaneceu em Paris, na sua primeira viagem àquela cidade, causou-lhe impressão um dito espirituoso de Charcot, pelo qual sua opção fica clara quanto à preponderância de um ou de outro lados da via teoria e prática ⁸³. Uma discussão com Charcot sobre a paralisia histérica em comparação com a paralisia orgânica deu oportunidade a Freud de mostrar-se cético sobre a possibilidade de, em casos de paralisia histérica (identificada à hemianestesia), estar ausente uma espécie mais específica de paralisia (a hemianopsia), atribuída realmente ao organismo e sempre presente em casos de hemianestesia. Teria dito então que isso contrariava a teoria da hemianopsia, ao que respondeu Charcot: "*La théorie c'est bon; mais ça n'empêche pas d'exister*" ⁸⁴. Freud toma esta frase como uma definição de posição epistemológica. Aos autores alemães era imprescindível

⁸¹ ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França, a batalha dos cem anos*. op.cit., p. 20.

⁸² Este autor propõe em 1966 que "*pode-se afirmar, em primeiro lugar, que, num mundo igualmente dominado pelo idealismo e pelo mecanicismo, Freud nos oferece o exemplo, assim como Marx, de um pensamento materialista e dialético*" (Ver: ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. 2. ed. Introdução crítica-histórica e Tradução de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.77).

⁸³ O próprio Freud, em carta a sua noiva em 24 de novembro de 1885, escreve: "Acho que estou mudando muito. Vou dizer-lhe detalhadamente o que me está afetando. Charcot, que é um dos maiores médicos e um homem cujo senso comum tem um toque de gênio, está simplesmente desarraigando minhas metas e opiniões. Por vezes, saio de suas aulas como se estivesse saindo da *Notre Dame*, com uma nova idéia de perfeição. Mas ele me exaure; quando me afasto, não sinto mais nenhuma vontade de trabalhar em minhas próprias bobagens; há três dias inteiros não faço qualquer trabalho, e não tenho nenhum sentimento de culpa. Meu cérebro está saciado, como se eu tivesse passado uma noite no teatro. Se a semente frutificará algum dia, não sei; o que sei é que ninguém jamais me afetou dessa maneira..." FREUD, S. (1893) "Charcot" *In* E.S.B., v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p.19.

⁸⁴ FREUD, S. "Prefácio e notas de rodapé à tradução de *leçons du mardi de la salpêtrière (1887-8) de Charcot*" *In* E. S. B., v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, 3ª Ed., p. 205.

a teoria, ou seja, o que eles denominavam teoria a partir dos consensos em torno da anatomopatologia. A surpreendente frase de Charcot revelou várias comparações entre a escola alemã e a escola francesa, ingredientes do alento obtido por Freud para avançar na direção clínica, que em última instância o tornaria ainda mais solitário.

A primeira comparação possível é a de que para os autores alemães a clínica se propunha a "fazer uma interpretação fisiológica do estado clínico e da inter-relação dos sintomas", enquanto que para Charcot seria de maior importância, a partir da observação direta, elaborar e aprimorar a descrição das *entités morbides*, dos *types*. Para isto a fisiologia em nada acrescentaria. Charcot teria dito: "*eu faço morfologia patológica, mesmo um pouco de anatomia patológica; mas não faço fisiologia patológica, espero que algum outro a faça*"⁸⁵. Para Charcot, segundo Freud, dever-se-ia ter cuidado com as invasões da medicina teórica. Ele "nunca deixou de defender os direitos do trabalho puramente clínico, que consiste em ver o ordenar"⁸⁶. As comparações aparecem em outros trechos, mas importa-nos aqui salientar o juízo de Freud sobre a acusação a Charcot: lidar com "material raro e estranho", tomando-o como objeto de estudo científico. O veredito de Freud parece tê-lo levado muito além do consenso teórico germânico: percebeu a necessidade de um caminho próprio. A acusação que os autores alemães faziam a Charcot devido a essa sua predileção era a de que ele teria uma reduzida capacidade crítica em consequência da qual corria o risco de, como os demais pesquisadores interessados na histeria, cair em total descrédito.

Ainda na época de Charcot sustentava-se que na histeria qualquer coisa era possível e não se dava crédito aos histéricos em relação a nada⁸⁷. No entanto, a primeira grande obra de Charcot, segundo Freud, teria sido, colocando todo o peso de sua autoridade, resgatar a dignidade das pesquisas com a histeria. O renome de Charcot vinha de seu trabalho com as doenças orgânicas incluídas nos estudos da neuropatologia. Baseado no método anatomopatológico ele conseguira

⁸⁵ FREUD, S. "Prefácio e notas de rodapé à tradução de *leçons du mardi*", op. cit., p. 199.

⁸⁶ ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França*, op. cit., v. 1., p. 34.

⁸⁷ FREUD, S. "Relatório sobre os meus estudos em Paris e Berlim" In E.S.B. v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 48.

demonstrar a ligação de vários sintomas às lesões cerebrais. Ao se voltar para a histeria, colocou-a como um dos itens da neuropatologia, adotando como método de estudo a observação clínica pura, uma vez que obtivera a convicção de sua desvinculação das causas lesionais profundas. A histeria, segundo Charcot, seria uma doença hereditária, a *famille neuropathique*, com agentes provocadores que seriam encontrados no curso da vida. A lesão a que correspondia seria "uma lesão puramente dinâmica ou funcional", portanto não encontrável *post mortem*, como diz Freud⁸⁸.

Roudinesco defende que Freud teria tirado proveito da predileção de Charcot por uma concepção experimental da clínica para "conceber a possibilidade de um pensamento desvinculado da consciência: este produziria efeitos somáticos à revelia dos indivíduos, já que a histérica era 'possuída' por seus sintomas"⁸⁹. Antes que um questionamento da consciência é a confirmação de que se poderia pensar uma desvinculação entre a anatomia e a ordem dos processos psíquicos que Freud encontra na frase de Charcot. A teoria a que se refere a frase é justamente esta que indica a vinculação obrigatória dos sintomas às lesões correspondentes. O próprio Charcot adotava esta esperança de vinculação desde sua formação mas preferia suspendê-la em suas análises de casos de histeria. Em outro episódio quase anecdótico, não fosse o tom tétrico, ainda quando estudante, ele recebeu uma criada que sofria de um tremor específico que a impossibilitava, pelo desajeitamento, de encontrar qualquer colocação duradoura. Tratava-se, segundo Charcot, de uma "paralisia coreiforme", já descrita anteriormente por Duchene, "mas cujos fundamentos não eram conhecidos". Apesar dos prejuízos com travessas e pratos quebrados a doméstica foi mantida. Quando ela "veio finalmente a falecer", Charcot pode demonstrar, pela autópsia da criada, "que a paralisia coreiforme era a expressão clínica da esclerose cerebrosinal múltipla"⁹⁰. Depois disso ele teve êxito em descrever, pelo mesmo método, a tabe, esclerose múltipla, esclerose amiotrófica lateral, etc.

⁸⁸ FREUD, S. "Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e históricas" In E.S.B., v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 239.

⁸⁹ ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França, a batalha dos cem anos*. op.cit., p. 34.

Os sintomas histéricos eram uma exceção à regra das localizações e por isto, indevidamente, tratados como material raro.

A histeria poderia propiciar a demonstração da desvinculação que há entre a anatomia do cérebro e aquele campo para o qual Freud tinha já o interesse de se voltar: o lado até então obscuro do concomitant dependent, como já mostramos. Ora, era exatamente esta desvinculação que interessava a Freud. Se a fala pôde vir à tona nas observações de Freud isto se deve ao abandono das esperanças de causas lesionais de sintomas. Um texto iniciado no primeiro contato com Charcot e publicado somente depois do texto das afasias demonstra a querela que Freud tentou criar em torno desta distinção: *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. Trata-se de um estudo minucioso que busca fazer entender que:

de vez que só pode haver uma única anatomia cerebral verdadeira, de vez que ela se expressa nas características clínicas das paralisias cerebrais [e Freud demonstra neste ensaio a impossibilidade da paralisia histérica se enquadrar nesta anatomia pelas posições das afecções histéricas no corpo], evidentemente é impossível que essa anatomia constitua explicação dos aspectos diferenciais das paralisias histéricas. Por essa razão, não devemos, com base na sintomatologia dessas paralisias histéricas, tirar conclusões sobre a anatomia cerebral ⁹¹

O próprio Charcot, como afirmamos, autorizava o entendimento de que não havia esta lesão anatômica, ainda que sua idéia de lesão funcional fosse uma aposta organicista. Se Charcot mostrou a Freud a importância de olhar para as manifestações histéricas buscando indícios que pudessem formar quadros, Freud propôs-se a ouvir o que a histérica dizia. É desse gesto simples que se cria a possibilidade da psicanálise. Ao buscar na fala, no discurso da histérica, o jogo de trocas, exclusões e inversões, Freud deparou-se com uma nova dimensão para a

⁹⁰ Episódio narrado em FREUD, S. "Jean Marie Charcot", ap. ROUDINESCO, E., *História da Psicanálise na França*, op. cit., p. 33.

⁹¹ FREUD, S. "Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas", op. cit., p. 238.

qual a neuroanatomia e a terminologia psicológica do final do século XIX eram insuficientes.

A discussão sobre a histeria, na contraposição da escola francesa à escola alemã de neuropatologia, parece ter revelado a Freud que há uma realidade (*Wirklichkeit*) a ser considerada no jogo de mentiras e verdades da histeria. Ele irá muito além de Charcot nessa direção. Rapidamente verá nas convulsões, crises, ataques, paralisias, traumatismos, violações imaginárias, enfim, isto que Roudinesco e Plon chamam de a "miséria da alma e do corpo, muito bem descritos por Charcot"⁹² a matéria dessa realidade. Ela, no entanto, não era da mesma ordem do que a tradição médica conhecia.

Assim, se Charcot resgatou alguma verdade para a histeria, retirando-a do descrédito, o fez sem saber qual era essa verdade. Freud soube, a partir da grande impressão que lhe causou Charcot, perceber que seria na fala que se deveria buscar essa verdade. A *cura pela fala*, de Breuer, encaminhava as coisas nessa direção desde os seus tropeços iniciais. Charcot não se interessara por isso. Ao viajar à França Freud levou consigo o caso de Anna O⁹³, uma paciente capaz de "uma violenta explosão de excitação", diante de um fato grave como a morte de seu pai, "acompanhada de um profundo estupor, que durou cerca de dois dias e do qual ela emergiu num estado acentuadamente modificado"⁹⁴. Tinha, segundo Breuer, "devaneios sistemáticos que descrevia como seu 'teatro particular' ". Esta moça, na fase de doença manifesta, apresentava "parafasias", em meio a outros sintomas como estrabismo convergente, graves perturbações da visão, *tussis nervosa* típica, *absenses*, etc. Sua capacidade de falar passou por uma diminuição gradativa e depois foi recuperada. Primeiro uma dificuldade de encontrar as palavras, depois perda do domínio da gramática e da sintaxe, na seqüência ficou quase totalmente desprovida de palavras. Segundo Breuer, "juntava-as penosamente a partir de quatro ou cinco idiomas e tornou-se quase ininteligível", com o uso de um jargão até mesmo nas tentativas de escrever. Breuer, na comunicação preliminar publicada em 1893, classifica como parafasia este

⁹² ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dictionnaire de la psychanalyse*, op. cit., p. 174.

⁹³ Idem. *História da psicanálise na França*, op. cit., p. 24.

distúrbio que desapareceu quando a paciente passou a falar somente inglês e não mais o alemão. Esta mesma paciente foi capaz de definir o método de Breuer como *talking cure*.

A teoria que Freud começa a erigir, na qual irá encontrar um lugar para o seu conceito de inconsciente, baseia-se na experiência com a fala. Se inicialmente ele acreditou literalmente nas palavras (eu acreditava nessas histórias de sedução infantil que eram contadas, diz ele) logo em seguida, com seus conceitos, criou a possibilidade prática da *escuta* do que diziam as histéricas. Segundo Freud, posteriormente ele soube tirar as conclusões certas a respeito de sua descoberta: "os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos... no tocante à neurose, a *realidade psíquica* era de maior importância que a realidade material"⁹⁵. Será ainda longo o caminho que dará um estatuto a essa dimensão, mas ele conservará sempre uma referência ao universo da fala e ao movimento das palavras em relação às coisas. Desta forma podemos dizer que com a recusa do reducionismo de Meynert e de seus discípulos quanto às noções de memória e do papel da linguagem, na apresentação de suas hipóteses sobre as afasias, principalmente na apresentação das idéias que ele anuncia como sendo mais sugeridas que desenvolvidas, Freud já tocou a fala de maneira decisiva.

VI - O toque na fala

Anatomopatologia e Psicopatologia são duas referências ao *patos* e a uma mesma aresta da realidade. Este *patos*, quando referido à materialidade do organismo, evoca um limite intransponível: o da morte. A anatomopatologia unida à clínica colocou em evidência um saber sobre os processos do organismo que levam, de forma acelerada ou de forma mais sutil, a este limite. É imensa a certeza que a autoridade de Bichat, Meynert, Wernicke, etc. trazia ao caráter inicialmente especulativo da afirmação das localizações, das lesões interferindo na

⁹⁴ FREUD, S. & BREUER, J. *Estudos sobre a histeria*. E.S.B., v. 3, p.61.

capacidade de falar, em pequenos detalhes como trocar uma palavra por outra. Da palavra não se poderiam retirar tantos ensinamentos além de um auxílio para nomear as *coisas* ligadas ao distúrbio orgânico que apresentava sua verdade no exame do corpo morto. Pelas esperanças da medicina no final do século XIX, o *patos* enfrentado pela anatomopatologia e pela clínica deveria dar suporte teórico para compreender o *patos* na psicopatologia. O próprio Charcot pôde afirmar sua esperança de que algum estudo comparativo das paralisias *motoras* e *histéricas* pudesse evidenciar uma espécie de lesão funcional nesta última. Ora, a certeza aqui se baseia no fato inexorável de que há mecanismos sutis agindo no organismo, ainda que eles não sejam tão comprometedores quanto os mais radicais que, em última instância, levam à morte. É a autoridade de lidar com a morte, de descrever seus mecanismos realisticamente, sem especulações vitalistas por exemplo, que leva à hegemonia das concepções da anatomoclínica.

Quanto ao *patos* do organismo, por um lado, nada há a contestar, as figuras teóricas apontadas levam a um consenso. Por outro lado, seria extremamente difícil enfrentar este consenso tentando pensar que a fala revela outra dimensão, para a qual as referências orgânicas nada acrescentam. O que começa a ser colocado em jogo, então, pelo movimento de Freud, é a pergunta sobre a fala como uma realidade, talvez a única, a ser afirmada distintamente da realidade material ou fatural. Isto a partir de uma constatação simples como a de que ao invés de uma lesão causando a troca das palavras se deveria buscar como explicação algo da lógica da fala, algo do caráter de discurso dirigido a alguém que ela comporta e permite. Freud irá adiante nesta via, acabando por situar o papel da linguagem para a psicanálise não como o da comunicação, mas como estrutura a ser considerada na relação com a memória e a percepção. Esta é uma sutileza somente colocada em relevo nos textos posteriores de Freud, mas nessa direção já se mostrava na época da publicação de *Aphasies* uma opção a ser aprofundada. A partir daqui podemos concordar com a afirmação de Júlia Kristeva de que, no complexo problema das estreitas relações da psicanálise com a linguagem, o passo inicial é percebermos o fato simples de que "*a psicanálise vê seu objeto na fala do*

⁹⁵ FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*. E.S.B., vol. 20, p. 48.

paciente. O psicanalista não tem outro meio, outra realidade ao seu alcance para explorar o funcionamento consciente ou inconsciente do sujeito para além da fala, das suas estruturas e das suas leis"⁹⁶.

Assim, com nosso primeiro capítulo, pudemos estabelecer a posição teórica de Freud como distinta da posição reducionista e poderemos avançar na análise de suas próprias hipóteses sobre a fala em sua relação com a memória e a percepção, que segundo ele estariam subjacentes às suas explicações sobre os distúrbios afásicos. Isto se mostra no entendimento da necessidade de diferenciar a percepção da memória, para que a esta segunda seja dado, futuramente, um papel primordial no campo dos processos psíquicos. Aparece, também, na indicação do absurdo da noção de fala depositada no cérebro como extensão mecânica da escuta das palavras. É, finalmente, esta ruptura se mostra no apoio tomado em uma hipótese de Jackson, que aponta para uma dimensão ainda indefinida, a das representações, distinta da anatomia do cérebro. Parece-nos, portanto, que Freud preferiu não seguir nem o caminho da anatomopatologia sem *mise en scène* e nem o da psicopatologia com *mise en scène*, mas a trilha de buscar na fala um encontro, realmente obtido posteriormente, com o *patos* da realidade, naquilo que escapa tanto a neuroanatomia quanto à psicologia de sua época⁹⁷. Passemos, então, ao entendimento de Freud sobre as palavras e as coisas na direção do que será fundamental para a psicanálise.

⁹⁶ KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Tradução de Maria Margarida Barbosa. Lisboa: Ed. 70, 1969, p. 370.

⁹⁷ Lacan situa este encontro, aliás a "*primeira contenda de Freud com o próprio patos da realidade, com o qual ele lida em seus pacientes*", na elaboração do *Entwurf*. A discussão das noções de memória e de percepção neste texto (além do problema da consciência que é nele introduzido) irão acrescentar os elementos para o direcionamento, apontado por Lacan, da pesquisa de Freud implicando na discussão da idéia de *realidade psíquica*, com a qual nos ocuparemos mais adiante. (Ver: LACAN, J. *O Seminário, livro 7*, op.cit., p. 50).

Capítulo Segundo

Estrutura simbólica e realidade

*“A palha das palavras só nos aparece como palha na medida em que dela separamos o grão das coisas, e é inicialmente essa palha que carregou esse grão”*⁹⁸

As principais conseqüências a que somos levados pela refutação que Freud faz das esperanças localizacionistas são a distinção entre a anatomia do cérebro e a dimensão das representações e, ainda, a indicação de se pensar a partir dessa distinção a relação entre fala, memória e percepção. Pelo menos é a este ponto que o problema foi trazido no capítulo anterior. É sem retorno o caminho de Freud, mostrado até aqui, ao se posicionar totalmente distante do organicismo. Resta, então, definir claramente a dimensão das representações e enfrentar a espinhosa tarefa de diferenciá-la da realidade material. Na proposta de Jackson haverá indicações dessa definição? Será sem dificuldade afirmar que não e, ao mesmo tempo, será bastante complexo apontar o outro caminho seguido por Freud. Deveremos demonstrar que a distinção de Jackson é apenas a indicação do problema e que uma outra opção, a de buscar na filosofia, especialmente na filosofia acessível a Freud, o seu conceito de representação, deve ser sondada. Seria em Brentano que o encontraríamos? Teremos que examinar com cuidado as hipóteses que embasam a concepção dos distúrbios afásicos, ainda em *Aphasies*, para verificarmos em que medida se trata de um mesmo entendimento da representação ou se estaremos mais uma vez diante da solidão teórica de Freud.

No presente capítulo deveremos mostrar em detalhe na relação das *palavras* e das *coisas* os elementos que fundam um entendimento da linguagem propriamente freudiano. Avaliaremos em que sentido é aprimorada a idéia de que a memória é um complexo e não simples extensão da percepção e como se

⁹⁸ LACAN, J. *O Seminário, livro 7*, op.cit., p. 60.

articulam a memória e a percepção à fala, tema que estava presente na discussão de Freud desde o início de *Aphasies*.

A diferenciação anunciada por Freud entre *percepção* e *memória* nos levará, ainda nesta parte de nosso trabalho, a um novo texto: o *Entwurf*, elaborado em 1895 e somente publicado depois da morte de Freud. Um esforço por criar explicações mecânicas, de acordo com a idéia geral de forças e movimentos, para os processos psíquicos. Ora, seria isto uma prova de que o reducionismo anunciado por nós como refutado já no ensaio das afasias, na verdade foi buscado por Freud em pelo menos um de seus textos? A alcunha de psicologia para neurólogos torna ainda mais forte o indício de que esta afirmação seja correta. No entanto, como procuraremos demonstrar, trata-se de um esquema geral, um esboço de teoria da subjetividade, muito mais que um compêndio de psicologia ou de fisiologia. Suas hipóteses ditas biológicas, longe de realmente serem indagações sobre a *ontogênese* e a *filogênese* dos processos psíquicos, são especulações e explicações lógicas; as hipóteses mecânicas, ao invés de fornecerem clareza sobre "estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas"⁹⁹, acabam por tornarem-se alheias às leis da física e às leis do movimento. Desta forma, se pretendemos ler uma psicologia naturalista naquele texto, encontraremos, na verdade, o fracasso de uma psicologia científica

100

Não obstante, há nele o surgimento de uma teoria da realidade psíquica envolvendo as noções que deveremos acrescentar ao entendimento das relações da fala com a memória e os demais sistemas definidos naquele texto. Algumas dessas noções são as *experiências fundamentais*, a *consciência* e o *outro* ao qual a fala sempre se dirige e, como dissemos, ainda que nas distinções de *Aphasies* não

⁹⁹ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op. cit., p. 11. O tradutor, Gabbi Jr., na edição brasileira de 1995, entende que haveria a convivência de dois modelos nas referências de Freud no *Entwurf*: o "modelo biológico" e o "modelo mecânico" (nota 14, p. 114).

¹⁰⁰ Em muitos aspectos as descrições atuais dos mecanismos fisiológicos desautorizam cabalmente as aproximações que Freud apresenta no *Entwurf*, como ele próprio, já naquela época, deixa claro em várias passagens. É curioso, a respeito disto a sobrevivência de uma interpretação organicista que é comum nos manuais de fisiologia ou de anatomia, para os quais, o máximo desenvolvimento do cérebro, alcançado no homem, leva a concluir que "o sistema nervoso responde também por fenômenos psíquicos altamente elaborados". Esta afirmação em geral vai além de uma referência aos processos fisiológicos envolvidos nos

tivesse se tornado uma categoria do pensamento de Freud, já se insinuava. É neste momento, da fala dirigida a um outro, que Freud conseguiu encontrar explicações que deram à psicanálise a condição de existir como teoria e como experiência.

A introdução do *Entwurf*, tomado como um rascunho da subjetividade que vai além do ensaio das afasias, nos permitirá examinar a incidência na estrutura, inaugurada em 1891, da descoberta fundamental de Freud: o inconsciente. Este conceito aprofunda e radicaliza o jogo de determinações entre a fala e a memória, esta até então tratada como estrutura de representação. Poderemos, então, nos perguntarmos pelo destino das categorias erigidas no ensaio, questão que deveremos retomar também no terceiro capítulo.

I - O impasse da "concomitant dependent"

Aparentemente, Freud não evita o paralelismo psicofísico, uma vez que sua virada para a refutação da teoria das localizações parte da fórmula psicofisiológica, encontrada nas hipóteses funcionalistas. Olhando mais de perto, no entanto, veremos a aceitação da proposta de Jackson somente como estratégia na refutação do reducionismo. É mais, a separação de dois domínios, anatômico e psíquico, prepara as hipóteses de Freud que serão desenvolvidas considerando este último como o problema central. Certamente essa distinção não tem, para Freud, o efeito de um abandono da referência topológica. No texto de 1895, como veremos, há uma tentativa de definir o aparelho psíquico como uma superfície do organismo. No entanto, a consideração da instância psíquica como continuidade da idéia tópica sem localização orgânica é decisiva no avanço de Freud pela via da pesquisa da determinação do discurso.

É evidente não só na última parte do ensaio de 1891, que, para Freud, o *Spracheapparat*, substrato anatômico ao qual a teoria das localizações reduzia tudo o que dissesse respeito à fala, deveria ter o seu papel diminuído na conceituação dos processos da linguagem. Neste sentido foi necessário aceitar primeiro o

efeito, para a linguagem, da distinção "... *a concomitant dependent...*" : de um lado o *Spracheapparat*; de outro, ainda que sem definição, o campo até então chamado na terminologia psicológica de campo dos processos psíquicos. Neste último estava a *representação*, sobre a qual o máximo que se poderia dizer, levando em conta a confusão entre terminologia psicológica e fisiológica, seria a indicação negativa de que não eram processos fisiológicos. Jackson marca firmemente a impossibilidade das localizações de processos psíquicos, como o da *representação*, mas continua preso aos problemas de tentar entender a relação entre as representações e o organismo. A solução de Jackson, se levada adiante buscando dela derivar uma teoria sobre a linguagem, cairia primeiro no impasse da dualidade *corpo e mente, espírito e matéria*. Contando apenas com a terminologia psicológica, o espírito poderia ser tomado como uma corruptela da distinção cartesiana: *res extensa* e *res cogitans* ¹⁰¹. No caso de Freud, a recusa do mecanicismo (um materialismo vulgar?) o leva a correr o risco de um idealismo pelo qual o jogo de determinação entre memória e fala pudesse ser relacionado à incidência de entidades metafísicas, como a alma, por exemplo. O contexto teórico anunciava-lhe várias opções de cunho materialista, uma delas o associacionismo que apregoava-se uma psicologia materialista e objetiva, como afirma Lacan ¹⁰². Freud, no entanto, não se iludiu com o dito materialismo, na verdade também uma forma de reducionismo, das teorias associacionistas que caracterizavam a terminologia psicológica.

O associacionismo baseia-se, como salientava Lacan em 1936, em dois conceitos, o de *engrama* e o de *ligação associativa* do fenômeno mental ¹⁰³. A hipótese do *engrama*, idéia de que há uma marca constante de toda experiência psíquica, tem origem na concepção organicista contra a qual Freud se coloca no texto das

tegmentar. São Paulo: Athencu, 1988, p. 52).

¹⁰¹ Livio Teixeira nos mostra que o chamado "dualismo cartesiano", definido pela *res extensa* e *res cogitans*, é melhor entendido à luz da proposta de Descartes, trabalhada no texto sobre as paixões da alma, de uma metafísica da "união substancial da alma e do corpo". Lembremos que este autor considera Descartes um *físico* que não dispensava a *metafísica*, sendo a pergunta sobre o pertencimento a um ou a outro dos dois lados uma pergunta do século XIX e não da época de Descartes (Ver: TEIXEIRA, L. *Ensaio sobre a moral de Descartes*. São Paulo: Brasiliense, 1990. pp. 12 e 151). Lacan afirma também que a psicologia, apresentada como científica no final do século XIX, lidava na verdade com noções trazidas de outros contextos (como a psicologia escolástica) que "longe de terem sido forjados por uma concepção objetiva da realidade psíquica, são apenas o produto de uma espécie de desgaste conceitual" semelhante, portanto, ao que ocorre com a referência às categorias de Descartes. (Ver: LACAN, J. *Escritos*, op.cit., p. 78).

¹⁰² *Ibid.*, p. 79.

afasias. O caráter atomístico do engrama se confunde com o caráter de elemento simples da imagem mnêmica em Meynert . Ambos são frutos ou resquícios da sensação, uma produção passiva, pelo organismo, de um elemento psicofísico. A noção de imagem, como lembrava Lacan, levanta problemas "que vão da fenomenologia mental à biologia, e cuja ação repercute desde as condições do espírito até determinismos orgânicos de uma profundidade talvez insuspeitada". Ela, entretanto, "aparece-nos, no associacionismo, reduzida à sua função de ilusão" ¹⁰⁴. A imagem é, assim, tida como uma sensação enfraquecida, como já salientamos anteriormente com relação ao entendimento da teoria das localizações. "Na medida em que atesta menos seguramente a realidade, ela é tomada por eco e sombra da sensação, e portanto, identificada com seu traço, com o *engrama*" ¹⁰⁵. Assim é que temos a concepção do espírito como polipeiro de imagens, um excesso criticado como "um mecanicismo puramente metafísico". O absurdo essencial do associacionismo com relação à noção de imagem é o empobrecimento intelectualista que lhe impõe. A imagem para Freud não tem uma função de ilusão, mas, considerando a riqueza de seus dados concretos e a complexidade que lhe é característica, se quisermos abarcá-la somente num termo, deveríamos dizer que ela tem uma *função de informação* ¹⁰⁶.

O segundo conceito no qual se afirma o associacionismo é o da *ligação associativa* entre os fenômenos mentais. Para apreendê-la ter-se-ia que reduzir as atividades superiores a reações elementares. Estas últimas são tomadas falaciosamente, lembra Lacan, como dadas pela experiência das reações do ser vivo mas estendidas aos fenômenos mentais ¹⁰⁷. A intenção de Lacan, neste momento, é a de denunciar o vício teórico da doutrina associacionista em favor da concepção de Freud sobre os ditos processos mentais ou psíquicos. Isto fica claro quando se reconhece na estrutura da doutrina associacionista não uma visão materialista e objetiva como se anunciava, se assim fosse esta doutrina teria privilegiado a função do real. Ao contrário, o que se encontra em sua estrutura é,

¹⁰³ LACAN, J. *Escritos*, op.cit., pp. 78-9.

¹⁰⁴ Ibid.

¹⁰⁵ Ibid.

¹⁰⁶ Ibid.

segundo Lacan, "a formulação do problema do *conhecimento* do ponto de vista filosófico" ¹⁰⁸. Mais ainda, na via de uma *função do verdadeiro* ao invés de uma *função do real*. A implicação metafísica do associacionismo é dada pela transcrição dessa busca do *momento verdadeiro* do *conhecimento* para os fenômenos mentais. Isto se prova ao verificarmos que nos dois conceitos fundamentais da doutrina está camuflada a herança das chamadas fórmulas empíricas de Locke e, na formulação tradicional do problema do conhecimento, a redução da "ação do real à mítica *sensação pura*" ¹⁰⁹. Um exemplo disto é a assimilação que a doutrina associacionista faz do fenômeno da alucinação à ordem sensorial, uma reprodução absolutamente mítica que a tradição filosófica conferia a esse fenômeno na questão acadêmica referente ao erro dos sentidos ¹¹⁰. O associacionismo, assim, coloca como o problema da psicologia a análise associacionista do psiquismo, mas com uma observação: nem todos os fenômenos psíquicos seriam passíveis dessa análise ¹¹¹.

Grande parte dos chamados fenômenos psíquicos são considerados, em decorrência do entendimento associacionista, como não significando nada ou como epifenômenos. Isto decorre da distinção que é feita dos fenômenos psíquicos como, de um lado, "os que se inserem em algum nível das operações do conhecimento racional, e de outro, todos os demais, sentimentos, crenças, delírios, assentimentos, intuições, sonhos" ¹¹². Aos primeiros se aplicaria a análise associacionista do psiquismo, enquanto que aos outros caberia a explicação considerada por Lacan como um "determinismo estranho à sua aparência e chamado de orgânico, por reduzi-los, quer ao suporte de um objeto físico, quer à relação de um fim biológico" ¹¹³. Esta exclusão se dá, portanto, pela crença na fatuidade de um epifenômeno ou pelo rechaço ao nada do desconhecimento. Não seria, portanto, a essa psicologia que Freud iria referir sua busca de uma conceituação da esfera das representações, como fenômeno psíquico. Ele, ao que tudo indica, teve nisto o apoio de Brentano, com quem teria, no início de seu

¹⁰⁷ LACAN, J. *Escritos*, op.cit., p. 78-9

¹⁰⁸ *Ibid.*

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 80.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 81.

¹¹¹ *Ibid.*

¹¹² *Ibid.*, p. 82.

interesse teórico, feito alguns cursos buscando aproximar-se da filosofia. Uma aproximação cujo teor conflitivo, como salienta Assoun, terá suas marcas ao longo da obra de Freud ¹¹⁴.

Brentano concebe o fisiológico e o psíquico não como uma ordenação serial, mas como irreduzíveis um ao outro. O que, para Brentano, garante esta irreduzibilidade é a *intencionalidade*, marca distintiva do fenômeno psíquico. Nunca podemos afirmar simplesmente eu sinto, eu imagino, eu amo, eu odeio, eu julgo. Imediatamente teremos que acrescentar: eu sinto algo, eu odeio aquilo, eu imagino tal coisa. Ou seja, "toda consciência é *eo ipso* consciência de objeto" ¹¹⁵. Ainda que este objeto não seja real, como no caso de imaginarmos um unicórnio. A intencionalidade assim definida é a marca distintiva genérica dos fenômenos psíquicos porque somente neles a encontramos. Nada de análogo se pode atribuir ao domínio físico: as coisas existentes, como uma rocha, por exemplo, são seres que repousam em si mesmos, não estando, como tal, relacionados a nada. Pelo mesmo raciocínio, não se pode entender o "fenômeno psicológico fechado em si mesmo, sem relação" ¹¹⁶, ele sempre "contém em si mesmo qualquer coisa a título de objeto" ¹¹⁷. Isto vale para todo tipo de intencionalidade, incluindo as três principais classes de experiências intencionais a que Brentano se dedica: na representação (*Vorstellung*) alguma coisa é representada, no juízo há algo que é rejeitado ou aceito, nos fenômenos emocionais, no amor e no ódio, por exemplo, há algo que é amado ou odiado. Segundo Stegmüller:

salientando a intencionalidade como o traço característico da consciência, Brentano operou uma reviravolta decisiva na concepção dos conteúdos da consciência, pois para a psicologia associacionista tradicional os conteúdos da consciência eram algo tão permanentemente real em si e tão cego como as coisas físicas, sendo o fluxo da consciência um aparecer e um

¹¹³ LACAN, J. *Escritos*, op.cit., p. 82.

¹¹⁴ ASSOUN, P-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. op. cit., especialmente pp.: 11, 23, 204 e 212.

¹¹⁵ STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea: introdução crítica*. Cap. I, "Filosofia da Evidência: Franz Brentano, Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: E.P.U., 1977, p. 25.

¹¹⁶ *Ibid.*

¹¹⁷ BRENTANO, F. "Psychologie du point de vue empirique". Paris: Aubier, 1944, p. 102, ap. GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., p. 56.

*desaparecer, um unir-se e um refrear-se destas partes reais de vivências, inteiramente análogo aos processos mecânicos da natureza exterior*¹¹⁸

Ainda para Brentano, todo ato psíquico é uma representação ou está fundado em uma¹¹⁹. A *Vorstellung* (representação) não ocorre sem o objeto (*Objekt*), mas ambos não se ancoram nas coisas. Isto não significa negar o objeto externo, fora da consciência, uma radicalização da tese idealista; mas afirma-se, nesta proposta, que a representação não se resume a uma projeção do objeto externo, como era a impressão para a teoria das localizações ou o *engrama*. Flores-Morelos¹²⁰ propõe remontar aos escolásticos a idéia de Brentano sobre a intencionalidade e as relações entre representações. A palavra intencional, na filosofia tomista, é usada para se referir a tudo o que é determinação interna. Ou seja, como salienta Flores-Morelos "o termo intencional não designa uma entidade física no modo da realidade material sensível, perceptível pelos sentidos e sim outra coisa que não deixa de ser uma propriedade, um modo ou uma relação de entidades reais, com um modo de realidade que não é o das coisas". É o mundo das representações, "não o das *Dingen* e sim os das *Sachen*, mas não por isto menos real"¹²¹. A idéia, *phantasma* para os escolásticos, conserva a marca de sua origem nos objetos, uma vez que a representação, seja ela perceptual,

¹¹⁸ STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea: introdução crítica*, op. cit., p. 25.

¹¹⁹ Segundo Assoun, Brentano apoia-se para esta afirmação na autoridade de Herbart. Este último seria o autor ao qual remonta, em última instância, o modelo representacional ao qual Freud se refere. Herbart definiu sua noção de *Vorstellung* recusando a psicologia das faculdades. Isto significa que para Herbart não são as faculdades a moção de base da "psiquê", mas sim a representação. A radicalidade da dinâmica herbartiana se revela na afirmação de que "a representação só se torna uma força por sua oposição a uma outra representação". Segundo Assoun, há por trás da tese psicológica de Herbart uma tese metafísica que permite entender aspectos importantes da vertente dinâmica da metapsicologia de Freud. Um exemplo disto é a idéia do "conflito das representações" baseado no destino representacional da alma. Esta sai da letargia pelo choque de duas representações idênticas e por isto concorrentes. O resultado do conflito é não o aniquilamento de uma das representações mas o seu *recalcamento*. Os termos *verdrängen* e *Verdrängung* são utilizados por Herbart para descrever este processo. As evidências mostradas por Assoun destacam a genealogia dos termos (*Vorstellung*, *verdrängen*, *Verdrängung*). No entanto, a leitura dos textos de 1891 e de 1900 de Freud revelam que o associacionismo de Herbart, como veremos, na última parte de nosso estudo, será desfigurada com a idéia da complexidade da representação no sentido freudiano (Ver ASSOUN, P-L. *Introdução à epistemologia freudiana*, op. cit., p. 151)

¹²⁰ FLORES-MORELOS, F. "De intencionalidades y representaciones: de Franz Brentano a Sigmund Freud" in *Acheronta*, nº 3, Abril, 1996.

¹²¹ Ibid. Neste trecho o autor faz uma distinção somente incluída na teoria de Freud muito tempo depois do período aqui estudado (somente no artigo *O Inconsciente*, de 1915). A indicação, entretanto, serve de apoio para nosso estudo na medida em que também buscamos avançar o argumento de Freud senão até o ponto

mnêmica ou conceitual, "implica uma relação com o agente que a causa: o representado". Por este motivo deveríamos admitir que o termo intencional é tensão para o objeto da representação. Além disso, em toda representação distingue-se o ato de representar de seu conteúdo, indissolivelmente unidos, mas distintos na ordem conceitual. Assim é que representação "significa o representado em um ato psíquico de representar". Estes conceitos teriam chegado à época de Freud via Brentano ¹²².

A última e mais significativa das contribuições de Brentano para o que estamos salientando aqui é a de que neste ato da representação, ou seja, na ausência do objeto propriamente dito, se pode pensar a significação. Segundo Garcia-Roza, inicialmente Brentano pensava que o objeto fornecesse à representação o seu significado, mas, após algumas críticas, teria admitido que também o significado não é fornecido às representações pelas coisas e sim resulta da relação que as próprias representações mantêm entre si ¹²³. Esta é exatamente a direção na qual Freud irá colocar suas hipóteses sobre a relação das palavras e das coisas. Voltemos ao curso da argumentação de Freud, agora sim com elementos suficientes para compreender a aceitação da solução de Jackson apenas como um primeiro passo.

Em primeiro lugar Freud entende que os processos da linguagem, o sucesso do falar, que era a investigação comum entre ele e os demais, poderiam ser pensados a partir da *concomitant dependent*, mas, a dependência dos determinantes fisiológicos seria mínima. Neste sentido diz que podemos contestar formalmente a idéia de que o determinante orgânico da emissão das palavras teria alguma importância para a aprendizagem da fala. Isto, na verdade, deve-se às hipóteses que ele diz embasarem seu entendimento dos distúrbios da linguagem. Freud refuta as concepções de Meynert e a teoria das localizações sobre os distúrbios por estas implicarem um entendimento reducionista da linguagem,

referido por Flores-Morelos, ao menos até alguns passos imediatamente anteriores a ele, o que significa chegar até a *Traumdeutung*.

¹²² Ibid.

¹²³ GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., p. 58.

devendo mostrar um outro entendimento sobre ela. É isto que aparece em suas hipóteses mais gerais, assim anunciadas:

*agora desejamos, sobre a base de uma tal estrutura do aparelho de linguagem [Spracheapparat], verificar quais são as hipóteses às quais nós recorremos para explicar os distúrbios de linguagem, ou, dito de outra forma, o que nos ensina o estudo dos distúrbios de linguagem para a função desse aparelho*¹²⁴.

Garcia-Roza nos lembra uma indicação preciosa que encontramos também em Jacques Nassif: a passagem realizada por Freud da *impressão* ao *correlato fisiológico* para os processos psíquicos corresponde à mudança da noção de *elemento* para a de *processo*, articulação entre o tópico e o funcional¹²⁵. Haveremos de elucidar, ao longo de nossa análise dessas hipóteses, a sutileza, o requinte desta introdução a elas. Salientemos, desde já, que se anunciam aqui duas idéias fundamentais: primeiro, é *sobre* a base, sobre o aparelho de linguagem, e não *no* aparelho de linguagem, que as hipóteses de Freud haverão de funcionar; segundo, é da análise dos distúrbios de linguagem, incluindo aqui as peripécias de todos os outros autores e as de Freud, que se retira o aprendizado para a função do aparelho de linguagem; ora, como decorrência da primeira afirmação, o que resta de função para o *Spracheapparat* é apenas o de ser o substrato anatômico, sem importância decisiva para o que interessa a Freud sobre a linguagem. Ainda que permaneça a referência ao aparelho de linguagem como base orgânica, é nas vias da linguagem que terão maior valor as proposições de Freud.

II - Representação e linguagem

Na apresentação de suas hipóteses sobre as afasias, Freud tem como pano de fundo de sua argumentação um entendimento próprio da *representação* e da relação desta com as *palavras* e as *coisas*. A terminologia de Freud em meio à qual

¹²⁴ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 122.

se explicita este entendimento é retirada da discussão crítica das principais hipóteses explicativas dos distúrbios afásicos, ou seja, termos usados nas teorias anatomopatológicas. No entanto, um exame mais atento do ensaio de 1891 nos leva a confirmar, em meio a esses termos, a incidência decisiva de idéias que, segundo Freud, são mais sugeridas que desenvolvidas. Ora, estas idéias são na verdade uma conceituação sobre a qual repousa não somente a concepção das afasias, como também um entendimento da representação e da linguagem. A perspectiva desse entendimento ultrapassa a discussão organicista e anuncia um enfoque tópico, precursor daquele que será erigido no solo próprio da psicanálise. Da refutação do reducionismo e do organicismo de Meynert, Wernicke e Lichtheim, no próprio texto de 1891, Freud passa a uma reflexão sobre a fala e sobre as coisas em sua articulação com a representação.

Depois do primeiro passo, a saber, distinguir os dois domínios, o do *Spracheapparat* e o das representações, restava adotar definições claras e distantes do reducionismo e do organicismo. Neste sentido o conceito de *complexo representacional* permite pensar a memória como uma estrutura não orgânica, contrariamente ao entendimento hegemônico nas discussões sobre a linguagem, pelo qual a memória seria uma extensão direta e enfraquecida da *percepção*. Os complexos representacionais são uma espécie de estrutura formada por várias imagens mnêmicas (de origem visual, acústica e cinestésica). A idéia de *complexos* no texto das afasias é utilizada de forma particular por Freud, mas ela aparece em autores anteriores a ele, como o patologista Salomon Stricker, para o qual caberia designar "as representações do mundo exterior em geral como sendo compostos, como complexos de representações, e mais sucintamente como complexos"¹²⁶. A refutação da idéia meynertiana de memória identificada à percepção já mostrava

¹²⁵ GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., p. 33; e, NASSIF, J. La "lettre de quarante-cinq pages à Althusser" (01 de julho de 1976) In: *Cartels constitutants de l'analyse freudienne*, Courrier mai, 1996, p. 5.

¹²⁶ Estas explicações encontramos-las no valioso prefácio de Roland Khun à tradução francesa do ensaio de Freud de 1891. Do termo *complexos de representações* chegamos, considerando a redefinição feita por Freud da própria idéia de representação (*Vorstellung*), ao termo *complexo representacional*, para nos referirmos aos dois complexos (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*, depois transposto em *Sachevorstellung*, como veremos) que serão fundamentais no texto das afasias e nas referências posteriores a estrutura simbólica. (Ver FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 19).

que Freud entendia como complexas essas representações que Stricker diz serem do mundo exterior.

Mas estaríamos aqui saltando o complicado problema da percepção e simplesmente adotando uma idéia abstrata de memória? Na verdade os componentes dos complexos representacionais são originários da percepção e por isto são de origem visual, como é o caso das imagens mnêmicas obtidas a partir dos órgãos da visão; ou de origem acústica, obtida a partir dos órgãos da audição; o mesmo ocorre para as imagens mnêmicas cinestésicas, que são elementos mnésicos referentes à sensações táteis ou proprioceptivas (sensações internas ao organismo), de origem cinestésica.

A distinção entre origem e estado atual, implícita na definição dos complexos representacionais, parece apontar para a tentativa, somente realizada em *Entwurf* (1895), de distinguir dois sistemas, o da percepção e o da memória¹²⁷. Ainda que não seja elucidada no texto das afasias a forma como os elementos da percepção (visuais, acústicos e cinestésicos) se transformam em imagens mnêmicas é como elementos da memória que podemos entender os componentes dos complexos representacionais. É, ainda, é como uma estrutura complexa e não como mera extensão da percepção que a dimensão das representações deve ser entendida¹²⁸.

A noção de complexos representacionais é delimitada por Freud como referindo-se às palavras e às coisas. O primeiro tipo de representações é formado pelo que subsiste, como memória, daquilo a que chamamos objetos e que, na verdade, são elementos da aparência das coisas, das quais as diferentes propriedades são reveladas pelas impressões sensoriais nas experiências com essas coisas. Os elementos mnésicos referentes às coisas são, neste sentido, de origem

¹²⁷ A distinção entre memória e percepção já está estabelecida neste ponto da argumentação de Freud, mas a definição da memória e da percepção como sistemas diferentes aos quais se deve acrescentar o sistema da consciência somente será feita, como veremos, em seu rascunho redigido em 1895 e não publicado a não ser postumamente: o *Entwurf einer psychologie*.

¹²⁸ A relação entre a percepção e a memória toca o problema da relação entre orgânico e psíquico, na verdade somente formulado de maneira suficientemente estável na obra de Freud com a idéia de *pulsão* (*Trieb*) como um conceito limite entre um e outro domínios: o conceito de pulsão, diz Freud, "nos aparecerá como um conceito limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico das excitações, originadas no interior do corpo e chegadas ao psiquismo, como uma medida da exigência de trabalho que é imposto ao

visual, acústica e cinestésica. Por outro lado, são também elementos acústicos, cinestésicos e visuais, de origem sensorial, que formam a memória das palavras, a ela corresponde também um complexo representacional. Temos, portanto, complexos representacionais, referidos às palavras e às coisas que são, a *representação-palavra* (*Wortvorstellung*) e a *representação-objeto* (*Objektvorstellung*).

Wort (palavra), diz Freud, que "para a psicologia é a unidade de base da função da linguagem", se revela relacionada a "uma representação complexa". Trata-se de um complexo representacional cujos elementos são: a imagem sonora, derivada de experiências acústicas com a palavra; a imagem visual, cujo exemplo mais característico é o da imagem visual de uma letra; e, a imagem motora, que pode ser originada no movimento do corpo na fala ou na escrita da palavra. Uma palavra, no entanto, ao ser falada, nos aparece como resumida ao som que a caracteriza. Este certamente é o elemento preponderante, mas uma palavra, diz Freud, "corresponde a um processo associativo complicado onde os elementos enumerados [imagem acústica, imagem motora e imagem visual] de origem visual, acústica e cinestésica entram em ligação uns com os outros"¹²⁹. Esta ligação entre as imagens caracteriza a estrutura de representação relacionada à palavra, que recebe o nome de *Wortvorstellung*. A representação-palavra, portanto, não é exatamente a palavra (*Wort*), e sim um complexo representacional que permite, como estrutura, uma articulação com o ato de falar propriamente dito.

Esta articulação de uma primeira estrutura representacional (*Wortvorstellung*) com a função da fala é referida por Freud como puramente verbal. Ou seja, nela não estaria envolvida a representação-objeto. Com estas duas categorias, função da fala e estrutura representacional da palavra (*Wortvorstellung*), poder-se-ia conceituar uma espécie de ordem verbal, como a ordem pela qual se definem as

psíquico em consequência de sua ligação com o corporal" (Ver: FREUD, S. "Pulsions et destins des pulsions". In - *Metapsychologie*, Tradução francesa de Jean Laplanche e J.-B. Pontalis. Paris: Gallimard, 1981).

¹²⁹ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 127. A princípio poderíamos entender que a descrição feita por Freud dessa ligação associativa seja uma referência ao movimento no cérebro. Entretanto, como já mostramos, é necessário pensar as imagens mnêmicas sem imergi-las nas células cerebrais. Não há, diz Freud, como pensarmos que a emergência de uma imagem mnêmica na consciência fosse uma passagem do cérebro para a consciência. Neste texto Freud ainda não discute se há possibilidade de pensarmos essa emergência na consciência, de uma imagem mnêmica, como originada em outro sistema psíquico que não a consciência, mas já está suficientemente estabelecido que se isto ocorrer, esse outro sistema deverá ser entendido como sistema psíquico e não cerebral.

relações das representações que temos das palavras com as palavras emitidas efetivamente. A sua perturbação seria a afasia verbal, como Freud chega a afirmar

130.

Com isto, no entanto, ainda não estamos tão distantes da noção reducionista da linguagem. Contando apenas com a definição da ordem verbal, resumiríamos o jogo de determinações entre a fala e a memória à formação da representação-palavra correspondente à palavra aprendida e, nas ocorrências posteriores, a uma ativação da mesma representação. Ora, esta ativação era entendida, de forma reducionista, simplesmente como o resultado de um impulso cerebral, levando no máximo a uma hipótese sobre o ato motor da fala. Mas não teríamos, ainda, elementos para pensar, como quer Freud, as determinações que envolvem a fala e a memória. Afirmar que tal palavra (*Wort*), anteriormente aprendida, registrada como tal imagem sonora ou tal imagem visual de suas letras, automaticamente levará a outras emissões da palavra, nada acrescenta à discussão do problema. Se o ato de falar é uma função que envolve a memória das palavras e das coisas, obviamente deve se relacionar à estrutura formada pelos complexos representacionais. As imagens sonoras (ou imagens verbais) são centrais na própria composição da *Wortvorstellung* havendo, como ressaltamos, uma preponderância do elemento acústico. Não há, no entanto, uma determinação única para o ato de falar e nem para a formação da estrutura da memória.

Ao contrário, a representação-palavra normalmente não se apresenta sozinha; há uma segunda idéia chave no entendimento freudiano da articulação das palavras e das coisas. Para o estabelecimento da representação-palavra (*Wortvorstellung*), para que ela se estabilize como um complexo referido à estrutura da memória, ela deverá ligar-se a uma *representação-objeto* (*Objektvorstellung*). As palavras, ao serem aprendidas, se referem às coisas, mesmo se estas forem apenas faladas pelos outros que nos ensinam a língua. Lembremos que, como salienta Brentano, um unicórnio pensado é representação tanto quanto um cavalo visto e depois recordado. Falar de um ou de outro também é possível na medida em que o pensamento se articula à fala por meio da representação-palavra (*Wortvorstellung*).

¹³⁰ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 128.

Mas, a que se ligam, então, as representações-palavras nestes casos em que a representação-objeto (*Objektvorstellung*) não tem relação direta com uma coisa encontrada na realidade material? Por outro lado, se um e outro processos puderem ser tomados como realidade, a que realidade se referem? Em outras palavras, a inclusão da representação-objeto na dimensão da estrutura simbólica coloca em discussão uma definição do que realmente será *objeto e coisa* para Freud.

Sabemos que há uma mobilidade dessa noção na medida em que encontramos, por exemplo, muito tempo depois, em *O Inconsciente*, uma definição de representação-coisa (*Sachevorstellung*) distinta da representação-objeto (*Objektvorstellung*). Esta permite compreender que se para a psicanálise as palavras têm algum efeito sobre as coisas, não será sobre as coisas da realidade material, como por exemplo o organismo humano, mas sobre as coisas como parte de uma realidade psíquica à qual Freud se dedicou vários anos tentando conceituar. Para que cheguemos a isto, será ainda necessário passar pelo impacto teórico das noções do *Entwurf* sobre as do ensaio de 1891. A inclusão da noção de *Objektvorstellung*, portanto, ainda sem podermos discutir se a *apresentação* (das representações) se dá simplesmente à consciência ou inclui a participação de outros sistemas psíquicos, torna-se bastante espinhosa. Entretanto nela já se delineiam algumas posições teóricas cruciais para o entendimento do pensamento de Freud e especialmente para o enlace criado entre memória e fala, surgido exatamente no ensaio.

A exemplo da *Wortvorstellung*, a *Objektvorstellung* é formada de elementos acústicos, visuais e cinestésicos referidos não à palavra e sim às coisas, ao objeto (*Objekt*). As *Wortvorstellungen* são fechadas, ou seja, em cada uma delas está envolvido um número definido de imagens mnêmicas (do som da palavra, das letras que a compõem, da sensação motora de sua emissão), por isto ela nos aparece "como qualquer coisa de fechada, mesmo se ela é capaz de extensão"¹³¹. Diferentemente disto, a *Objektvorstellung* é formada de elementos "os mais heterogêneos" e se apresenta como um complexo representacional aberto, no sentido de sempre haver a "possibilidade de uma série importante de impressões

novas na mesma cadeia associativa" ¹³². Os principais elementos nela envolvidos são: a *imagem visual*, que tem preponderância na representação-objeto, da mesma forma que a imagem sonora (ou acústica) tem preponderância na representação-palavra ¹³³; as *imagens táteis* do objeto; e, as *imagens acústicas* do objeto. Todas essas imagens componentes da representação-objeto são, remotamente, originários da experiência com as coisas. Mas são, a exemplo dos componentes da representação-palavra, uma espécie de memória no sentido da definição freudiana (memória como estrutura complexa).

É somente na ligação entre a representação-palavra e a representação-objeto que esta última toma um caráter de unidade pelo qual seus elementos heterogêneos se aglutinam formando um só complexo representacional. Esta ligação entre os dois complexos Freud define como a estrutura da *relação simbólica*, denominação feita de forma explícita em *Aphasies*:

eu recorro à denominação assimbolia [para o distúrbio na ligação entre Wortvorstellung e Objektvorstellung] num sentido diferente daquele que é usado depois de Finkelburg, porque a relação entre a representação-palavra e a representação-objeto me parece merecer com vantagens ser intitulada "simbólica" [mais] do que aquela existente entre um objeto e uma representação-objeto ¹³⁴

¹³¹ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 127.

¹³² Ibid.

¹³³ Ibid., p. 128.

¹³⁴ Ibid. (grifo nosso). Uma vez que Freud se refere ao distúrbio dessa relação (a *assimbolia*) como uma afasia de primeira ordem, uma outra denominação para o que ele aqui indica seria: *ordem simbólica*. No entanto, chamar de *estrutura* a proposta de Freud para o campo das representações, parece-nos vantajoso para diferenciá-la do que sua época lhe oferecia como referência a esta dimensão. É certo que corremos o risco, com esta escolha, de não conseguirmos evitar uma comparação a que pode ser levado o leitor entre o uso do termo *estrutura* para referir-se à obra de Freud e a idéia de *estrutura* amplamente utilizada por J. Lacan. O risco, parece-nos, seria o mesmo, se utilizássemos a expressão *ordem simbólica* para a ligação indicada por Freud, da *Wortvorstellung* com a *Objektvorstellung*. Com esta escolha talvez houvesse a necessidade de esclarecer que em nosso estudo não se trata de comparar a proposta de Freud com o uso que Lacan faz da expressão *ordem simbólica*, como por exemplo no seminário sobre a *Carta roubada*, onde diz que "... pensamos em ilustrar hoje a verdade que brota do pensamento freudiano que estamos estudando, ou seja, que é a *ordem simbólica* que é constituinte para o sujeito..." (Ver: LACAN, J. *Escritos*, op. cit., p. 14). Segundo Roudinesco & Plon, o termo *Simbólico*, aparece, na obra de Lacan desde 1936 (na conferência *Le Stade du miroir...* no XIV Congresso Psicanalítico Internacional, Marienbad, 28 de agosto) "*para designar um sistema de representação fundado sobre os signos e as significações que determinam o sujeito*". Depois disso, em 1953, por exemplo, é colocado mais diretamente em relação com o *Real* e o *Imaginário*, tendo ainda no percurso de Lacan outras inflexões (Ver: ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dictionnaire de la psychanalyse*,

Segundo Freud, o erro induzido pelo reducionismo era justamente o de tomar indiferentemente o uso individual da linguagem, os distúrbios da fala, e a capacidade de representar palavras e coisas, localizando-os no organismo. Ora, para Freud, em primeiro lugar, havia essa estrutura que se diferencia do substrato anatômico à qual devemos referir o jogo de formação e permanência das representações; em segundo lugar seria necessário distinguir dessa estrutura a função que a ela cabia, a da significação, e a função que a ela se relacionava, a da fala, o uso individual da linguagem. Sabendo-se do ordenamento que envolve estrutura e funções poderíamos passar a pensar os distúrbios. Não nos interessará analisar detalhadamente a discussão de Freud na classificação dos distúrbios, mas deveremos examinar ponto a ponto os dois primeiros passos anunciados. Como mostramos anteriormente, não serviria mais o caminho da busca de localizações e sim o de buscar o ordenamento, os princípios da própria estrutura representacional que a relacionam à linguagem, nesta dupla via da estrutura e da função.

Este ordenamento começa a se delinear se percebemos a importância dada por Freud ao elemento acústico da *Wortvorstellung* e ao elemento visual da *Objektvorstellung* na ligação entre os dois complexos, ou seja, na relação simbólica ou estrutura simbólica. Esclarecendo em que sentido se dá esta ligação, teremos condições de avançar no curso da argumentação de Freud para o segundo passo: o relacionamento entre estrutura e funções.

O entendimento clássico da relação entre os elementos que Freud reúne em torno dos dois complexos representacionais, como ensina Vogel, considerava não haver nenhuma posição privilegiada nos sistemas de conexões entre eles¹³⁵. Charcot advogava que poderia haver maior ou menor importância de um ou outro dos elementos dos complexos representacionais dependendo da experiência de cada indivíduo, alguns seriam mais visuais, outros mais auditivos, outros mais

op. cit., p. 1041). Algumas evidências nos incentivam a pensar que uma pesquisa específica comparativa do uso do termo por Freud e Lacan, poderia ser de relevância teórica, no entanto, é tema que mereceria, por sua complexidade, um outro trabalho.

¹³⁵ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 13.

táteis, etc. e, em função disto poderíamos ter a preponderância da imagem visual, ou da imagem tátil, por exemplo, nas representações das coisas (*Objektvorstellung*, para Freud) ¹³⁶.

Mas, se ambos os complexos são originários da experiência com as coisas e com as palavras, será assim tão aleatória a ordenação desta estrutura formada por eles? Como sabemos, Freud, ao pensar a sua representação-objeto, recorre a uma citação de Stuart Mill, autor com o qual culmina uma tradição que considerava haver regras de associação no ordenamento das idéias (simples e compostas). Seriam estas mesmas regras mais adequadas para pensarmos a ordenação das representações? Para Freud não serviriam nem a aleatoriedade da visão atribuída a Charcot e nem o associacionismo de Stuart Mill.

Em Mill, as “idéias simples *geram*, mais do que compõem, as idéias complexas” ¹³⁷, o que o coloca próximo a Hume, distinguindo-o dos demais associacionistas como Locke e o próprio James Mill, pai de Stuart ¹³⁸. À formulação de uma mecânica mental proposta por James Mill, pela qual “a associação” de idéias é “uma simples combinação de elementos que se mantinham inalterados no interior do conjunto por eles formado”, Stuart Mill contrapõe a sua “química mental” que, em síntese, é um entendimento de que o conjunto associativo não seria redutível à soma de seus elementos (idéias simples) e sim um produto gerado a partir desses elementos. Assim como na química não se poderia reduzir a água às propriedades de seus elementos constitutivos, o conjunto associativo deveria ser entendido sempre em sua totalidade. Este é um postulado aparentemente próximo ao de complexos representacionais em Freud, e podemos pensar que muito o impressionou a conclusão de Mill de que os fatos ou fenômenos que correspondem às representações parecerem inseparáveis em existência, somente por influência da crença na inseparabilidade, que não

¹³⁶ Charcot considerava que “num primeiro tempo, todas as ligações entre os elementos da linguagem [imagens mnêmicas distinguidas por Freud como os elementos dos dois complexos representacionais] parecem qualificadas de maneira igual para cumprir as funções [da linguagem] e é pelo exercício ou pela organização individual que ocorre fazer-se de um ou de outro elemento da linguagem um ponto de ligação, um nodo para os outros” (FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 149).

¹³⁷ STUART MILL, J. *Sistema de lógica inductiva y deductiva*. Madrid: Jorro, 1917, vol. II, livro VI, cap. 43., ap. GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., p.51.

¹³⁸ *Ibid.*

corresponde à situação das coisas fora da representação¹³⁹. Entretanto, não é por semelhança, contigüidade, freqüência e inseparabilidade, princípios de associação de Mill¹⁴⁰, que se ordena a estrutura simbólica para Freud¹⁴¹.

A importância desigual dos elementos na formação desses complexos, demonstra isto. Na ligação entre os complexos, Freud deu preponderância ao elemento acústico da *Wortvorstellung* e ao elemento visual da *Objektvorstellung*. A experiência com o elemento acústico (imagem sonora ou imagem acústica) é central tanto na perspectiva do surgimento da fala (no sentido de condição geral de haver seres falantes) quanto na perspectiva do aprendizado individual da fala a partir de outros seres falantes. Por isto, diz Freud, "a atividade associativa do elemento acústico se encontra no centro da função da linguagem em sua totalidade"¹⁴². Por outro lado, na representação-objeto há também a preponderância de um de seus elementos, o elemento visual (imagem visual) para ligação entre os complexos. A imagem, como já salientamos, tem para Freud a função de informação. No texto das afasias a imagem visual é o elemento que possibilita com maior facilidade caracterizar um objeto, ou seja, tem maior poder de informação. O mesmo não se daria com os elementos (imagens mnêmicas) cinestésicos e acústicos do objeto. São mais raras as referências a estes elementos como caracterização de um objeto. Dificilmente dizemos que um objeto comum tem som agudo ou é áspero antes de pensarmos ou imaginarmos que ele tem tal

¹³⁹ Ibid., p. 53. Tal como Berkeley Hume, Stuart Mill estaria aqui colocando em questão o conceito de substância e negando "que a objetividade do mundo seja decorrente de sua substancialidade". Inclui-se nesta negação da substância tanto a substância material quanto a substância espiritual, que seriam apenas "a sucessão de diferentes possibilidades de sensações" e a outra "a sucessão dos diversos sentimentos ou das diferentes percepções de sensações".

¹⁴⁰ STUART MILL, J. "Um exame da filosofia de Sir William Hamilton". In - *Jeremy Bentham, John Stuart Mill*, (Os pensadores). 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 265.

¹⁴¹ GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., p. 54 e ASSOUN, P.-L. *Metapsicologia freudiana, uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 81, afirmam que de Stuart Mill Freud teria tomado somente a idéia de que a "representação de objeto" acrescenta sem cessar, novas possibilidades, sendo constituída por um "afluxo de impressões sensoriais" novas da "mesma cadeia associativa". Este segundo autor em *Freud, la philosophie et les philosophes*. Paris: PUF, 1976, p. 14, após lembrar que Freud traduziu, para o alemão em 1880, o décimo segundo volume das Obras Completas de Mill, diz que Freud teve um contato direto com a filosofia de Mill, nas aulas de Brentano, mas não se estabelece disto, nada além da suposição de que "é neste círculo que Freud cultivava esta tendência à especulação". GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., p. 55, lembra a opinião de NASSIF, J. "Freud l'inconscient". Paris: Galilée, 1977, p. 266, segundo o qual se há necessidade de se procurar na filosofia um autor que poderia ter patrocinado a concepção de "representação-objeto" tal como a de Freud, melhor seria recorrer a Brentano do que recorrer a Stuart Mill.

¹⁴² GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., p. 140.

forma (tal imagem visual). Assim, é a *imagem acústica* na *Wortvorstellung* que se liga à *imagem visual* na *Objektvorstellung*¹⁴³ delineando a *estrutura simbólica*.

O que torna a ordenação da estrutura simbólica ligada à linguagem como estrutura é, portanto, a preponderância do elemento acústico em sua relação com o elemento visual (na ligação entre representação-palavra e representação-objeto). Os elementos da representação-objeto, diz Freud, nos aparecem desde o início não como uma representação fechada, mas apenas como capazes de o serem. O que faz com que isto aconteça é o caráter verbal dado ao conjunto da representação: é somente na ligação da representação-objeto com a representação-palavra que se pode falar em uma representabilidade das coisas. Deveremos, no próximo capítulo (seção III), voltar ao problema de saber como essas coisas se relacionam às palavras nas formulações freudianas que fundam a psicanálise; que esta relação envolve a fala é o que já podemos formular com maior precisão.

Podemos, então, prosseguindo a nossa análise, ligar a função da fala não mais à estrutura da representação-palavra isoladamente. Ligaremos a fala, como função, à estrutura formada pela união dos dois complexos representacionais (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*). Com esta vinculação, a fala pode ser entendida em um jogo de determinações com a memória. A estrutura simbólica, conforme mostramos, é intrinsecamente ligada à memória. Será, então, no jogo de determinações entre a linguagem, como função e estrutura, e a memória que haveremos de encontrar a determinação do discurso: o uso individual da linguagem.

Segundo Freud, é na ligação entre *Wortvorstellung* e *Objektvorstellung* (*estrutura simbólica*) que se estabelece a *significação*. Será o ato de falar, então, apenas a objetivação da significação construída no duplo complexo representacional? Uma

¹⁴³ A representação, bem entendido, é o complexo formado pelas imagens mnêmicas. Estas últimas correspondem àquilo que na memória resta como registro obtido a partir das respectivas vias sensoriais. Assim, uma imagem auditiva tem relação com a via nervosa auditiva, etc. Uma representação (*Vorstellung*), que pode ser relacionada à palavra (*Wortvorstellung*) ou ao objeto (*Objektvorstellung*), não se confunde com as imagens mnêmicas que a formam. Em textos posteriores ao ensaio das afasias, Freud provoca um entendimento dubio, ao se referir somente à *imagens visual* ou à *imagem auditiva* (*visuelle und akustische Bilder*) como se a elas estivesse dando o sentido de *representações* (*Vorstellungen*). Não devemos esquecer,

vez que a estrutura simbólica se ordena à revelia das coisas (dos objetos), como a significação nela estabelecida se relaciona com as determinações semânticas e sintáticas da língua falada? Qual a ligação da lógica própria do jogo de relações na estrutura das representações com a linguagem de forma geral? A partir do ensaio de 1891, ainda não caberia indagarmos se essa lógica da estrutura das representações é acessível ou não à consciência, o conceito de inconsciente estando ainda por ser introduzido. Entretanto, as categorias aqui surgidas já nos permitem transformarmos estas perguntas em uma única: será a idéia de linguagem como estrutura e função de comunicação que está em jogo para Freud ou sua noção de linguagem salienta na própria linguagem, encontrada pela psicanálise, uma estrutura e uma função tomadas em outra acepção?

Conforme formulado em *Aphasies* e pelo que já demonstramos, a estrutura representacional deve ser tomada como memória e como estrutura ordenada pelo elemento lingüístico indispensável da representação-palavra em sua ligação com a representação-objeto. Na estrutura simbólica está em jogo a representação do mundo das coisas somente na medida em que o mundo das palavras também se insere nas representações. Por outro lado, a significação é, a exemplo e juntamente com a fala, uma função a que se relaciona a estrutura simbólica. Como então pensar este tipo de determinação delineado, onde entram em jogo vários elementos ao mesmo tempo? Esta é a complexidade inaugurada por Freud numa reflexão sobre as palavras e as coisas.

Precisando melhor, temos uma estrutura e duas funções: a estrutura que garante a relação da *representação-palavra* (*Wortvorstellung*) com a *representação-objeto* (*Objektvorstellung*) ligada à função da *significação* e, ainda, a função da *fala* que se relaciona tanto à estrutura representacional quanto à função da significação. Neste sentido fica mais claro porque Freud diz que a relação da fala com a memória não tem apenas uma determinação. Ao contrário disto ela é *complexamente* determinada, é, ainda *estruturalmente* determinada e, se levarmos em conta a preponderância de alguns dos elementos na estrutura representacional (imagem verbal na

no entanto, que estes são exatamente os elementos chaves dos dois *complexos representacionais*: a imagem visual da *Objektvorstellung* e a imagem acústica da *Wortvorstellung*.

Wortvorstellung e imagem visual na *Objektvorstellung*) ela é, também, *desigualmente* determinada, ou seja, tomando de empréstimo uma expressão de Althusser, a relação da fala com a memória é "*complexamente-estruturalmente-desigualmente-determinada*" ¹⁴⁴ ou, nos termos de Freud no ensaio: é *sobredeterminada* (*überbestimmt*)

¹⁴⁵.

Podemos dizer, então, que tanto a fala, como discurso individual, quanto a memória, como estrutura representacional, são *sobredeterminadas* pela condição de estrutura e de função que encontramos na linguagem. Mesmo na consideração das preocupações com o organismo, a fala revela, para Freud, uma dupla fonte de determinações: de um lado, os aspectos fisiológicos e anatômicos (orgânicos) e, de outro, a dimensão dos processos psíquicos. Logo no início da tentativa de Freud de analisar os processos da fala, os determinantes orgânicos são de importância reduzida ou até mesmo sem importância nesta *sobredeterminação*:

aprendemos a falar associando [1] uma sensação de inervação verbal a [2] uma imagem sonora verbal. Assim que tenhamos falado estamos de posse de uma representação motora da linguagem (sensações centrípetas dos órgãos da linguagem) de tal sorte que do lado motor a palavra é para nós duplamente determinada. Dos dois elementos determinantes, o primeiro, a representação de inervação verbal [1], parece possuir, do

¹⁴⁴ Esta expressão é fornecida por Althusser na seguinte comparação: "Marx se pergunta o que é uma formação social, reconhece nela o papel determinante da luta de classes, a partir da qual edifica toda sua teoria da relação entre as relações de produção e as forças produtivas, e sua teoria da superestrutura (Direito e Estado, ideologias) [na qual a contradição é central]... nada há em Marx que possa fundamentar uma teoria do psiquismo". Por sua vez, no que diz respeito a Freud, "o que havia descoberto não se referia, de modo algum, à sociedade ou às relações sociais, mas a fenômenos muito particulares que afetavam os indivíduos", nestes a contradição é também central, nem que seja, quanto a afirmação de que "o inconsciente não conhece a contradição, e que essa ausência de contradição é a condição de toda contradição". Ambos, Marx e Freud, estariam considerando a *contradição* como não-unívoca, mas nem por isso equivocada, e sim "*determinada pela complexidade estruturada que lhe determina o seu papel*" (ALTHUSSER, L. Marx e Freud, op.cit. p. 87) ela seria, assim, "*complexamente-estruturalmente-desigualmente-determinada*" (ALTHUSSER, L. *A Favor de Marx*, op. cit., p. 185). Nosso uso dessa indicação, aplicada a um período da obra de Freud em que ainda não havia aparecido o termo inconsciente, se justifica pela identidade que há entre a noção de determinação da fala no ensaio das afasias e a noção de determinação do discurso onírico no livro sobre os sonhos, em ambos há *estrutura, desigualdade, complexidade e determinação*.

¹⁴⁵ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit. p. 124.

*ponto de vista psicológico, o mais pequeno valor, ver sua intervenção como fator psíquico pode ser formalmente contestado*¹⁴⁶

A fala, ao ser definida como uma função, logicamente implica algum grau de determinação pelos movimentos orgânicos do cérebro (*Spracheapparat*). No entanto, o determinante orgânico, diz Freud, não tem a importância que lhe atribuíam para a questão da memória, da significação e da determinação do discurso, neste sentido podendo mesmo estar ausente. Pelo menos é o que mostram alguns casos em que, mesmo com uma lesão em determinada área do cérebro, a memória, a significação e a fala podem ser entendidas como organicamente suportadas por outra região que não a lesionada, ou mesmo, como é a hipótese de Jackson, pelo conjunto das áreas relacionadas, compensando a falha¹⁴⁷.

Além disso, no aprendizado da fala e, posteriormente, da leitura e da escrita, também se pode pensar a interferência de múltiplos determinantes. Esta idéia está definida em Freud como um processo de *superassociação*. Ao começarmos a soletrar já temos vários sons verbais, ou seja, já dispomos de várias imagens sonoras e suas imagens motoras correspondentes, para todos os sons das palavras já conhecidas. Então, ligamos imagens visuais das letras às novas imagens

¹⁴⁶ Ibid., p. 123. Este "sentido de inervação" era uma hipótese que não estava confirmada na neurologia e que, mais tarde, como mostra a nota de James Strachey, (FREUD, S. *O Inconsciente*. E.S.B., v. 14, p. 240, nota 1) foi totalmente desconsiderada. Freud parece apostar neste destino da hipótese pois logo adiante a descarta.

¹⁴⁷ Ou seja, os casos graves onde a ocasião de uma lesão no cérebro impossibilita a fala, não são fundamento da determinação da fala pelos componentes orgânicos. Inverte-se aqui o ônus da prova, Freud afirma que não há como concluir, no caso da fala, que a ausência da função seja ligada à lesão, ao contrário, a lesão somente nos permite confirmar que determinada área é fundamental para a ocorrência do movimento mecânico de emitir sons, mas não nos prova nada além disso. O *Spracheapparat*, em resumo, nada acrescenta à pesquisa sobre a linguagem, além do mecanismo cerebral disponível. O movimento realizado por Freud, na direção da pergunta pela *significação*, parece se dar no eixo que Lévi-Strauss descreve como sendo uma escala na qual poderíamos situar os interesses teóricos pelas operações lingüísticas, com os seguintes pontos extremos: o *organismo* (as leis neuropsicológicas) e o *mundo cultural* (o interesse lingüístico propriamente dito). Tanto numa como noutra direção há problemas férteis como é o caso do "extraordinário grau de analogia entre o sistema de informação genética e o sistema da informação verbal", na direção do organismo e, "na outra encosta da língua", como diz Lévi-Strauss, "as relações entre a análise lingüística e a dos mitos", onde se coloca o problema da relação da língua com outro sistema, "que, de uma maneira diferente da língua, se compõe de elementos combinados entre eles para formar significações sem nada significar em si próprios quando são tomados isoladamente". Logicamente estamos cientes de que não há nem em *Aphasies* e nem nos textos posteriores aqui estudados elementos para a defesa de um "Freud estruturalista", o que salienta-se aqui é a agudeza da visão de Freud para perceber a complexidade do problema da linguagem, apontando desde sua entrada na discussão a importância de pensá-la em várias direções, diferentemente do consenso reducionista de

sonoras, que nos lembram aqueles sons verbais já conhecidos. Repetimos imediatamente a imagem sonora característica da letra, de forma que a letra nos aparece determinada por duas imagens sonoras que se recobrem, a imagem sonora da letra e a imagem sonora (na verdade várias imagens sonoras) da palavra já conhecida anteriormente, e, ainda, por duas imagens motoras, a imagem motora da letra e a imagem motora da palavra (ou das palavras) que já conhecemos. Ocorre, portanto, no nível das representações-palavras, uma associação entre associações, ao que Freud dá o nome de *superassociação*.

Outro exemplo deste processo se revela no aprendizado de uma língua literária quando sabemos apenas um dialeto. É como ao aprendermos a língua natal já sabemos uma espécie de dialeto, em geral já bem mais adiantado do que o conjunto de sons que repetimos tentando imitar os outros no aprendizado da fala, podemos tomar este caso como uma hipótese do que ocorre de uma forma geral ao aprendermos a leitura e a escrita. As imagens motoras, sonoras e visuais da letra (imagens de leitura) e as imagens da escrita (imagens do movimento) adquiridas na soletração das palavras da língua (dialeto já sabido), e na escrita das palavras, deverão ser “superassociadas às imagens antigas”. Estas são as imagens sonoras e imagens motoras da fala, apreendidas anteriormente sem a escrita. A aprendizagem da língua literária, isto é, que tem regras para a escrita, é tarefa que será facilitada se houver semelhança entre o dialeto e a língua literária¹⁴⁸. Da mesma forma, em geral as imagens da escrita são reconhecidas e superassociadas às imagens de leitura.

Finalmente, devemos nos ater à relação, até agora intocada, entre as *representações-objeto* e os objetos propriamente ditos, discussão anunciada em *Aphasies*. A referência de Freud a esta relação aparece em primeiro lugar como uma acitação da proposta de John Stuart Mill, pela qual os objetos propriamente ditos somente são apropriados pela consciência como *sensações presentes* e *sensações possíveis*. Estas últimas são mais importantes por criarem a própria convicção de

sua época. (Ver prefácio de Claude Lévi-Strauss em JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*, op. cit., pp. 13-4).

que há objetos externos à consciência. Ora, se, como dissemos a *representação-objeto*, para Freud, não passa por uma referência às coisas propriamente ditas, isto se dá porque em Stuart Mill há motivos para se pensar uma noção de objeto "liberta da incômoda referência à coisa", como salienta Garcia-Roza¹⁴⁹. Esta disjunção, que a princípio é adotada por Freud entre o nível das representações (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*) e o nível das coisas, num segundo momento se mostra bastante avessa às expectativas de Mill, apesar da referência explícita que encontramos no texto de Freud¹⁵⁰. Ocorre que para Freud, diferentemente de Mill, interessou a idéia da *representação*, conforme já vimos até aqui. Para o autor inglês, até mesmo o termo *representação* indicaria uma proximidade condenável com a tradição metafísica, da qual ele se dizia crítico. Além disso, o interesse de Freud parece seguir um rumo diferente com relação à noção de "coisas" aqui envolvida. Para Freud parece razoável tratar com algum estatuto de realidade essas impressões que os objetos deixam no rastro da experiência de quem tem contato com eles como impressões. E mais, interessou a Freud definir a relação entre esta realidade e a realidade das coisas que se apresentam no mundo.

Há, para Freud, uma disfunção possível no estabelecimento da relação entre os objetos propriamente ditos e as representações-objeto. Trata-se da incapacidade de reconhecer objetos: agnosia. Esta perturbação, rigorosamente falando, é a perturbação de uma função que deve corresponder, no esquema de Freud, à relação entre as representações-objeto e os objetos. De fato, esta função nada mais é do aquilo que diz respeito à concepção de Freud sobre a percepção, que, como dissemos é entendida desde 1891 como distinta da memória. Esta distinção, que não está desenvolvida no texto das afasias ganha uma formulação precisa em *Entwurf*. Além disso, é nesse texto que encontraremos também o sistema da consciência em sua relação com a memória e a percepção. A relação entre os objetos e as representações-objetos é, portanto, apenas anunciada no

¹⁴⁸ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 124. Sendo o dialeto a língua natal e a língua literária a língua natal aprendida com leitura e escrita, regras gramaticais, etc., teremos mais um motivo para tomar este caso como uma hipótese geral.

¹⁴⁹ GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op.cit., p.54.

texto das afasias e somente poderá ser melhor avaliada, para medirmos sua incidência nos passos decisivos da concepção de linguagem, ao introduzirmos as noções do *Entwurf*.

Já aqui, no entanto, devemos salientar que a estrutura das representações se mostra de certa forma "encolhida" em relação ao nível dos objetos, ao menos se levarmos em conta algumas diferenças que há entre a formação da representação-palavra e a formação da representação-objeto. Freud afirma que a representação-palavra, apesar de se mostrar passível de extensão, na verdade é algo como uma cadeia fechada. As imagens mnêmicas que a compõem são determinadas (imagem visual, imagem sonora e imagem motora) enquanto que as imagens mnêmicas que compõem a representação-objeto são apenas parcialmente determinadas. Sabemos que são todas elas de origem visual, motora, cinestésicas, etc., mas sempre há a possibilidade de se acrescentarem novas imagens mnêmicas relacionadas a elas. Neste sentido a representação-objeto é um complexo representacional passível de extensão.

A característica que Freud atribui à *representação-objeto* no que tange à extensão ainda não se mostra como o recuo da representação. Pelo contrário esta característica é uma espécie de garantia de que para os objetos, ainda que em número ilimitado, deverá haver, de alguma forma, a possibilidade de representação. Ainda que para isto se tenha que imaginar ligações de *representação-palavra* com *representação-objeto* bastante variáveis. De toda forma, trata-se sempre de uma relação entre representações, instância a partir da qual, nas obras posteriores de Freud, encontraremos de forma privilegiada a relação das palavras e das coisas. Esta relação aparecerá, daqui em diante, conservando esta característica irrevogável de estar inserida naquilo que será chamado de realidade. Definir-se-á, então, o problema pensado por Freud como o da cisão entre a realidade das coisas, ou como ele mesmo diz, a realidade material ou fatural e a realidade psíquica.

¹⁵⁰ Trata-se da referência que Freud faz às obras *Logik I* e *An examination of Sir William Hamilton's philosophy* de Stuart Mill: "... da filosofia tiramos que a representação de um objeto não contém nada além da aparência de uma coisa..." (FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 127).

III - Os sistemas do aparelho psíquico

Quatro anos depois da refutação da noção de linguagem dos autores alemães, sucedida da apresentação de um entendimento próprio, Freud faz, no *Entwurf*, uma tentativa de aprofundar a distinção entre percepção e memória introduzindo ainda o problema da consciência. Em *Aphasies*, tivemos que buscar, em meio ao exame de hipóteses da neuroanatomia uma discussão sobre a contradição da identificação entre percepção e a memória; considerações sobre o estatuto de realidade das representações; e a vinculação destas com a fala. Em *Entwurf*, ao contrário, teremos que separar da discussão mais ampla, já no terreno de fertilização das raízes de noções da psicanálise, as considerações sobre as palavras e as coisas; as observações sobre o destino que é dado à estrutura simbólica, conforme sua definição feita anteriormente. Com isto encontraremos as mudanças, acréscimos e retificações que preparam a formulação final do jogo de determinações entre fala e memória.

No *Entwurf* haverá a necessidade de situarmos a estrutura das representações introduzida por Freud em relação à consciência, sistema que, junto com a memória e a percepção, completa o aparelho psíquico. Este continuará, na direção da definição da estrutura simbólica, sendo uma espécie de lugar exigido por Freud para descrever os processos nos quais está interessado.

Referindo-se de forma geral à metapsicologia freudiana Paul Laurent-Assoun salienta que no triplice enfoque metapsicológico, avaliar um processo psíquico pelos pontos de vista tópico, dinâmico e econômico, há para Freud a primazia do topológico. Esta primazia, inspirada na anatomia, se expressa na afirmação de que é necessário "primeiramente determinar o lugar: os processos virão depois - mesmo que constituam o essencial"¹⁵¹. Desta forma "a ordem das

¹⁵¹ Logicamente seria inadequado incluir no esquema de Assoun o texto das afasias, uma vez que nele não encontramos referências aos pontos de vista *dinâmico* e *econômico* e, ainda, a referência à anatomia, apesar de realmente inspirar alguma coisa de tópico, não nos autoriza a falar em uma tópica. Por outro lado, é bem plausível encontrarmos uma preocupação, uns bosquejos de uma teoria dos lugares no texto das afasias. (Ver: ASSOUN, P-L. *Introdução à metapsicologia freudiana*, op. cit., pp. 110-11).

razões", assim como a "ordem das matérias" na *démarche* de Freud, seria: (1º) uma teoria dos lugares; (2º) uma teoria das forças; (3º) uma teoria da energia.

Volgo ao intuito deste trabalho um aprofundamento das nuances epistemológicas da construção a que Freud se propõe em sua metapsicologia. No entanto, é relevante o fato de que a visão tópica, incipiente no texto das afasias, ganha corpo no *Entwurf* justamente com a introdução de um modelo de funcionamento das forças em jogo no aparelho psíquico e de uma teoria das quantidades (energias?), elementos lembrados por Assoun. De qualquer forma, devemos salientar que há no rascunho inédito de 1895 considerações bastante fecundas que acabam por nos colocar um passo adiante da simples separação entre um e outro dos dois domínios (percepção e memória) entendidos de forma tão simplista pelos pesquisadores criticados por Freud na primeira parte do texto de 1891. Há, também, indo ainda mais adiante, uma complicação do curso da construção teórica com a introdução das questões da consciência em sua relação com os outros dois sistemas.

A introdução das questões quantitativas que, em resumo, dizem respeito à interferência da mola pulsional na instância das representações, é a primeira perturbação que será instaurada na idéia clara de estrutura simbólica como o topos da significação e como estrutura à qual a fala se refere. Nos textos posteriores ao *Entwurf*, o ponto de vista econômico poderá avançar como explicação dos processos psíquicos e das transferências e modificações do relevo dado às representações que aparecem à consciência. Neste texto, a introdução da quantidade e a preocupação com seu sentido inauguram toda esta via, introduzindo na seqüência das preocupações com a dimensão da representação novos ingredientes para a pergunta: a que leis responde o seu ordenamento?

Desde o verbete *Histerie*, escrito em 1888 para a enciclopédia *Vilaret*, apresentava-se a distinção entre as doenças para as quais a anatomopatologia poderia dar respostas e aquelas que são disfunções a serem buscadas no funcionamento dos processos psíquicos. As esperanças na anatomia como fonte de explicação dos sintomas histéricos é refutada por Freud da mesma forma que ele descarta as explicações localizacionistas das afasias. O apoio na teoria

funcionalista, a exemplo do que vimos a respeito da primeira parte do texto das afasias, também serve a este intuito de refutação. Assim, os sintomas histéricos ofereciam a possibilidade de uma descrição que se afastava claramente das explicações anatômicas e ao mesmo tempo, aceitando a fórmula "... a concomitant dependent...", vinculá-los ao funcionamento geral do cérebro.

A emergência dos sintomas histéricos, a exemplo das afasias no campo da linguagem, seria um comprometimento baseado "total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso"¹⁵², ou seja, a histeria é

*uma neurose no mais estrito sentido da palavra - quer dizer, não só não foram achadas nessa doença alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha a revelar alguma dessas alterações*¹⁵³

A definição aqui apresentada, distante ainda das noções mais elaboradas da estrutura histórica, mostra as modificações fisiológicas, e não localizações, como ponto de apoio que logo dará lugar a um realce da preocupação *quantitativa*. Esta possibilitaria descrever a histeria em termos conceituais, e em sua essência, por uma "fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso". Trata-se apenas de esperança porque, como reconhece Freud, "uma fórmula fisiopatológica desse tipo, no entanto, ainda não foi descoberta", motivo pelo qual, "por enquanto, devemos nos contentar em definir a neurose de um modo puramente nosográfico, pela totalidade dos sintomas que ela apresenta"¹⁵⁴. A opção por uma definição quantitativa dos processos psíquicos, e, conseqüentemente, dos distúrbios histéricos, mesmo sem a certeza de que serão encontradas as "modificações características da histeria",

¹⁵² FREUD, S. *Histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, E.S.B., v. 1., p. 85. Trecho do verbete escrito, segundo o tradutor inglês, para a enciclopédia *Handwörterbuch der gesamten Medizin* organizada por A. Villaret.

¹⁵³ *Ibid.*, pp. 83-84. Esta definição aproxima-se das hipóteses de Charcot, de que seria necessário descrever uma perturbação "funcional" no cérebro para explicar organicamente a histeria. O próprio Charcot, no entanto, apenas indica esta direção, interessa-se muito mais pela descrição clínica dos quadros (Ver: FREUD, S. *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*, op.cit., p. 48 e FREUD, S. *Prefácio e notas de rodapé à tradução de Conferências das terças-feiras (1887-8) de Charcot*, op.cit., p. 199).

¹⁵⁴ FREUD, S. *Histeria*, op. cit. p. 85.

evolui para uma formulação muito semelhante à definição de quantidade no *Entwurf*. As modificações fisiológicas do cérebro, os distúrbios psíquicos, cujos exemplos são "alterações no curso e na associação de idéias, inibições na atividade da vontade, exagero e repressão dos sentimentos", podem ser resumidos como "alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação" ¹⁵⁵. Esta proposição coloca a possibilidade de a quantidade, tomada como movimento na superfície de um sistema nervoso, ser eventualmente e futuramente medida como o são os fenômenos físicos.

A idéia da quantidade, desde as primeiras referências a ela, demonstra a extrema preocupação de Freud com o caráter científico de suas propostas. No texto sobre as paralisias histéricas, iniciado em 1888 e somente concluído em 1893 ¹⁵⁶, Freud formulou a hipótese da diferença fundamental entre as paralisias histéricas e as paralisias orgânicas como sendo a primeira redutível à anatomia do cérebro e a segunda não. Teve dificuldades, então, para dizer qual seriam os mecanismos verificáveis na paralisia histérica, um vez que era um sintoma funcional e não lesional. Em suas notas à tradução das lições de Charcot, inspirador dessa distinção, Freud vai ainda mais longe, acrescenta que mesmo as hipóteses da hereditariedade deveriam ser revistas ¹⁵⁷. Arrisca-se a estas afirmações a partir de suas convicções sobre os fatos clínicos, que o levavam a novos problemas, como o de dizer que tipo de mecanismo estaria envolvido na "representação superintensa, como no caso da histeria e da compulsão" ¹⁵⁸. Ao passar destas constatações clínicas para uma redução teórica recorre à noção de *quantidade*, modificações mecânicas das chamadas funções psíquicas. É o que se constata no final do texto *As neuropsicoses de defesa*, de 1894:

Gostaria, por fim, de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo — uma carga de afeto ou soma de excitação — que possui todas

¹⁵⁵ FREUD, S. *Histeria*. op. cit., p. 95.

¹⁵⁶ FREUD S. "Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas", op. cit.

¹⁵⁷ FREUD, S. "Prefácio e notas de rodapé à tradução de lições de mardi", op. cit., pp. 205-6.

as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. Essa hipótese, que aliás já está subjacente a nossa teoria da "ab-reação" na "Comunicação Preliminar" (1893a), pode ser aplicada no mesmo sentido que os físicos aplicam a hipótese de um fluxo de energia elétrica. Ela é provisoriamente justificada por sua utilidade na coordenação e explicação de uma grande variedade de estados psíquicos ¹⁵⁹

No *Entwurf*, como decorrência de observações onde "o caráter quantitativo se sobressai de forma mais pura do que em processos normais" ¹⁶⁰, a quantidade é a explicação do movimento dos processos psíquicos. A quantidade, notada em *Entwurf* por "Q" e por "Qη", conforme se refira ao exterior ou ao interior do aparelho psíquico, aparece como a idéia que "concebe o que diferencia atividade de repouso", estando "submetida às leis gerais do movimento" ¹⁶¹. Esta definição simples da quantidade está intimamente ligada à segunda idéia chave, trata-se da noção de sistema de neurônios.

Inicialmente há uma identificação do sistema de neurônios (*Neuronensystem*) com o sistema nervoso (*Nervensystem*) estudado na fisiologia. Assim, a primeira definição destes sistemas é de que eles seriam "partículas materiais" às quais estariam referidos os processos psíquicos. Se a quantidade é o que diferencia movimento de repouso, os neurônios seriam o topos onde estes movimentos ou esse repouso ocorrem. A medida em que introduz novas suposições sobre a "arquitetura e desenvolvimento, assim como desempenhos" do sistema de neurônios (*Neuronensystem*), Freud o distancia do sistema nervoso (*Nervensystem*) ¹⁶², chegando

¹⁵⁸ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit. p. 9.

¹⁵⁹ Idem. *As Neuropsicoses de Defesa*, op.cit., p. 65.

¹⁶⁰ Idem. *Projeto de uma psicologia*, op.cit. p. 9.

¹⁶¹ Ibid.

¹⁶² Esta distinção entre *Neuronensystem* e *Nervensystem* é salientada pelo tradutor da edição inglesa, que não aprofunda a discussão mas fornece uma importante informação. Em *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, publicação de 1950 organizada por Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kriss, onde aparece pela primeira vez o *Entwurf*, em vários trechos a abreviatura *Nsy* do manuscrito foi colocada por extenso como *Neuronensystem*. Isto, segundo o tradutor inglês, contraria outros trechos do manuscrito nos quais encontra-se, por extenso, *Nervensystem*, que seria a forma comum de se referir ao sistema nervoso. (ver FREUD, S. *Projeto para uma Psicologia Científica*, op.cit., p. 404, nota nº 3).

a dizer, em carta a Fliess, que a suposição da identificação era provisória e talvez nem mesmo necessária:

[o esquema apresentado na famosa Carta 52] supõe que os diferentes registros também estejam separados (não necessariamente segundo o aspecto topográfico) de acordo com os neurônios que são seus veículos. Essa suposição talvez não seja necessária, mas é mais simples e é provisoriamente admissível ¹⁶³

Ainda como fruto da identificação entre os dois sistemas (*Neuronensystem* e *Nervensystem*) aparece o primeiro princípio que relaciona a quantidade aos neurônios: o *princípio de inércia*. Por ele, entende-se que há uma tendência geral no sistema de neurônios a eliminar quantidade. A elucidação deste princípio vem de uma hipótese de Freud que, mesmo entremeada de argumentos biológicos abandonados a partir de certo momento do seu texto, é bastante geral para que se mantenha válida também para o *Neuronensystem*, que em resumo será o substrato topológico substituto da estrutura simbólica do ensaio das afasias. Ainda considerando a identificação entre *Neuronensystem* e *Nervensystem*, diz Freud:

inicialmente se vinculou o sistema nervoso, enquanto herdeiro da irritabilidade geral do protoplasma, com a superfície externa irritável, interrompida por grandes segmentos não irritáveis. Um sistema nervoso primário emprega esta $Q\eta$, assim adquirida, para emitila através da ligação com os mecanismos musculares e conservar-se, desse modo, sem estímulo. Esta eliminação representa a função primária do sistema nervoso ¹⁶⁴

Do princípio de inércia, em sua função primária de eliminação de $Q\eta$, decorre que devem haver no conjunto neurônico "caminhos de eliminação privilegiados e conservados", que seriam exatamente "aqueles ligados com a

¹⁶³ FREUD, S. *Carta 52*, op.cit., p. 324. Este texto será estudado em nosso próximo capítulo, uma vez que apresenta o primeiro esquema do aparelho psíquico depois do *Entwurf*.

¹⁶⁴ Idem. *Projeto de uma psicologia*, op. cit., p. 10.

cessação do estímulo - fuga do estímulo" ¹⁶⁵. Estas vias facilmente se identificam às vias de descarga motora as mais variadas. Há, no entanto, caminhos de excitação do conjunto neuronal para os quais não há possibilidade de eliminação do estímulo a não ser via uma ação no meio externo. Trata-se aqui dos "grandes carecimentos: fome, respiração, sexualidade", necessidades das quais o organismo não pode fugir; ao contrário, deve em função desta "exigência da vida" (*Not les lebens*) realizar no mundo externo alguma ação, chamada neste ponto do *Entwurf* de "ação específica" (*spezifische Aktion*). Para esta é necessário que haja algum armazenamento de Qη e portanto uma perturbação ou um abandono da tendência primária de eliminação da quantidade. Há, portanto, uma função secundária que deve lidar com esta retenção de quantidade.

A função primária somente é perturbada e, segundo Freud, "desde o início" pela relação que se estabelece entre os chamados estímulos endógenos, originados "em células corporais" e o sistema nervoso (ou o *Neuronensystem*). A função secundária modifica a função primária, de descarga, mas se mantém na mesma tendência daquela. Ela exige que o princípio da inércia seja reformulado expressando-se como "esforço de manter Qη no menor nível possível, em defender-se contra a elevação, ou seja, em mantê-la constante"¹⁶⁶. A manutenção, portanto, liga-se à necessidade que leva à ação específica. É para que esta seja possível que há algum acúmulo. A suposição de que haja duas funções, a primária, de descarga, e a secundária, de acúmulo mínimo com tendência a constância, permite avançar à conceituação da *memória* e da *percepção*.

IV - Memória e percepção

Toda tentativa de conceituação da memória e da percepção que tome por base o sistema nervoso (*Nervensystem*), entendido como um sistema simples, um mesmo sistema neuronal, incorre na contradição de ter de admitir ao mesmo

¹⁶⁵ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op. cit., p. 10

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 11.

tempo, "por um lado, que os neurônios, após a excitação, sejam permanentemente diferentes de antes" e, por outro lado, "que as novas excitações encontrem, em geral, as mesmas condições de recepção que as anteriores" ¹⁶⁷. Como conceber que haja simultaneamente a marca que permanece e a renovação para a nova excitação? Não é possível imaginar, diz Freud, "um aparelho capacitado para este complicado desempenho" ¹⁶⁸.

Foi exatamente este o erro denunciado na crítica à concepção geral de Meynert e na teoria das localizações. A Meynert, Wernicke e Lichtheim, que tinham como suporte o consenso organicista, não foi possível nem mesmo identificar a contradição que o entendimento de memória e percepção do qual eram signatários implicava. Freud foge dela admitindo uma dupla estruturação do sistema de neurônios por ele proposto.

Mas isto cria dois novos problemas. Primeiro, é necessário examinar a identificação do sistema de neurônios proposto por Freud ao sistema nervoso afinal, não há mais de um tipo de neurônio no sistema nervoso.

No sistema de Freud haveria, então, células perceptivas e células recordativas. Esta é, no *Entwurf*, sua primeira suposição que não se baseia nas leis anatomofisiológicas mas se impõe como decorrência lógica já levantada a propósito de Meynert. Diante da contradição que as concepções de memória e percepção, sem uma redefinição, incorreriam, diz Freud: "teve origem a separação corrente entre 'células perceptivas' e 'células recordativas', mas que, aliás, não se incorpora a nada, e ela própria [a separação] não tem no que se apoiar" ¹⁶⁹.

Com o abandono da identificação entre o *Neuronensystem* e o *Nervensystem* resolve-se o primeiro problema. Freud estaria, como ele mesmo admite, falando de um sistema hipotético.

Resta o segundo problema: se não é ao sistema nervoso, ao organismo que se refere a construção de Freud, a quantidade, a outra noção chave resta sem referência para acompanharmos o *Entwurf*. Este é um impasse que o próprio Freud não ultrapassa e que parece mostrar as marcas de uma dubiedade recorrente

¹⁶⁷ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op. cit., p. 10p. 13.

¹⁶⁸ *Ibid.*

nos seus textos iniciais: a dupla preocupação de avançar em seus conceitos que explicitamente já tocaram, pelo menos em uma primeira definição, a dimensão da linguagem como *estrutura* (no texto das afasias uma estrutura de *representação*) e como *função* (significação e fala) e, ao mesmo tempo, justificar-se com as vinculações ao organismo. Não resolveremos este problema, mas, para que nossa argumentação seja possível, respeitaremos a condição de rascunho do *Entwurf* e os indícios de noções valiosas confirmados em obras posteriores. Assim, este texto nos parece ser melhor lido, como recomenda Lacan, na condição de uma *topologia da subjetividade* para a qual pouco importa a correspondência orgânica. É nesta topologia que as representações desempenham papel fundamental desde *Aphasies* e se articulam à fala pelo caráter de efeito sobredeterminado da estrutura simbólica. Em continuidade a esta pesquisa podemos entender as suposições sobre os três sistemas ψ , ϕ e ω , bases da percepção, da memória e da consciência, como a segunda análise de uma topologia, que servirá para darmos mais um passo na direção da definição da implicação da realidade psíquica com a linguagem.

Ao resolver o impasse diante do qual se coloca qualquer tentativa de definir memória e percepção num mesmo sistema, prevalece a idéia de que em um deles há resistências maiores à passagem de $Q\eta$. É exatamente isto que mostra a função secundária. Se deve haver acumulação para que diante da exigência da vida possa ocorrer a ação específica, então deve-se admitir que no sistema de neurônios (*Neuronensystem*) há "resistências que se opõem à eliminação". Pelo que indica a estrutura dos neurônios, as resistências estariam, diz Freud, nos contatos entre eles, motivo pelo qual recebem o nome de barreiras de contato. "A arquitetura do neurônio sugere que se desloque as resistências, em seu conjunto, para os contatos [entre os neurônios] que, desta forma, obtém o valor de barreiras [à passagem da Quantidade]" ¹⁷⁰. A idéia das barreiras de contato leva diretamente à definição dos dois sistemas complexos de neurônios.

O primeiro sistema recebe a denominação de *sistema ϕ* . Ele seria formado por partes definidas do sistema de neurônios que "deixam passar $Q\eta$ como se não

¹⁶⁹ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op. cit., p. 10

tivessem barreiras de contato, e que, portanto, após cada curso excitativo, estão no mesmo estado que antes"; são os neurônios "permeáveis". O segundo sistema, forma-se das partes do *Neuronensystem* "cujas barreiras de contato fazem valer-se, de modo que só deixam passar $Q\eta$ com dificuldade ou só parcialmente"; são "impermeáveis", e recebem o nome de sistema ψ ¹⁷¹.

O sistema ϕ funciona de modo a se regenerar após cada movimento, ou seja, permite representar a percepção, para a qual esta característica é fundamental. Nele as barreiras de contato não impedem a tendência primária, dada pela lei da inércia, de eliminação. Isto permite que se pense a relação do próprio *Neuronensystem* com o mundo externo como recepção de quantidades externas, mas com um detalhe importante: elas são de certa forma escolhidas, triadas, como diz Freud

se tivermos formado uma impressão correta da magnitude das Qs no mundo externo, perguntar-nos-emos se, afinal de contas, a tendência original do sistema nervoso de manter a $Q\eta$ zero se satisfaz com a descarga rápida - se ela já não atua durante a recepção dos estímulos. Verificamos, com efeito, que os neurônios ϕ não terminam livremente na periferia, mas em estruturas celulares que recebem o estímulo exógeno em seu lugar. Esses 'aparelhos nervosos terminais' no sentido mais amplo, bem poderiam ter a finalidade de não permitir que as Qs exógenas incidissem com o máximo de intensidade sobre ϕ , mas sim de atenuá-las. Exerceriam, então, a função de telas de Q , que só deixariam passar frações de Qs exógenas" ¹⁷².

Assim, se afastamos a idéia de que o sistema de neurônios (*Neuronensystem*) estivesse identificado ao sistema nervoso (*Nervensystem*), que naturalmente está envolvido na recepção de estímulos, devemos admitir que, ao menos em algum grau, o sistema ϕ , aquele que recebe as quantidades a partir das *telas*, dos *filtros* que são as terminações, é entendido por Freud como relacionado ao *sistema nervoso*.

¹⁷⁰ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op. cit., p. 10p. 12.

¹⁷¹ *Ibid.*

Este é um problema que persiste sem solução. Da mesma forma que em *Aphasies* não se define como ocorre a transformação das percepções nas imagens mnêmicas, elementos dos dois complexos representacionais, no *Entwurf* não temos um critério para comparar os estímulos físicos com a quantidade como hipótese de movimento no aparelho psíquico. Lacan diz que quanto a esses mecanismos de amortecimento, esse crivo pelos quais passariam as quantidades ao ingressarem no *Neuronensystem*, Freud "não vai mais além nas tentativas de solução propostas pelo fisiologista", que chegariam ao máximo na afirmação da sensação, guia da vida ¹⁷³. Entretanto, a noção de crivo das quantidades externas torna ainda mais clara a idéia de que é sempre de forma indireta, sempre em segundo grau que haveremos de encontrar a função das coisas da realidade. No que diz respeito ao mundo externo são sempre essas coisas "diminuídas" (ao menos quantitativamente) que encontramos nas *representações-objetos* que haverão de ligar-se às *representações-palavras*.

Passemos, então, ao segundo sistema a ser melhor definido : o sistema de neurônios permeáveis, sistema ψ . Ao contrário do sistema ϕ , no sistema ψ , cujas barreiras de contato tem papel importante, há acumulação de $Q\eta$ conforme a necessidade da vida. Este tende, também, como é esperado pela lei da inércia em sua função secundária, a manter o nível de $Q\eta$ no mínimo necessário, ou seja, tende a eliminar alguma $Q\eta$. Esta tendência de eliminar $Q\eta$, ligada aos movimentos do sistema de neurônios, faz com que, no sistema ψ , as barreiras de contato tenham diferentes graus de permeabilidade. Aos estados de permeabilidade do sistema ψ no seu conjunto, Freud dá o nome de trilhamentos (*Bahnung*) ¹⁷⁴. Como se pode compreender facilmente, nem todas as barreiras de contato terão o mesmo grau de trilhamentos, sendo mais provável que as próprias

¹⁷² FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*, op.cit., p. 416.

¹⁷³ LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, op. cit., p. 63.

¹⁷⁴ Encontramos esta tradução em LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, op. cit., p. 50.; ver ainda: a nota 16 do tradutor brasileiro de LACAN, J. *O Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 268 ; e a nota 11 do tradutor de LACAN, J. *O Seminário, livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Tradução de Marie Christine Laznick Penot e colaboração de Antônio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 408. Estes dois tradutores, em resumo, entendem como apropriado "trilhamento" para traduzir o termo alemão *Bahnung*, por manter o sentido original de "constituição de uma via de continuidade".

diferenças de trilhamentos determinem o curso do movimento. Ora, essas modificações são exatamente o efeito, as conseqüências das passagens de $Q\eta$ pelos neurônios, pelas barreiras de contato. Resta após o movimento alguma modificação em relação ao estado anterior. Se há trilhamentos, serão eles os caminhos privilegiados por novas descargas. No sistema ψ , como dissemos, há retenção de $Q\eta$ para que se possa efetuar a ação específica. Mas há também alguma descarga de $Q\eta$ que terá esse efeito de instituir trilhamentos conservados, havendo neurônios com trilhamentos maiores ou menores, mais facilitados ou menos facilitados. Assim, a memória, diz Freud, "apresenta-se através das diferenças nos trilhamentos [Bahnung] entre os neurônios ψ "¹⁷⁵.

O sistema ψ , portanto é a base do sistema da memória, caracterizado por receber quantidades do exterior do corpo (ou seja do sistema da percepção) apenas de forma indireta, via o sistema ϕ . Este recebe as quantidades de maior magnitude deixando chegar ao sistema ψ apenas quantidades de magnitude muito pequena. O sistema ψ recebe, ainda, do interior do corpo, excitações de magnitude que Freud diz serem "da mesma ordem intercelular de grandeza", também pequena. Para ambas as origens de $Q\eta$ importa lembrar que são os trilhamentos (*Bahnung*) já percorridos que garantem a sua passagem no sistema ψ e que são estes caminhos, a diferença entre os trilhamentos, que Freud define como a memória.

Esta segunda referência às excitações endógenas nos permite salientar que se a magnitude das quantidades recebidas internamente pelo sistema ψ é compatível com a que este sistema suportaria, se comparada com as quantidades externas, a constância da estimulação endógena, impulsionada pela "exigência da vida", define um mecanismo, a *mola pulsional*, que levará o sistema ψ a um acúmulo excessivo. Esta condição é problemática e se mantém enquanto não houver uma ação específica. A resolução do acúmulo no sistema ψ e a recorrência do mecanismo que o causa são pontos decisivos que tornam o *Entwurf* referência

¹⁷⁵ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit, p. 14.

crucial: em torno desse mecanismo da mola pulsional serão definidas as experiências fundamentais, de satisfação e de dor.

Ainda que encontremos a reminiscência freudiana da referência ao sistema nervoso em vários pontos do *Entwurf*, memória e percepção são definidas com a prevalência não mais de referências orgânicas e psicológicas e sim com a prevalência de explicações lógicas. São momentos excludentes e complementares que devem ser admitidos na descrição da relação do homem com a realidade, seja esta a realidade externa, as coisas do mundo, ou a realidade interna do organismo, de onde há a constância das excitações endógenas. O que se apresenta até aqui, além da exigência de que sejam colocadas definitivamente distintas uma da outra a memória e a percepção, é que ambas sejam consideradas como sistemas complexos.

O esquema explicativo a que Freud se lançou secretamente em 1895 complexifica-se ainda mais com a introdução do sistema da consciência em suas relações com a memória e a percepção.

V - A consciência

A consciência, nos termos do *Entwurf*, exige a introdução de uma terceira classe de neurônios: o sistema ω , que lida com as qualidades e não com as quantidades. Para os sistemas de neurônios ψ e ϕ funciona, primordialmente, a passagem de $Q\eta$. Esta característica é, em certa medida, comum a ambos os sistemas mas pertence principalmente ao sistema ϕ , formado por neurônios permeáveis. O sistema ψ retém quantidade ($Q\eta$) em algum grau, pois é do tipo impermeável, mas é em torno das questões da quantidade em fluxo, obedecendo ao princípio de inércia, em suas duas formulações (eliminação e constância), que ele se organiza. A terceira classe de neurônios, "estimulados junto com a percepção [baseada no sistema ϕ] e não com a reprodução [que ocorre no funcionamento do sistema ψ]", tem como resultado de seus estados de excitação, não o movimento das quantidades ($Q\eta$) e sim "as diferentes *qualidades*, ou seja, as

sensações conscientes"¹⁷⁶. As qualidades referem-se à variedade das coisas, são sensações "cuja diversidade diferencia-se segundo relações ao mundo externo. Nessa diversidade há séries, semelhanças etc., não há propriamente quantidades"¹⁷⁷.

Será também problemática esta referência de Freud ao que se apresenta à consciência como qualidades. Tentando encontrar uma formulação "mecânica" para a diversidade das séries qualitativas, verificáveis nas coisas, como suas características, Freud não chega além de uma outra suposição: o sistema de neurônios seria arquitetado de forma a somente o período do movimento chegar à consciência. O período seria aquilo que das séries qualitativas é captado pelo aparelho psíquico, não sendo distinguido no sistema ψ . Diante de uma interrupção da passagem da quantidade quando o movimento desta no sistema ψ se dirige ao sistema ω , da consciência, somente o período chegaria a esta última. Não faremos um esforço excessivo de compreensão desse ponto tido como obscuro no *Entwurf*. É necessário esclarecer, no entanto, que, a interrupção da quantidade no que diz respeito à consciência, garante que esta não seja confundida com a memória. Somente nesta última devem haver efeitos duradouros da passagem da quantidade, os trilhamentos, aos quais a consciência é alheia. O período acessível somente à consciência, passa de alguma forma pelos outros sistemas, ψ e ϕ , mas, como diz Massara Rocha, é "atingindo finalmente ω onde se dá a fugaz experiência da qualidade"¹⁷⁸. A consciência, portanto, lida com a distinção de qualidades, sem acesso aos processos quantitativos de acúmulo e descarga, processos primários do aparelho psíquico.

No funcionamento dos sistemas em conjunto, os sistemas ϕ - ψ - ω , pode-se apreender mais alguns elementos a respeito do lugar dado à consciência no *Entwurf*. O funcionamento do sistema de neurônios como um todo se dá de forma que de fora do organismo entrem grandezas de excitação nas terminações

¹⁷⁶ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit, p. 23 (grifo nosso).

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 22.

¹⁷⁸ ROCHA, G. M. *Elementos para uma investigação sobre a consciência na metapsicologia de Freud*. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 1998, Dissertação de Mestrado, p. 102.

nervosas do sistema ϕ , chegando ao sistema ω (consciência) apenas quantidades de magnitude muito pequenas. Diz Freud: "os estímulos [num sentido genérico] que efetivamente chegam aos neurônios ϕ têm uma quantidade e um caráter qualitativo; eles formam no mundo externo uma série de qualidade igual e de quantidade crescente, desde o limiar até a fronteira da dor" ¹⁷⁹. Ou seja, as qualidades não são exatamente triadas, como o são as quantidades, por magnitude. Das qualidades são escolhidas somente as que fazem parte do caráter próprio a cada *tipo de estímulos* (qualidades das cores, dos sons, das formas, etc.).

No primeiro momento, quando se está pensando na recepção de estímulos do mundo externo, consciência e percepção estão juntas. Nenhum dos dois sistemas retém as excitações que de alguma forma passam por eles e se dirigem para o interior do sistema. Freud, que já insistira na diferenciação entre percepção e memória, é enfático ao afirmar que consciência e memória são *mutuamente exclusivas* ¹⁸⁰. A fugacidade da consciência, assim como da percepção, na recepção, por exemplo, dos sons das palavras, das cores ou formas das coisas, contrasta com a estrutura na qual as imagens são de alguma forma mantidas: o sistema da memória. Assim, no que diz respeito ao mundo externo a consciência é apenas passagem, o mesmo ocorrendo com a percepção, ainda que a esta última caiba o processo de filtragem das impressões externas.

As excitações endógenas que são constantemente acumuladas ou tem sua quantidade diminuída no sistema ψ , acabam por causar na consciência, a ocorrência de uma série qualitativa muito especial: a série prazer/desprazer. Com relação aos movimentos do sistema ψ , diferentemente do que ocorre diretamente da percepção, a consciência e a memória (sistema ψ) funcionam como vasos comunicantes: a um aumento da quantidade em ψ corresponde um aumento da qualidade de desprezer na consciência. Ou seja, os dois sistemas são distintos, um somente lida com quantidades, o outro somente com qualidades, mas à consciência chegam as conseqüências do acúmulo ou da descarga no sistema ψ .

¹⁷⁹ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit, p. 27.

¹⁸⁰ FREUD, S. *Carta 52*, op.cit., p. 325.

No caso, portanto, do acúmulo irrefreável causado pela insistência da exigência da vida, sem que haja a ação específica, haverá um aumento do desprazer na consciência. Havendo a descarga, com a ação específica, haverá o prazer na consciência. Ou seja, como conseqüência dos movimentos no sistema ψ , configura-se a série prazer/desprazer na consciência.

Pela estrutura do sistema ψ deve haver algum acúmulo que possibilite a ação específica e uma evitação de quantidades excessivas enquanto a ação não ocorre. Isto se consegue com uma diferenciação interna ao sistema ψ . Imaginando um aparelho primitivo, Freud nos apresenta sua hipótese da formação de uma instância de ordenamento dos movimentos em ψ (sejam eles recepção de quantidades externas ou internas), denominado de *eu* (*Ich*). O processo de evitação do desprazer, que seria causado à consciência pela ausência do eu, chama-se processo secundário, atividade principal com a qual o eu se envolve, pela qual é possível distinguir nos trilhamentos do sistema ψ as indicações de realidade (indicações de percepção) e impressões adequadas à consciência.

As definições dos sistemas ψ e ϕ são tornadas claras no *Entwurf* mas já se delineavam em *Aphasies*, a novidade decisiva é a distinção da consciência em relação a esses dois sistemas. Esta é a grande reformulação dada à dimensão inicialmente descrita, em *Aphasies*, como a estrutura das representações. Pela relação entre os três sistemas se estabelece a ausência da consciência com relação aos principais processos que ocorrem no aparelho psíquico. Abre-se caminho, então, com a "mecânica hipotética" do *Entwurf*, para se chegar à relação *inconsciente/consciente* que será desenvolvida de outra forma na *Carta 52* e na *Traumdeutung*. A cisão estrutural que se delinea no *Entwurf*, no entanto, já nos permite avançar na idéia de realidade psíquica.

VI - A realidade psíquica

Definidos os três sistemas (ϕ , ψ e ω), podemos salientar que é "entre percepção e consciência" que se situa "a esfera, a ordem, a gravitação das *Vorstellungen*"

¹⁸¹. Para chegarmos a isto, devemos nos deter, ainda um instante, no significado do redimensionamento que ocorreu com a idéia dos sistemas do aparelho psíquico sobre a definição da estrutura simbólica (união da *Wortvorstellung* com a *Objektvorstellung*), apresentada em *Aphasies*.

Daquele texto poderíamos retirar elementos para pensar uma realidade das representações que não correspondesse à realidade material. Seria possível até mesmo imaginarmos que o ordenamento das representações, a ligação entre as representações-objetos e as representações-palavras como estrutura de memória, pudesse ser trazida à consciência sempre que estivessem envolvidas as funções da fala e da significação. Os objetos, depois de passarem pelo crivo da *percepção*, mecanismo elucidado no *Entwurf* mas aceitável nos termos de *Aphasies*, teriam suas imagens (visuais, acústicas e cinestésicas) tornadas componentes de representações-objetos. Havendo diante destas a inclusão de elementos lingüísticos, como as imagens acústicas das representações-palavras, teríamos na memória a significação.

Não seria excessivo fazermos uma inferência de que, em *Aphasies*, o quê se apresenta como representação, articulando-se à fala, o faz a uma consciência. Estaria mantida a idéia da sobredeterminação nos movimentos da memória e da linguagem se à consciência acessem as representações correspondentes a uma significação aprendida. As duas funções, fala e significação, articuladas à estrutura que, em última instância, é a memória, poderiam fazer parte dos processos conscientes. Teríamos, então, uma correspondência do mundo das representações, com a história de aprendizado das relações entre palavras e coisas. Ainda que este mundo não correspondesse diretamente às coisas e nem às palavras, ele seria totalmente acessível à consciência, ou seja, seria necessário pensar o esquecimento como distúrbio. Na verdade, não podemos levar muito adiante uma especulação sobre o problema da consciência no ensaio crítico de Freud. Da mesma forma que em suas noções naquele texto fica indefinida a passagem da percepção à memória, não há referências diretas à relação da consciência com a estrutura simbólica. As noções do *Entwurf*, portanto, nos

¹⁸¹ LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, op. cit., p. 67 (grifo nosso).

mostram a possibilidade de enfrentar o problema da consciência que, na verdade, já vinha sendo do interesse de Freud há algum tempo.

Paralelamente aos estudos que o levaram a redigir o ensaio de 1891, e principalmente logo após sua opção pela pesquisa clínica, Freud se debruçava sobre as questões da *divisão da consciência*, já formulada na neuropatologia pelos franceses, especialmente por Pierre Janet. Em *As neuropsicoeses de defesa*¹⁸² contrapõe o entendimento da histeria apresentado por este autor ao de Breuer. Ambos, diz Freud, concebiam a histeria como uma divisão da consciência. Quanto à origem da divisão e ao papel desempenhado por ela na estrutura da neurose histérica, no entanto, há uma diferença fundamental que os coloca em oposição.

Para Janet a divisão da consciência seria um "traço primário da alteração mental na histeria", baseada em uma "deficiência inata da capacidade de síntese psíquica, na estreiteza do campo da consciência (*champ de la conscience*), que, na forma de um estigma psíquico, evidencia a degeneração dos indivíduos histéricos"¹⁸³. Ora, para que esta deficiência na capacidade de síntese psíquica seja inata, logicamente o *champ de la conscience* deveria ser, para os sintomas histéricos, algo semelhante ao que era o *Spracheapparat* para a linguagem, no entendimento de Meynert, Wernicke e Lichtheim. A exemplo da discussão das afasias, nos processos psíquicos o cérebro resume-se a ser o suporte orgânico. Sem ele os processos psíquicos talvez fossem impossíveis; a fala não ocorreria sem *Spracheapparat*; a descarga não se daria, no caso da histeria. No entanto, reduzir a fala a localizações ou o sintoma histérico ao traço primário somente seria possível dentro da estreiteza reducionista.

Contrariamente a isto, Breuer, nos estudos preliminares apresentados no texto publicado juntamente com Freud, afirmava como " 'base e condição *sine qua non* da histeria' a ocorrência de estados de consciência peculiares, semelhantes ao sonho, com uma capacidade de associação restrita, para os quais propôs o nome

¹⁸² FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit. In E.S.B. vol. 3, p.51-65. Este texto tem o subtítulo de *Tentativa de formulação de uma teoria da histeria adquirida, de muitas fobias e obsessões e de certas psicoses alucinatórias*.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 54.

de 'estados hipnóides' " ¹⁸⁴. Com isto entende-se que a idéia de uma divisão da consciência, encontrada na histeria, não teria origem inata, ou seja, de ordem orgânica. Os sintomas histéricos, segundo Breuer, "ocorrem porque as representações que emergem nos estados hipnóides são excluídas da comunicação associativa com o resto do conteúdo da consciência". Os estados hipnóides seriam distúrbios funcionais. Freud em *Aphasies* começa pela possibilidade das afasias serem algo dessa ordem e, a exemplo dos processos psíquicos evidenciados na histeria, formula a determinação das afasias ditas funcionais nas instâncias psíquicas e não no organismo. Sobre isto, Roudinesco afirma que "Freud, no relato do caso Dora (1905), rejeita a idéia de estados hipnóides que ele atribui a Breuer, entretanto, podemos ver nesta formulação os rudimentos da idéia de inconsciente em Freud" ¹⁸⁵.

É destes rudimentos da idéia do inconsciente que Freud avança para a construção das noções de sistemas ou instâncias (percepção, memória e consciência) e de seus processos. Os vários impasses do *Entwurf*, na verdade, demonstram a insistência de Freud em dar às suas reflexões uma forma científica, ou seja, de acordo com as ciências da época. Não devemos esquecer que ele realmente se propõe a rascunhar elementos de uma psicologia científica; ao mesmo tempo, no entanto, que permanece fiel à sua descoberta: a divisão da consciência não é constitucional como queriam os seus contemporâneos. Este é todo o peso a ser carregado por Freud e cuja incidência parece se dar na tentativa heróica de definir em termos mecânicos as relações do sistema ψ , inacessível ao sistema ω (consciência), como o jogo de movimentos, de criação de trilhamentos (*Bahnung*), de ocupação desses trilhamentos primeiramente sem uma ordenação interna e depois, num segundo momento, com a incidência de um *eu*, uma organização que leva à distinção entre processos primários e processos secundários. É o momento, se tomarmos a indicação de Assoun sobre a ordem das razões em Freud, de passar ao segundo propósito, o de pensar os processos a serem vinculados a essa teoria dos lugares, neste ponto já delineada como a teoria

¹⁸⁴ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit, p. 54.

de uma realidade que será chamada de psíquica, a ser situada em relação ao inconsciente.

O termo *inconsciente* começa a ser usado a partir da *Carta 52*, de 1896, na qual Freud comunica a Fliess sua concepção de que as principais instâncias psíquicas deveriam ser denominadas de *inconsciente*, *pré-consciente* e *consciente*. De fato, esta terminologia e o esquema do aparelho psíquico mostrado nessa carta serão decisivos para a concepção, tornada pública em 1900, das instâncias psíquicas, naquela época já mais confortavelmente sustentadas pela série de sonhos analisados. Será, então, que Freud poderá dizer que "o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais"¹⁸⁶.

A cisão, entre a realidade psíquica e a realidade material ou fatural, esboçada no *Entwurf* e formulada na *Traumdeutung*, tem origem na idéia de uma profunda subjetivação da experiência da realidade. Nas primeiras categorias, as representações-palavras tornavam-se parte de um complexo representacional ao ligarem-se às representações-objetos, resultando na significação, ou, em última instância, resultando em algum sentido lingüístico para os objetos. Com a introdução das evidências internas (quantitativas) inacessíveis à *consciência*, inexistentes em *Aphasies*, radicaliza-se ainda mais a distância da realidade material: os próprios *objetos* (no sentido comum de *coisas*) a serem representados são de forma muito mais radical resquícios da realidade, trazidos a partir de "filtros" (da percepção) ao aparelho psíquico.

Além disso, esta condição de resquício da realidade atrela-se às tendências do aparelho psíquico de buscar a satisfação cobrada pela necessidade da vida (*die Not des Lebens*) e que somente ocorre na presença do outro. A partir desta definição, a idéia de objeto que interessa a Freud será tomada num sentido que vai muito além da formulação de *Aphasies*. Ocorre que o outro convocado para a

¹⁸⁵ ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dictionnaire de la psychanalyse*, op. cit., p. 489.

¹⁸⁶ FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*, op. cit. p. 554.

realização, no mundo externo, das mudanças que trazem a satisfação, será tomado como um objeto fundamental, em torno do qual se definirão vários processos numa relação suposta por Freud na base de todo o curso dos movimentos do sistema ψ . Assim, deveremos discutir algumas proposições de Freud, ainda com os termos do *Entwurf*, decisivas para sua concepção do aparelho psíquico e do ordenamento das representações: as experiências fundamentais, a noção de complexo do outro, a idéia de resíduos das experiências fundamentais e a noção de pensamento. Com estas aquisições, estaremos prestes a finalizar o estudo dos movimentos que fundam o discurso, desde esta instância primordial do inconsciente até a chegada à consciência dos restos verbais.

São duas as experiências fundamentais: a experiência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*) e experiência de dor (*Schmerzserlebnis*). Em ambas as experiências está em jogo a condição de abandono do sistema ψ à insistência da mola pulsional (no caso da experiência de satisfação) e à incidência de grandes quantidades (na experiência de dor). Mais que a tentativa de explicação quantitativa, presente no *Entwurf*, é a inclusão, na reflexão de Freud, da condição de desamparo inicial dos seres humanos e a incidência, a partir disto, do problema do outro, que interessam nesta discussão.

Há aqui um cruzamento diante do qual será necessário situarmos nosso tema. De um lado a idéia do desamparo leva ao problema que o próprio Freud definiu como sendo o de uma reflexão sobre o outro e os motivos morais, ou seja, teríamos uma exame das hipóteses de Freud a ser situada no terreno da reflexão ética. Lacan, aponta uma originalidade da concepção de Freud sobre a experiência da realidade ligando a isto uma possível nova leitura de elementos da tradição da reflexão moral. De outro lado, a concepção do desamparo como vinculada ao outro, uma vez que trata-se de um outro ser falante, coloca o problema da estruturação da experiência da realidade como uma alusão, novamente, à incidência da linguagem na estruturação da subjetividade. Em ambas as direções há caminhos de grande importância teórica a serem seguidos. A segunda delimitação, ou seja, a da relação do outro como ser de linguagem na estruturação

da via da subjetividade, se mostra pertinente a nosso presente tema, pelo que deixamos o primeiro ponto como indicação de pesquisa a ser levada em conta em outros trabalhos.

Retomando as definições do estado de desamparo como ele é formulado nos termos do *Entwurf*, por um lado há a urgência, a "propensão à descarga" ¹⁸⁷ e o acúmulo inevitável, por outro lado, há também, como condição geral, a impossibilidade de efetivação automática de uma descarga das quantidades. Como a memória e a consciência são vasos comunicantes, a esta última chegam os elementos qualitativos correspondentes ao aumento ou à diminuição das quantidades em ψ : a série prazer/deprazer. A eliminação do deprazer, como já salientamos, só pode ocorrer por uma modificação externa, uma vez que mesmo havendo uma eliminação, via a "incitação para obter alívio na direção do caminho motor" o que prevalece é que a partir do acúmulo de $Q\eta$, a partir de um certo nivelamento dos movimentos endógenos, não há mais possibilidade de descarga. Com isto não há possibilidade de ser refreado autonomamente o deprazer, sentido como final da série qualitativa prazer/deprazer (*Lust/Unlust*) na consciência, causado pelo acúmulo no sistema ψ . "Deste nivelamento de condução em diante não se põe nenhum limite para aquele [para o acúmulo]. Aqui ψ [o sistema ψ] está abandonado à Q e assim se origina, no interior do sistema, o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos esse poder como vontade, o derivado das pulsões" ¹⁸⁸. Nesta formulação mecânica Freud traduz o desamparo como categoria.

Por esta condição deve haver um outro experiente que realize as ações das quais o ser desamparado necessita, a *ação específica*. Esta é simplesmente a modificação da condição de pressão constante da mola pulsional, com uma descarga duradoura, a partir da efetivação, no mundo externo, de uma mudança que traga ao desamparado a satisfação. O outro implicado neste caso torna-se o objeto da experiência de satisfação (*Befriedigungsobjekt*).

¹⁸⁷ FREUD, S. *Projeto de uma Psicologia*, op.cit. p. 32.

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 31.

Ao se referir pela primeira vez à experiência de satisfação, após ter descrito todo o conjunto de condições, cujas arestas são as próprias arestas da condição humana no mundo, Freud diz muito simplesmente que "se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da *ação específica* para o desamparado ... então, a totalidade [do evento] apresenta uma vivência [*experiência*] de satisfação, que tem as conseqüências mais decisivas [mais radicais] para o desenvolvimento das funções do indivíduo"¹⁸⁹. Diante do desamparo inevitável, a experiência de satisfação pode ocorrer ou não. Caso ocorra, logicamente é porque ocorreu também a presença do outro, o próximo, a pessoa experiente do lado, a que o termo *Nebenmensch* se refere.

É também este outro, como observa Freud, que, pela proximidade exigida pelo desamparo inicial, torna-se o primeiro objeto hostil (*feindliche Objekt*) na medida em que, de alguma forma, participa da *experiência de dor*¹⁹⁰. A primeira experiência desse tipo, na verdade, se dá com a emergência de quantidades, vindas do exterior, muito acima das que são suportadas pelo sistema ψ . Isto ocorre, segundo Freud, como uma falha das telas protetoras que se relacionam ao sistema da percepção. Ocorrendo esta acumulação excessiva, portanto, funcionará em decorrência "uma inclinação para a eliminação, que pode ser modificada segundo certas direções"¹⁹¹, mas que se conservará como um complexo recordativo a ser evitado posteriormente. Não é muito clara na formulação de Freud a maneira como o próximo se torna o objeto da experiência de dor; na primeira referência a esta experiência, diz ele, torna-se um objeto hostil, "o objeto que excitou a dor". Em outra parte do texto afirma que o outro próximo é "ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação e, além disso, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar"¹⁹². É, ainda, que as percepções do grito do outro próximo "despertarão a recordação do próprio grito e com isso de vivências próprias de dor". O outro, assim, além de ser objeto da experiência de satisfação, é suposto por Freud como sendo também o objeto que será relacionado com a emergência

¹⁸⁹ FREUD, S. *Projeto de uma Psicologia*, op.cit., p. 32 (grifo nosso). Entre colchetes apresentamos a tradução da E.S.B., v. 1., p. 431, por considerarmos que os termos desta ajudam a esclarecer as idéias em jogo neste ponto.

¹⁹⁰ Ibid., p. 44.

¹⁹¹ Ibid., p. 34.

¹⁹² Ibid., p. 44.

no sistema ψ de quantidades de magnitude muito grandes, processo que define a experiência de dor.

O desamparo é uma condição geral suposta por Freud sobre a qual não há nenhuma discussão pormenorizada no *Entwurf*; no entanto, ela dá sentido às experiências fundamentais. O efeito dessa condição, para o movimento das palavras e das coisas é o de vincular todo o jogo representacional (a estrutura simbólica), a função do pensamento e a função da fala, a uma referência constante ao outro (ao mesmo tempo *Befriedigungsobjekt* e *feindliche Objekt*) nas experiências fundamentais.

VII - O complexo do outro

Com relação à *estrutura simbólica*, ou aos *sistemas do aparelho psíquico*, esta presença do *outro*, considerando-se a hipótese de ocorrer a *experiência de satisfação*, toma um duplo destino. A totalidade da experiência de satisfação, com a presença do outro, a descarga duradoura, etc., torna-se o complexo do outro (*Der Nebenmensch Komplex*), ou complexo do próximo, que, segundo Freud, se divide em dois elementos: uma deles fará parte das *representações*, ou seja, estará posteriormente disponível nos *complexos representacionais*, quando houver a emergência do desejo (*Wunsch*) e o conseqüente rastreamento que caracterizam o pensamento reprodutivo e os processos da memória; o segundo elemento, no entanto, o outro componente do complexo, que aliás, "impressiona por sua estrutura constante", permanece reunido como a coisa (*Das Ding*). A reunião a que Freud se refere neste trecho, cria alguma dificuldade de compreensão, uma vez que sua proposta é a de que este segundo elemento do complexo do outro, além de reunido, ainda seja algo não mais encontrado nas representações. Como conceber a participação na estrutura simbólica de um elemento que é dela *excluído*? Nosso esforço de elucidação deste ponto da proposta de Freud, somente será finalizado quando pudermos, mais adiante, na seção III de nosso terceiro capítulo, discutirmos as conseqüências da idéia de Freud sobre o limite da

possibilidade de interpretar os sonhos. Deveremos, então, na presente seção, avançar somente naquilo que poderá clarear o problema levantado por Freud, preparando nosso argumento para os conceitos da *Traumdeutung*.

Para salientarmos as conseqüências dessa idéia de Freud consideremos primeiro o elemento do complexo do outro que se conserva. No *Entwurf*, aquilo que aparece como qualidade do objeto (o outro na experiência), formulado como atributo do *complexo do outro*, segundo Lacan, "entra no investimento do sistema ψ e constitui as *Vorstellungen* primitivas em torno das quais estará em jogo o destino do que é regulado segundo as leis do *Lust* e do *Unlust*, do prazer e do desprazer, naquilo que se pode chamar de as entradas primitivas do sujeito" ¹⁹³. Esta é parte da experiência de satisfação que é conservada no *eu*, como parte das representações, reativada como objeto das tentativas de obter novamente a satisfação correspondente à experiência primordial. Freud diz que devemos considerar este elemento do complexo do outro como aquilo que, do próprio corpo, pode ser retomado como dizendo respeito à experiência. Um exemplo, diz Freud, são as recordações de "impressões visuais próprias, bastante semelhantes do próprio corpo que estão associadas com recordações de movimentos vividos por ele mesmo [o sujeito da experiência de satisfação]" ou, ainda, recordações do próprio grito nas vivências próprias de dor. As recordações são, portanto, o primeiro dos dois elementos do complexo do outro. Este primeiro elemento, diz Freud, "é compreendido através do trabalho recordativo, ou seja, enquanto pode ser rastreado até uma notícia do próprio corpo" ¹⁹⁴.

Se o primeiro elemento pode ser rastreado na cadeia de representações, *das Ding*, o segundo elemento do complexo do outro, "é absolutamente outra coisa", como diz Lacan ¹⁹⁵. Este autor entende *das Ding* como "o elemento que é, originalmente, isolado pelo sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como

¹⁹³ FREUD, S. *Projeto de uma Psicologia*, op.cit., p. 68.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 45.

¹⁹⁵ LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, op.cit., p. 68.

sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*"¹⁹⁶. Em *O estranho*¹⁹⁷, de 1919, os termos alemães *heimlich* e *unheimlich*, que aparecem na literatura como uma dupla de palavras especialmente relacionadas, significando várias possibilidades entre familiar e estranho, permitem a Freud desenvolver uma análise da ambivalência de sentimentos que caracterizam certas situações, como uma "duplicidade, divisão e intercâmbio do eu (*Ich*)", e, ainda, "um retorno constante da mesma coisa"¹⁹⁸. O que interessava a Freud nesta reflexão era encontrar o que exatamente estaria operando naquilo que os dois termos permitem identificar como um movimento. O que ele encontra, então, é uma categoria, *o estranho*, para a qual podemos apontar como raiz, esta divisão da realidade que acompanha a divisão do complexo do outro ocorrida a partir das experiências fundamentais, de satisfação e de dor. Neste sentido as coisas assustadoras, que são analisadas como exemplo das situações angustiantes nas quais entra em jogo a dupla familiar e estranho, revelam que deve haver "uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido [recalcado] que retorna". Se há esta categoria, pouco importa saber se esse algo "que é estranho era, em si, originalmente assustador ou se trazia algum outro afeto"¹⁹⁹, por exemplo, o afeto envolvido na liberação do desprazer que caracteriza a experiência de satisfação ou o grito na experiência de dor. Em ambos os casos é a idéia de uma estranheza mesclada de familiaridade que perdura como sinal dos rastros do objeto da experiência, que em última instância é o outro.

Sendo esta a "*natureza secreta do estranho*", como se expressa Freud, podemos entender, acompanhando seu argumento naquele texto, as razões de o uso lingüístico ter *das Heimliche*, doméstico, familiar, na direção de seu oposto *das Umheimliche*. Ocorre que "esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo

¹⁹⁶ LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, op.cit., p. 68. Esta referência vai além do *Entwurf*, no entanto, já neste trecho podemos identificar a caracterização de *Das Ding* como é articulada por Lacan tentando elucidar a afirmação de Freud.

¹⁹⁷ Há, segundo o tradutor inglês das obras completas de Freud, uma dificuldade de tradução do termo *unheimlich*, para o qual é adotado o termo inglês *unhomely*, não sendo este uma tradução exata. A tradução brasileira desta coleção utiliza o termo "estranho" para *unhomely*. A análise dos termos que o próprio Freud empreende torna mais claro o sentido de sua preocupação (Ver: FREUD, S. *O estranho*. E.S.B., vol. 17, p. 275).

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 293.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 300.

que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo do recalçamento"²⁰⁰.

A afirmação do *recalçamento* como noção que se vincula à primeira apreensão da realidade articula-se ao esboço dos três sistemas (memória, percepção e consciência) aos quais Freud atrela, a partir do *Entwurf*, a estrutura simbólica. Na experiência de satisfação e na experiência de dor, experiências fundamentais, estão presentes estes três sistemas. A percepção do objeto (*Befriedigungsobjekt* ou *feindiliche Objekt*) e do próprio corpo fornecem os elementos visuais, auditivos, cinestésicos que serão parte das representações que formam o complexo representacional daquilo que é possível guardar das duas experiências. Podemos pensar que estes elementos contêm também séries qualitativas que passarão pelo sistema da consciência após serem ativados nas recordações. Mas, como as experiências fundamentais ocorrem não por uma decorrência de condições dos objetos externos e sim por insistência da mola pulsional sobre a qual a percepção e a consciência nada podem, será o sistema ψ (sistema da memória) o fundamental tanto na experiência de satisfação como nas tentativas de reencontro do objeto. O sistema ψ e o sistema ω (da consciência) funcionam como vasos comunicantes mas no primeiro têm lugar somente os processos *quantitativos*, ou seja, nada que tenha relação com a classificação em séries espaciais ou temporais. No segundo chegam apenas os aspectos *qualitativos*, principalmente a série prazer/desprazer. Esta cisão estrutural que é característica do rascunho da subjetividade no *Entwurf* nos parece ser a formulação "mecânica" de Freud, daquilo que será em textos posteriores chamado de recalçamento.

Outra condição a ser levada em conta, para compreendermos o papel dos três sistemas e das experiências fundamentais é a situação exata da emergência do desejo (*Wunsch*). O estado inicial de pressão da mola pulsional e o desamparo não começam pela presença empírica do outro, eles a precedem. Entretanto, como Freud coloca em evidência, a condição para que a experiência de satisfação ocorra é a presença do outro. Parece haver, portanto, uma espécie de estado fundamental,

²⁰⁰ FREUD, S. *O estranho*, op.cit, p. 300.

no sentido de antecedente às experiências fundamentais, que será retomado a partir delas como a emergência do estado de desejo²⁰¹. O caráter imperioso do desejo está baseado na constância da "mola pulsional". A quantidade ($Q\eta$), que emerge das fontes endógenas no sistema ψ é, como diz Freud, impossível de ser descarregada por si só. De início algum acúmulo é necessário como forma de garantir a ação específica. Por outro lado, esse acúmulo é irrefreável e para ele não há caminhos automáticos de descarga. A ação específica implica uma *ação* propriamente dita, que nos seres humanos deve ser feita inauguralmente pelo *outro próximo*. Caso este outro realize a ação específica haverá a descarga da $Q\eta$ acumulada e a experiência de satisfação. As tentativas de reprodução desta, no sistema ψ , portanto, estarão vinculadas ao movimento do desejo (*Wunsch*).

O ordenamento do movimento das representações que ocorre no sistema ψ depende das experiências fundamentais, *Befriedigungserlebnis* e *Schmerzzerlebnis*. Estas são consideradas a inauguração do aparelho psíquico. Os movimentos posteriores à ocorrência delas são chamados, por Freud, de *resíduos* das mesmas. A ocorrência dos resíduos se dá em função da constância da mola pulsional, mas como um segundo momento em que não há a presença dos objetos fundamentais, a não ser por obra da própria realidade psíquica.

VIII - As experiências fundamentais e seus resíduos

Como marcas das duas experiências, Freud faz derivar processos que são seus resíduos: o afeto (*Affekt*) e o estado de desejo (*Wunschspannung*). Não se trata

²⁰¹ Bernard Baas em seu artigo *O desejo puro*, desenvolve uma reflexão sobre uma faculdade de desejar que antecederia o desejo do objeto. Baas parte da afirmação lacaniana de que a "teoria da consciência [de Kant], como ele escreve da razão prática, não se sustenta senão por dar uma especificação da lei moral que, ao examinarmos de mais perto, não é nada além de o desejo no estado puro". Kant com Sade (texto de 1962) teria sido escrito por Lacan, com esta constatação. Não conseguiríamos acompanhar aqui o complexo caminho da argumentação deste artigo, no entanto, a idéia parece indicar que a função de *Das Ding*, que Freud explicita logo em seguida ao ponto que estamos enfocando, como uma parte não identificável do objeto primordial da experiência de satisfação, leva a pensarmos que há algo do *objeto do desejo* que não está dado nele mesmo. Seria isto uma referência à antecedência do desamparo? Ora, para Freud, mais do que uma justificativa biológica, ele tem um caráter de categoria geral. Seria esta, então, uma categoria transcendental possível a partir da psicanálise, como postula Baas? (Ver: BAAS, B. "O desejo puro - a propósito de 'Kant com Sade' de Lacan". *FAIO - Revista Brasileira do Campo freudiano*, nº 4/5, jan-dez. 1989, p. 135-162).

aqui de simples marcas mecânicas ou restos de percepção, mas marcas e restos que acompanham a complexidade da tríade de sistemas da percepção, da memória e da consciência. São, de um modo muito especial, a sobrevivência, a permanência das experiências fundamentais. Estas últimas ocorrem, diz Freud, com a presença do objeto de satisfação (*Befriedigungsobjekt*), envolvido na ação específica inaugural (*Spezifische Aktion*), e do objeto hostil (*feindliche Objekt*), que por força das suposições de Freud, são o mesmo objeto: o outro próximo (*Nebennensch*), sem o qual não haverá, sobrevivência desse organismo²⁰². O outro, então, será objeto dos resíduos, mas não estará, como nas experiências fundamentais, acessível à percepção.

O estado de desejo (*Wunschspannung*) caracteriza-se, em termos quantitativos, pelo aumento gradual e cumulativo de $Q\eta$ no sistema ψ . Não obedecendo ao princípio da inércia, em sua primeira formulação (a tendência à descarga), a ocorrência deste acúmulo quantitativo se dá no sistema ψ e chega à consciência como desprazer. Pela segunda formulação do princípio de inércia (a tendência à constância) esse acúmulo somente é tolerado ainda sem desprazer, até certo limiar, a partir do qual deve haver a ação específica e o alívio do desprazer gerado na consciência²⁰³. Na exigência da vida (*Not des Lebens*), condição a que todo organismo vivo está necessariamente exposto, "reside a mola pulsional [*Triebfeder*] do mecanismo psíquico"²⁰⁴. Ocorre que a quantidade que se acumula em ψ provém de estímulos internos, endógenos, contra os quais não há proteções, nem telas como as que se verifica no caso da percepção das coisas (envolvendo o sistema ϕ). Na condição de desamparo, na ação específica inaugural este mecanismo de acúmulo já estava presente. No segundo momento, no entanto, é que interessa a Freud, mais propriamente, como estado de desejo, por ocorrer na ausência do objeto, o que no caso da busca da satisfação resulta em uma atração positiva pela representação relacionada ao objeto desejado, ou

²⁰² Ver a nota nº 96 do Tradutor de FREUD, S. *Projeto de uma Psicologia*, op.cit., p. 133.

²⁰³ Idem. *Projeto para uma psicologia científica*, op. cit., pp. 431-433.

²⁰⁴ Idem. *Projeto de uma psicologia*, op.cit., pp. 29-30.

seja, pelo elemento do complexo do outro que resta como imagem recordativa no aparelho psíquico.

O afeto (*Afekt*), quantitativamente, é a liberação súbita de $Q\eta$, ocorrendo ou como evitação da representação do objeto hostil ou como resultado da alucinação do objeto de satisfação. A experiência de dor, lembremos, é uma emergência de grandes quantidades no sistema ψ . O primeiro caso do afeto é uma "repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa do objeto hostil"²⁰⁵ e, conseqüentemente, uma descarga imediata. A segunda forma da ocorrência do afeto liga-se ao caso da liberação da $Q\eta$ acumulada no estado de desejo sem uma indicação da realidade do objeto, ou seja, é uma alucinação. Esta pode ocorrer na medida em que a tendência primária do aparelho psíquico, a partir da experiência de satisfação, é ocupar o elemento do complexo do outro conservado da experiência de satisfação. Como o sistema ψ é, por si mesmo, incapaz de ter acesso aos signos de realidade que possam funcionar como indicação da presença do objeto, o aparelho psíquico depende de um segundo tipo de processos que possam trazer estas indicações. O afeto, nos dois casos, ocorre se o aparelho for deixado somente em sua tendência primária, ou seja, a tendência à descarga.

Segundo Freud é a "organização", no sistema ψ , de uma condição diferente das experiências fundamentais que pode operar uma moderação da tendência primária: trata-se da formação de um eu (*Ich*). Esta forma de organização, que chama-se o eu (*Ich*), tem o papel de buscar a inibição de cursos de $Q\eta$ que sejam indesejados, a saber, os que levam ao desprazer. Várias são as estratégias do eu para realizar esta inibição, todas elas traduzidas no *Entwurf*, por variações quantitativas, como a ocupação lateral que se antepõe a um caminho que certamente levaria à alucinação e à defesa primária, com a descarga de $Q\eta$ que a caracteriza. Mas o eu é incapaz de realizar o seu intuito se não puder receber indicações que venham de outra parte que não o sistema ψ , e que lhe dêem certeza de que um determinado curso de $Q\eta$ será seguido de acordo com o

²⁰⁵ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit p. 35.

princípio da inércia, ou seja, com a descarga em situação adequada, não alucinatória. O eu precisa, então, de signos de realidade que nada mais são do que indícios que permitam distinguir entre percepção e representação ²⁰⁶.

Há uma linha divisória que, em torno da tentativa de diferenciar percepção e representação, distingue os processos psíquicos primários dos processos psíquicos secundários. Os processos primários, estado de desejo e afeto, ocorrem sem a inibição do eu acabando por incorrer na alucinação do objeto e no desprazer, pois, como diz Freud, "neste caso tem de faltar a satisfação porque o objeto não tem existência real, mas só existe em representação de fantasia" ²⁰⁷. Com a inibição, por parte do eu, dos trilhamentos que levam à alucinação e à defesa primária, tem-se uma moderação dos processos primários. Isto depende do emprego correto dos signos de realidade que são fornecidos ao sistema ψ como descargas mínimas de $Q\eta$ no sistema ω . Neste sistema, lembremos, a passagem de $Q\eta$ é extremamente diminuída, em relação à passagem no sistema ψ . A descarga que se dá no sistema ω serve, para o sistema ψ , como indicação de que a percepção de um objeto está presente e que a ela corresponde a imagem do objeto buscado, ou seja, que o trilhamento a ser seguido não resultará em alucinação e desprazer. Este objetivo introduz um outro processo: o julgar.

O julgar (*urteilen*) inicia-se com a "dessemelhança entre a ocupação de desejo de uma imagem recordativa [imagem do objeto buscado] e a ocupação perceptiva que lhe é [parcialmente] semelhante" ²⁰⁸. Supõe-se aqui que o trabalho do eu é inibir o curso de quantidades nos trilhamentos de forma a permitir comparações entre as imagens recordativas do objeto desejado e possíveis percepções que correspondam a essas imagens. O julgar, de acordo com a distinção entre processos primário e secundário, ocorre de duas formas: uma primeira meta do julgar é conseguir a identidade entre a imagem recordativa e uma imagem perceptiva, buscando, neste caso, uma *identidade de percepção*. Como a ocupação da imagem recordativa do objeto de satisfação terá como impasse a

²⁰⁶ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit., p. 39.

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ Ibid., p. 42.

ausência do objeto, esta identidade somente é possível na forma de alucinação. Caso em que o aparelho psíquico estará ainda entregue aos *processos primários*. Mas, pode ocorrer, diz Freud, que a operação do julgar se dê de forma independente desse objetivo da identidade de percepção. Teremos, então, "um ato de pensar puro, mas que poderá ser mais tarde aproveitado praticamente"²⁰⁹. Esta é a forma do julgar mais próxima da idéia de pensamento no sentido restrito, que envolve a fala. Pela própria necessidade da vida (*Not des lebens*), que implica a ação específica, organiza-se o eu que permite depois da experiência de satisfação a ocorrência da ação específica sem a presença do outro envolvido nesta experiência. O eu passa a inibir alguns cursos de Qη nos trilhamentos do aparelho (no sistema ψ), realizando uma espécie de moderação dos processos primários. Neste caso, o movimento do julgar, que consiste em percorrer as imagens recordativas, guiar-se-á pelas diferenças entre a percepção e a recordação; não mais pela identidade de percepção, como no caso anterior, mas pela identidade de pensamento. A utilidade prática desta forma do julgar, ou seja, do pensamento, é a possibilidade de percorrerem-se os trilhamentos do sistema ψ, de acordo com a segunda tendência, a dos processos secundários.

O desamparo se apresenta como fundamento tanto das experiências de satisfação e de dor quanto do juízo em suas duas formas. Com a inibição do eu, segundo caso do juízo, haverá a possibilidade de buscarem-se na realidade, nos signos de realidade, as indicações da presença do objeto. Isto não ocorre no primeiro caso do juízo, a tentativa de reproduzir a situação da experiência de satisfação. Nos dois casos do juízo, entretanto, é a referência ao desamparo e à experiência de satisfação que está em jogo. A esse respeito nos diz Freud:

é o interesse originário na produção da situação de satisfação que em um dos casos [primeiro caso do juízo] produziu a reflexão reprodutiva [tentativa da identidade de percepção], e no outro caso [segundo caso do juízo] o apreciar [tentativa da identidade de pensamento] enquanto meio para alcançar, a partir da situação perceptiva real dada, a

²⁰⁹ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit p. 44.

*situação perceptiva desejada. Permanece, assim, o pressuposto de que os processos Ψ não decorrem sem inibição, porém através de um eu ativo. Mas o sentido eminentemente prático de todo trabalho de pensar estaria, dessa forma, demonstrado*²¹⁰

O pensamento, portanto, é um processo secundário que se relaciona às experiências fundamentais e a seus resíduos. Baseia-se naquilo que é possível resgatar como memória destas experiências, mas envolve ainda os signos de realidade. Lembremos que na experiência de satisfação são as sensações do próprio corpo e não a percepção do objeto que servem à representação da experiência. Sobre isto acrescenta Freud:

*cabem ainda observar para o julgar que seu fundamento de existência está manifestamente nas próprias experiências corporais, sensações e imagens de movimento. Na medida em que essas faltam, a parte variável do complexo perceptivo permanecerá incompreendida, isto é, poderá ser reproduzida, mas não dará nenhuma direção para caminhos posteriores do pensar. Assim, por exemplo, todas as experiências sexuais não exteriorizarão nenhum efeito enquanto o indivíduo não conhecer sensação sexual, ou seja, em geral, até o começo da puberdade*²¹¹

Em seu esforço de definir os processos primários e os processos secundários, Freud nos leva a aceitar, passo a passo, suposições que, ao invés de indicarem um abandono das noções de *Aphasies*, acabam por dar a elas novos usos. Os processos primário e secundário, por exemplo, conforme definidos neste ponto do *Entwurf*, nos indicam que na própria cadeia de representações (*Vorstellungen*) resultante das experiências fundamentais não encontraremos um princípio que ordene seus movimentos. O eu, por exemplo, apenas de forma precária tenta diminuir a possibilidade da alucinação e da defesa primária. O objeto de satisfação, por sua divisão em dois elementos, também não se apresenta como um ponto de ancoragem que garanta o encontro. A incidência desta parte

²¹⁰ FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*, op.cit p. 45.

²¹¹ *Ibid.*, p. 46.

da experiência que não se inclui na possibilidade de representação, não é portanto uma coisa cujos traços mnêmicos (visuais, cinestésicos, motores) sirvam à formação de uma *Objektvorstellung*. A idéia da divisão do complexo do outro em duas partes, uma que se pode recuperar e a outra sendo a coisa (*das Ding*), exige que se reformule a possibilidade inicial, dada por Freud, às representações (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*) de fazerem corresponder, mesmo na estrutura simbólica, uma representação-objeto a uma representação-palavra. Não havendo possibilidade de incluir *das Ding*, no jogo das *Vorstellungen*, dever-se-á então, tomar um outro rumo²¹².

Somente em *O inconsciente*, texto de 1915, Freud vai introduzir mais um termo para referir-se às coisas, ou melhor, à representação-coisa: *Sachevorstellung*. A discussão avança para muito além das noções do *Entwurf*, mas devemos nos referir a ela para compreendermos o destino da relação entre *representação-palavra* e *representação-coisa*. Freud, visando explicar melhor o que é o inconsciente, salienta o caráter inusitado da formação substitutiva e do sintoma na esquizofrenia. Diz, então, que é "a predominância do que tem a ver com as palavras (*Wortbeziehung*) sobre o que tem a ver com as coisas (*Sachebeziehung*)" que nos desconcerta²¹³. No exemplo trazido por Freud, causa-lhe estranheza a substituição que um paciente

²¹² As representações (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*, ou a *Sachevorstellung*, como será definido em *O Inconsciente*, não incluem uma representação da coisa (*das Ding*). Não se trata aqui apenas de uma diferença terminológica mas de um debate incluindo obras posteriores ao livro dos sonhos que se estabelecerá diante da possibilidade de haver um termo que possa referir-se a representação desse "fora do significado" que Lacan diz ser *das Ding*. Michel Tort, mostra que se envolvem nesse debate J. Laplanche, S. Leclair, O. Mannoni, tendo este último entendido que o termo *Vorstellungs-Repräsentanz*, de difícil tradução, seria uma referência à relação entre os "dois tipos de imagens, as imagens verbais (ou seja, em termos freudianos as representações de palavras: *Wortvorstellung*) representando [representant] as imagens das coisas (ou seja, as representações de coisas: *Sachevorstellung*)". Esta interpretação de O. Mannoni, apesar de apontar para a estreita relação da *representação-palavra* com a formação do conjunto de imagens que formam a *representação-objeto* (*Objektvorstellung* e não *Sachevorstellung*, no ensaio de 1891), está totalmente equivocado quanto a sua aplicação ao termo *Vorstellungs-Repräsentanz*. Quanto a isto M. Tort salienta que no texto de O. Mannoni trata-se de "uma fantasia, de uma extensão do termo por 'associação de idéia', uma vez que esse termo se refere à questão da pulsão e as representações. Há, também, a tradução de Lacan, "tendo lugar da representação", que no seminário, livro 7, aparece como "aquilo que só uma representação representa" e, ainda, a tradução de J.P. Valabrèga, "representante da representação". A todas estas interpretações, Michel Tort interpõe a sua, afirmando que "o conceito de *Vorstellungs-Repräsentanz* define uma certa relação entre o psiquismo e uma outra realidade designada como pulsão (*Trieb*)... é no projeto de uma psicologia que encontramos a primeira teoria dessa relação sob a forma de uma dependência fundamental afirmada do aparelho psíquico com respeito às quantidades de excitação endógenas, a maior parte das características reconhecidas na pulsão se encontram colocadas em jogo" (p.45). A análise de M. Tort estende-se para textos posteriores como *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e *Pulsões e seus destinos* (1915), somente com o quê é possível acompanhar seu argumento.

²¹³ FREUD, S. *O Inconsciente*, op. cit., p. 229.

faz do ato ejaculatório pelo gesto de espremer, insistentemente, os cravos do rosto. Até onde se pode perceber, diz Freud existe muito pouca semelhança entre um ato e outro, "apenas uma similaridade muito pequena", e menor ainda, entre os poros da pele e o órgão sexual feminino. O que prevalece, então, o que dita a substituição, é simplesmente "a uniformidade das palavras empregadas" para expressar as coisas e não a semelhança entre as coisas denotadas ²¹⁴. Isto serve para revisar uma hipótese anterior, de que "na esquizofrenia as ocupações objetais [*Objektbesetzungen*] são abandonadas", acrescentando-se, além disso, que "as ocupações das representações-palavras do objeto [*die Besetzung der Wortvorstellungen der Objekte*] são retidas" ²¹⁵. Assim, a *representação-objeto* consciente (*die bewusste Objektvorstellung*), na verdade se revela como tendo duas faces, a *representação-palavra* (*Wortvorstellung*) e a *representação-coisa* (*Sachevorstellung*).

O termo, *representação-objeto* (*Objektvorstellung*), passa a ser usado por Freud para se referir às coisas do inconsciente, que não têm suas ocupações transferidas para as ligações das *representações-coisas* (*Sachevorstellungen*) com as *representações-palavras* (*Wortvorstellungen*). Chegaremos, nas seções II e III de nosso último capítulo, aos mecanismos envolvidos no jogo das representações, com a participação do sistema inconsciente, conforme esboçado na *Traumdeutung*. Já é possível, no entanto, compreendermos que o desamparo, a experiência de satisfação, a divisão do complexo do outro e a insistência da mola pulsional reativando os resíduos das experiências fundamentais implicam uma complexificação dos sistemas definidos no *Entwurf*. Em última instância, trata-se da formulação de uma estrutura com a qual se articula a linguagem; não mais no sentido da esperança de que se possa esgotar simplesmente, na ligação de *representações-palavras* com *representações-objetos*, as significações a serem resgatadas pela fala. A significação será retirada definitivamente desse caminho. Mantidos os complexos representacionais como estrutura que evoca a estrutura da linguagem, será aprofundado, por Freud, o papel da linguagem como função. Isto somente será possível na *Traumdeutung*. A cisão consciência/inconsciente

²¹⁴ FREUD, S. *O Inconsciente*, op. cit., p. 229.

²¹⁵ *Ibid.*, p. 229 e Edição Fischer Taschenbuch Verlag, 1985, p. 101.

anunciada no *Entwurf* e a limitação da representabilidade que é imposta pela idéia de *das Ding*, ausentes em *Aphasies* serão mantidos de agora em diante. Poderemos, então, passar à próxima etapa de nosso trabalho, onde elucidaremos as formulações dos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente como o topos final ao qual se articula a linguagem como estrutura e como função.

I - Um alerta sobre o uso da linguagem

Para compreendermos o que se trata de uma linguagem que se articula ao qual se articula a linguagem como estrutura e como função, devemos recorrer a Jacques Naudin em seu livro *La parole et le langage*, publicado no primeiro capítulo de *La parole et le langage*.

Capítulo Terceiro

Os mecanismos oníricos e a linguagem

*"Mas não se tratará agora de reencontrar uma fala primeira que aí estivesse enterrada, mas de inquietar as palavras que falamos, de denunciar o vinco gramatical de nossas idéias, de dissipar os mitos que animam nossas palavras, de tornar ruidosa e audível a parte de silêncio que todo discurso arrasta consigo quando se enuncia"*²¹⁶

Desde os primeiros passos de nosso trabalho, temos salientado linhas de raciocínio nos textos de Freud que parecem não seguir um curso linear, um caráter cumulativo, nem mesmo com relação ao discurso do próprio Freud. Isto pode ser justificado em parte por tratar-se de uma escolha de textos com objetivos disjuntos, como *Aphasies* e *Entwurf*; em parte, ainda, por termos tocado em conceitos que somente serão melhor desenvolvidos em textos posteriores. Não obstante, as noções salientadas nestes dois textos se mostraram férteis em indicações daquilo que será desenvolvido, de forma mais clara, a partir da inclusão dos sonhos como objeto de análise.

I - Um alerta sobre o lugar da Traumdeutung

Para começarmos este terceiro e último capítulo, que trata do ponto final ao qual levaremos o argumento de Freud, é necessário considerar um alerta de Jacques Nassif em seu artigo *Freud e a Ciência*²¹⁷. Este autor nos lembra que no primeiro capítulo da *Traumdeutung* Freud mostra ter clareza da cisão irrevogável

²¹⁶ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 314.

que há entre as suas considerações sobre os sonhos e as de seus antecessores que também tentaram estudá-los. De fato, neste capítulo Freud afirma que uma história do estudo dos sonhos esbarra na constatação de que

*nenhuma linha de progresso em qualquer direção particular pode ser traçada. Não foram cavadas fundações a partir de descobertas certas sobre as quais o futuro pesquisador pudesse construir; mas cada novo autor examina os mesmos problemas em primeira mão e recomeça, parece, a partir do começo*²¹⁸

Nassif valoriza esta indicação como parte de uma "teoria do corte", que podemos encontrar, em filigrana, na formulação de Freud. Estaríamos, então, autorizados a ver na *Traumdeutung* elementos que nos levam a reconhecer um "corte epistemológico" verificado no surgimento da psicanálise? No artigo *Freud e a Ciência*, encontramos primeiramente um rápido exame da noção de corte epistemológico conforme aparece nas teses mais estabelecidas da história das ciências. Nestas, "um 'corte epistemológico' se define pelos pontos de não-retorno a partir dos quais essa ciência [qualquer ciência estabelecida como tal] começa"²¹⁹. Segundo Nassif, não se pode simplesmente "importar" o conceito de "corte epistemológico" para o campo aberto pela psicanálise. Teríamos, ainda, que entender a maneira peculiar pela qual o corte se estabelece neste campo. Na psicanálise, pelo menos na prática clínica, a constituição de um saber, idéia implicada nas ciências, é colocada sob suspeita: o estabelecimento, na transferência, de um "sujeito suposto saber" é destituído, no curso da análise. Ou seja, no processo da análise "não há exatamente a acumulação de um saber" e sim o reconhecimento de que o saber do analista sobre o analisando é somente suposto por este último. Como pensar, então, a psicanálise como um saber se há no "ato analítico" a destituição desse saber? Nassif busca explicar seu entendimento do corte que, segundo ele, "instituiu a psicanálise" como algo que

²¹⁷ NASSIF, J. "Freud e a Ciência" in: ESCOBAR, C.H. (comp.) *Psicanálise Ciência e Prática*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1975.

²¹⁸ FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*, op.cit., p. 5.

²¹⁹ NASSIF, J. "Freud e a Ciência", op. cit., p. 9.

deve admitir um retorno ao ponto de ruptura pelo qual o ato analítico se instaura. Esta exigência de um retorno parece estar em desacordo com as teses sobre o corte epistemológico na história das ciências. Ora, essa discussão pode nos colocar no rumo de uma reflexão bem mais ampla do que o nosso objetivo. Devemos, então, interrompê-la, retirando dela apenas a indicação de uma ressonância de nossas intuições de que a *Traumdeutung* é o ponto mais marcante da ruptura de Freud com seus contemporâneos sobre as concepções que envolvem a fala e a realidade psíquica. Esta ruptura é anunciada em *Aphasies*, tornada mais explícita no *Entwurf* e, finalmente, conceituada na *Traumdeutung* como os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente.

Uma segunda indicação de Nassif confirma a idéia da *Traumdeutung* como ponto de conceituação da ruptura. Conceitos freudianos como a distinção entre conteúdo manifesto e conteúdo latente nos sonhos, condensação e deslocamento, entre outros, parecem um acervo científico que marca a distância irremediável entre os conceitos de Freud e as tentativas anteriores. No entanto, num sentido geral, estes conceitos em nada se distinguiriam dos encontrados na psiquiatria clássica, ou na neurologia, ou na psicologia herbatiana; se eles formam sistema, como ocorre no caso dos que estamos avaliando é "no sentido preciso de que funcionaram como uma 'peneira' que permitiu a Freud passar pelo crivo a ciência de sua época e incliná-la numa prática específica"²²⁰. Isto tudo, no entanto, como afirma Nassif, teria ocorrido sem que o próprio Freud tivesse clareza de que estava realizando, "persuadido que estava, até o fim da sua vida, do caráter cumulativo da Ciência e da assimilabilidade da psicanálise"²²¹. Havia nisto uma crença de Freud de que se poderia "armazenar" a psicanálise, esta crença, no entanto, somente colaborava, como diz Nassif, para "esconder esta função de 'peneira', que ela [a psicanálise] não está perto de abandonar"²²². A *Traumdeutung* é o mais significativo exemplo de que os conceitos de Freud funcionam como esse crivo pelo qual as noções contemporâneas são passadas. Freud faz uma lista exaustiva de referências a estudos dos sonhos. Nesta lista nada se encontra que,

²²⁰ NASSIF, J. "Freud e a Ciência op. cit., p. 11.

²²¹ Ibid.

depois do estabelecimento dos mecanismos do deslocamento e da condensação, não se mostre definitivamente superado. Podemos, então, situar a *Traumdeutung* como fonte de conceitos que exemplificam a cisão instaurada com o surgimento da noção de realidade psíquica em Freud.

Passemos, assim, aos conceitos que são encontrados neste texto e que nos interessam diretamente.

II - Condensação e deslocamento

Em carta a Fliess datada de 22 de dezembro de 1897, Freud diz estar convencido da forma pela qual a representação-palavra e, em conseqüência, a representação-objeto participam dos processos obsessivos. A *Wortvorstellung* é a localização na qual o recalcado irrompe; isto, salienta ele, não se dá no conceito vinculado a ela ²²³. O processo do recalçamento (*Verdrängung*) havia sido definido por Breuer e Freud em 1893, simplesmente como referência a "coisas que o paciente desejava esquecer, e portanto, recalcara intencionalmente do pensamento consciente, inibindo-as e suprimindo-as". Em geral essas são coisas aflitivas que com a hipnose, segundo Freud, pôde-se constatar "serem a base dos fenômenos histéricos (por exemplo, os delírios histéricos de santos e freiras, de mulheres que guardem a castidade e de crianças bem-educadas)" ²²⁴. Ainda nesta época este termo era usado como equivalente a defesa (*Abwehr*). Somente depois é que a teoria do recalçamento será evidenciada, como "a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise", no dizer do próprio Freud ²²⁵. Sendo

²²² NASSIF, J. "Freud e a Ciência op. cit., p. 11.

²²³ FREUD, S. "Carta 79" (22 de dezembro de 1897) In E.S.B., v. 1., Rio de Janeiro:Imago, 1990, pp. 347-376.

²²⁴ BREUER & FREUD. *Estudos sobre histeria*. E.S.B., v. 2, p. 47. O tradutor inglês, na nota nº 1, lembra que nesta época o termo *Verdrängung* (recalçamento) era utilizado pelos dois autores como equivalente a *Abwehr* (defesa). Em outra parte o mesmo tradutor diz que recalçamento, defesa e resistência são "conceitos teóricos vitais" na construção de Freud.

²²⁵ Em nosso entendimento, esse mecanismo está descrito em suas linhas gerais no conjunto dos três sistemas (ϕ , ψ e ω) definidos no *Entwurf*. Ali distinguimos o recalçamento primário, ligado à experiência de satisfação, que funda o aparelho psíquico como efeito de sua própria estrutura. O que se passa no sistema ψ será toda a trama do sistema inconsciente no livro sobre a interpretação dos sonhos (1900).

tratada, em 1915, como um conceito metapsicológico ²²⁶. Para esta nossa referência à carta de 22 de dezembro de 1897, basta lembrarmos que o recalçamento não é ocasional, e sim um processo que funda o inconsciente e se baseia na idéia de estruturas psíquicas. A discussão de Freud na carta inclui-se na tentativa de diferenciar o processo de recalçamento nas várias estruturas que ele começa a erigir em sua teoria. Assim, valendo-se do conceito de representação-palavra no sentido em que mostramos, ele afirma que:

no que concerne à neurose obsessiva, está confirmado o fato de que a localização em que o recalçado irrompe é a representação-palavra, e não o conceito vinculado à mesma. (Mais precisamente, a imagem verbal.) Por isso é que as coisas mais díspares são prontamente unidas numa representação obsessiva, sob uma única palavra possuidora de mais de um significado. A tendência à irrupção utiliza-se de uma palavra que tenha essa espécie de ambigüidade com seus di[versos significados] como se se estivessem matando diversas moscas com um só golpe ²²⁷

Com um exemplo esclarece como esta vinculação da *Wortvorstellung* à irrupção do recalçado lhe ocorreu. Uma moça freqüentava aulas de corte e costura e em função do final do curso passou a ter insistentemente uma idéia obsessiva que ela resumia pela frase "não, você não deve ir embora, você ainda não terminou, precisa fazer [*machen*] mais" ²²⁸. Esta palavra [*machen*] ligada à situação presente, havia sido, de forma significativa, encontrada em uma situação anterior, um acontecimento remoto da infância. Neste, a mesma moça, sentada num urinol, era insistentemente cobrada com a frase "você não pode ir embora, ainda não

²²⁶ FREUD, S. *História do movimento psicanalítico*, E.S.B., v. 14, p.27. Assoun nos diz que esse conceito permite elucidar o verdadeiro encontro de Freud com Schopenhauer e traça sobre ele a seguinte seqüência: "(a) num primeiro momento, Freud utiliza o conceito [de recalçamento] para designar um fenômeno fundamental atestado pela observação dos fatos, em sua prática psicanalítica (1895-1905); (b) num segundo momento, lhe é revelado do exterior, num texto filosófico que ele ignorava, a presença de um "equivalente" do conceito que ele havia conquistado por seus próprios meios (por volta de 1906), [por indicação de Otto Rank, portador de uma cultura filosófica sólida]; (c) num terceiro momento, Freud se explica sobre esse processo, num texto que tem por função uma retificação histórica (1914); (d) finalmente, quase simultaneamente, ele eleva o instrumento conceitual, de que se servia há muito tempo (uns vinte anos), à dignidade de conceito metapsicológico (1915)" (ASSOUN, P-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*, op. cit., p. 175)

²²⁷ FREUD, S. "Carta 79", op. cit., p. 374.

²²⁸ Ibid.

terminou, precisa fazer [*machen*] mais". Portanto, conclui Freud, foi a palavra *machen* que permitiu juntar a situação atual à situação anterior. Dessa situação aparentemente banal, à qual não acrescentaremos os outros exemplos que Freud apresenta, podemos tirar algum proveito para compreendermos o papel que cabia às representações (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*) neste texto que, posterior a *Aphasies* e ao *Entwurf*, conserva a estrutura simbólica como categoria.

Desta forma, se Freud pode falar que é pela representação-palavra que o recalado irrompe, é porque considera que haja no trecho de discurso analisado, em torno da palavra *machen*, ligações de representação-palavra com representação-coisa. Esta representação-palavra pode ser entendida da mesma forma como foi definida em 1891, inclusive com a preponderância da imagem acústica referida aqui como a memória verbal, que como sabemos, liga-se à imagem visual da representação-objeto. Assim, podemos entender as ligações de um complexo representacional com outro. No caso da *Carta 79* algo de novo se apresenta, a representação-palavra (*Wortvorstellung*) referente à palavra falada *machen*, substitui, surpreendentemente, duas representações. Há, assim, a ligação da palavra *machen*, ou melhor, do complexo *Wortvorstellungen* que a representa, a duas representações duas *Objektvorstellungen* referidas, uma à cena no urinol e outra à situação atual no curso.

Tomamos as imagens visuais, cinestésicas e auditivas da primeira cena (no urinol) e da situação atual no curso como representações-objeto (*Objektvorstellungen*). Temos aqui, em relação às noções de *Aphasies*, um desvio da ligação esperada, que seria de *uma Wortvorstellung* com *uma Objektvorstellung*. O desvio nas ligações entre as representações se deram independentemente da época em que tenha ocorrido sua formação. Somente por conter a palavra *machen* e suas ligações, depois desvendadas, é que o evento atual ganha algum significado. Será que outro evento atual qualquer, desde que tivesse as mesmas condições de atualizar as relações da palavra *machen* com os conteúdos, as representações tanto de coisas como de palavras da cena anterior, teria a mesma importância? Parece que sim; os processos que justificam algum sentido para o sintoma, são *atemporais*

em sua significação ²²⁹. Ora, são justamente processos desse tipo que serão descritos depois, na *Traumdeutung*. Ali são elucidadas as técnicas pelas quais, no aparelho psíquico, as representações são tratadas para que possam ser trazidas à consciência. De substituições como a da primeira possibilidade (*machen* substituindo as *Objektvorstellungen*), Freud chegará ao conceito de condensação. A partir de processos como a da segunda possibilidade, chega-se ao conceito de deslocamento.

Em 1900, na *Traumdeutung*, a condensação e o deslocamento são explicados de forma mais efetiva ao se tomarem os sonhos como ponto de apoio. É sabido que para o associacionismo o sonho era um dos processos psíquicos sem importância para a psicologia. O mesmo não se dá com relação à psicanálise desde sua origem. Assim, os sonhos são mais um dos processos pelos quais podemos ter acesso aos indícios das operações que ocorrem a revelia da consciência, no jogo do ordenamento das representações, conforme a formulação de Freud.

²²⁹ Luiz Roberto Monzani apresenta uma vasta lista de referências à obra publicada de Freud e ao manuscrito inédito *Visão de conjunto das neuroses de transferência* e defende a existência de uma "equação etiológica" formulada por Freud por volta dos anos 1890-1895, que se manteria constante até mesmo nas obras posteriores. Por esta equação as neuroses de transferência, tanto na "escolha da neurose" (*Neurosenwahl*) como no seu desencadeamento, dependeriam das "impressões precoces" (a cena do urinol e a cena no curso, por exemplo) e também de fatores filogenéticos (disposições "constitucionais" herdadas): "algumas vivências atuais, as vezes em si mesmas não muito significativas, anódinas mesmo para muitos, fazem, no entanto, em alguns casos, com que esses conteúdos arcaicos sejam reativados e, assim, assistimos à eclosão da neurose, seja de transferência, seja narcísica" (MONZANI, L.R. "A 'fantasia' freudiana" in *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 85). Um certo exagero nestas considerações deixa de lado os inúmeros momentos em que Freud se mostra totalmente em conflito com estas referências aos argumentos biológicos. Algumas referências positivas do próprio Freud sobre a "etiologia" das neuroses seguem contra esta tendência: Freud faz refutações claras das idéias de Pierre Janet e de Charcot. No mesmo texto de Freud encontramos: "*devia ficar satisfeito em saber se a cena primária, no presente caso, foi uma fantasia ou experiência real; mas, levando em conta outros casos semelhantes, devo admitir que a resposta a essa pergunta, não é, na verdade, uma questão de muita importância. Essas cenas de observação das relações sexuais entre os pais, de ser seduzido na infância e de ser ameaçado com a castração são inquestionavelmente um dote herdado, uma herança filogenética, mas podem também facilmente ser adquiridas pela experiência pessoal*" (FREUD, S. *História de uma neurose infantil*. E.S.B., v. 17, p. 122.). E, ainda: "*estou ciente de que, em muitos lugares, deu-se expressão a pensamentos como estes, que enfatizam o hereditário, o fator filogeneticamente adquirido na vida mental. Na verdade, minha opinião é de que as pessoas têm-se prontificado excessivamente a abrir espaço para esses fatores e a atribuir-lhes importância, dentro da psicanálise*" (Idem, p.149). Para evitarmos "fantasias" a partir das referências de Freud ao organismo, concorre a elucidação de suas hipóteses sobre a *estrutura simbólica*, deixando para trás o *Spracheapparat* como substrato anatômico. O reconhecimento do materialismo na tradição médica, por parte de Freud, é acompanhado da recusa do organicismo. Convém lembrar, por exemplo, o que diz Lacan sobre a noção freudiana de *imagem*: esta levanta problemas "que vão da fenomenologia mental à biologia, e cuja ação repercute desde as considerações do espírito até determinismos orgânicos de uma profundidade talvez insuspeitada" o que não leva Freud de volta ao *engrama* do associacionismo e muito menos às localizações cerebrais da anatomopatologia (LACAN, J. *Escritos*, op. cit. p. 79).

Os dois processos, condensação e deslocamento, são, na verdade, mecanismos de sobredeterminação do discurso onírico. Segundo o próprio Freud "processos de transformar os pensamentos latentes no conteúdo manifesto" ²³⁰. Lembremos que a sobredeterminação da memória e da fala, em *Aphasies*, referia-se ao surgimento da fala como condição de haver seres falantes e como uso individual da fala. Considerando-se a introdução dos sistemas psíquicos, iniciada no *Entwurf*, a idéia de sobredeterminação será retomada na *Traumdeutung* para explicar a cisão entre "discurso de vigília" e "discurso onírico". Freud faz um exaustivo exame do que ele chama de trabalho dos sonhos, incluindo neste a condensação e o deslocamento como processos pelos quais a sobredeterminação dos conteúdos dos sonhos ocorre.

Aqui mais um exemplo serve para esclarecer a afirmativa de Freud: a condensação, diz ele, utiliza mais de um método na construção dos sonhos. Lem um de seus sonhos famosos, o sonho da injeção de Irma, Freud encontra esta sua antiga cliente num salão de festas onde ele e alguns amigos estão. A narrativa e a análise de Freud são precedidas de explicações sobre alguns fatos anteriores ao sonho que colaboram para que o leitor compreenda suas considerações. São descrições muito ricas em detalhes. Aqui, seguindo-o em sua explicação do mecanismo da condensação, evocaremos apenas aqueles elementos que sirvam à compreensão da relação dos dois complexos representacionais com este processo ²³¹. A paciente aparece-lhe como "a principal figura do conteúdo do sonho" ²³². Ela havia abandonado o tratamento que fazia com Freud há algum tempo antes. No sonho, Freud tenta dizer-lhe que a culpa pelas dores atuais, das quais ela reclama, seria dela mesma. Isto ocorre depois de Freud tê-la levado para perto de uma janela, não sem resistência da moça, que parecia pálida e inchada. Depois de mais algumas resistências no exame da garganta da cliente, acaba por admitir que talvez tivesse deixado passar alguma causa orgânica. "Uma grande placa branca",

²³⁰ FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 298.

²³¹ Este sonho é narrado e explicado por Freud antes da discussão do conceito de deslocamento (Idem, p. 128) e mereceu um comentário inusitado em carta a Fliess. Freud imaginou que se pudesse, na porta da casa de campo onde o sonho ocorreu, escrever: "Aqui, no dia 24 de julho de 1895, pela primeira vez, o enigma do sonho foi desvendado por Sigmund Freud" (FREUD, S. Briefe 137 (12-6-1900). In - *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, op.cit., p. 344).

"extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz" é o que Freud vê ²³³. Logo em seguida recebe ajuda de outros médicos, que estavam também na festa, Leopold e Otto, além do Dr. M. Concluem os seus colegas que é uma infecção, mas, diz o Dr. M., "não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada". A origem da infecção, diz Freud, tornou-se prontamente clara: "não muito antes, quando ela [Irma] não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... É, provavelmente, a seringa não estava limpa" ²³⁴.

A análise que Freud faz do seu próprio sonho revela o processo de *condensação*. Para isto devemos perceber a importância de alguns detalhes das imagens e dos ditos do sonho. A representação de Irma, sua imagem, aparece mesclada com outros personagens: a esposa de Freud e uma jovem paciente que Freud julgava mais acessível do que Irma, no sentido de não resistir tanto às suas recomendações ²³⁵. O que é reconhecido por Freud como pertencendo a imagens de outras pessoas concorre para que a figura de Irma seja, ao mesmo tempo distorcida e, de forma inquestionável, colocada como representando várias pessoas. Diz Freud: "Ela parecia pálida e inchada. Minha paciente [Irma] sempre tivera uma aparência corada. Comecei a desconfiar que ela estivesse substituindo outra pessoa" ²³⁶. Os dentes de Irma, aparentes logo no início do exame que seria feito de sua garganta, e que na realidade eram bons, parecem primeiro postiços e depois estragados. Esta última característica era, segundo o próprio Freud, uma

²³² FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*. op.cit., pp. 283 a 286.

²³³ Ibid., p. 128.

²³⁴ Ibid., p. 129.

²³⁵ Lacan acrescenta: "o que ele vê no fundo, estes cornetos nasais recobertos por uma membrana esbranquiçada, é um espetáculo medonho. Para esta boca, há todas as significações de equivalência, todas as condensações que vocês quiserem. Tudo se mescla e se associa nesta imagem, desde a boca até órgão sexual feminino, passando pelo nariz - Freud, justamente antes ou logo depois, foi operado, por Fliess ou por outro, dos cornetos nasais". (LACAN, J. *O Seminário*, livro 2, *o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Tradução de Marie Christine Laznick Penot, colaboração de Antônio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985p.197).

alusão à sua esposa. A esta também corresponderiam as queixas sobre as dores no abdômen, o inchaço e o acanhamento diante dele em determinada situação. A imagem de Irma tem elementos das demais personagens, e as palavras que ela fala no sonho de Freud não foram ditas por ela a não ser no sonho. As situações que estas palavras descrevem são situações ligadas a outros contextos nos quais Irma não estava presente. Enfim, os elementos das imagens e das referências verbais a Irma determinam-lhe uma figuração específica à qual Freud se refere como sobredeterminada. Ela, a figura de Irma no sonho, é determinada por vários fatores, vários detalhes (visuais e auditivos entrelaçados) que, reconhecidamente, não pertenciam a ela, ou não serviriam para descrevê-la, na realidade.

A sobredeterminação pela qual se reúnem representações de maneira que é em apenas uma delas que as outras estão, por assim dizer, representadas no discurso do sonho é uma forma de condensação. Sobre isto diz Freud: "nenhuma dessas figuras com que deparei ao acompanhar Irma apareceu no sonho em forma corporal. Estavam ocultas por trás da figura onírica de Irma, que assim se transformou numa imagem coletiva dotada, há que admitir, de diversas características contraditórias. Irma tornou-se a representante de todas essas outras figuras que tinham sido sacrificadas ao trabalho da condensação, já que transferi para ela, ponto a ponto, tudo o que me fazia lembrar delas"²³⁷. Além disso temos na figura do Dr. M. outro exemplo dessa determinação múltipla. Ele, no sonho, era uma espécie de figura coletiva que Freud diz ser produzida pela condensação onírica. Isto pode ocorrer "reunindo-se as feições reais de duas ou mais pessoas numa única imagem onírica. Foi assim que se construiu o Dr. M. de meu sonho", diz Freud. "Ele trazia o nome do Dr. M., falava e agia como ele; mas suas características físicas e suas doenças pertenciam a outra pessoa, ou melhor, a meu irmão mais velho. Uma característica única, seu aspecto pálido, fora duplamente determinada, uma vez que era comum a ambos na vida real"²³⁸.

O mecanismo da condensação, tornado claro neste sonho, parece dizer respeito a imagens visuais, mas devemos lembrar que estas são componentes da

²³⁶ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op.cit., p. 130.

²³⁷ *Ibid.*, p. 284.

representação-objeto que necessariamente se ligam às imagens acústicas, componentes da representação-palavra. A exemplo das ligações mostradas na carta *Carta 79* (de 22 de dezembro de 1897), aqui também as ligações se dão de forma atemporal. Ou seja, são mescladas imagens (acústicas e visuais) sem que a cronologia de sua ocorrência tenha um significado maior para a determinação das ligações. São combinadas representações-coisas e não a percepção das coisas mesmas. Isto fica mais claro, ainda, quando os sonhos lidam diretamente com palavras e nomes. Diz Freud a esse respeito:

o trabalho de condensação nos sonhos é visto com máxima clareza ao lidar com palavras e nomes. É verdade, em geral, que as palavras são freqüentemente tratadas, nos sonhos, como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se combinar exatamente do mesmo modo que as representações de coisas ²³⁹

É um exemplo que, novamente, serve para esclarecer o conceito. Rápidos exemplos não permitem resgatar, além dos detalhes principais, a análise global pela qual Freud chega às suas conclusões sobre o exato mecanismo da condensação em cada caso. Mesmo assim, podem tornar mais evidente a idéia de que são as representações-palavras e as representações-coisas que estão em jogo nos mecanismos descritos por Freud. Um colega médico lhe enviara um artigo no qual pretendia que houvesse uma descoberta para a medicina. A importância deste artigo era, na verdade, duvidosa e até superestimada pelo autor. A opinião de Freud era de que o assunto tinha sido tratado de uma maneira por demais emocional. Sonha, então, na noite seguinte, com uma frase que se referia claramente ao artigo em questão: "Está escrito num estilo positivamente *norekadal*". Na análise da frase conclui-se que se trata incontestavelmente de uma "paródia

²³⁸ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op.cit., p. 130.

²³⁹ *Ibid.*, p.286. Neste ponto o termo usado por Freud para *representações de coisas* é *Dingvorstellung*, utilização que poderia trazer alguma confusão com relação ao uso que faz do termo *Ding* (coisa) no projeto ao se referir à parte do complexo do outro que não é conservada nas representações. Parece haver uma certa liberdade de Freud no uso deste termo no livros dos sonhos, teremos ainda o mesmo problema com a utilização do termo *Darstellung* ao invés de *Vorstellung*, para representação. Quanto à representação-coisa (*Sachevorstellung*), que permite a Lacan tecer seu comentário esclarecedor a respeito do sentido dado a *das*

dos superlativos [alemães] colossal e piramidal, mas sua origem não era muito fácil de adivinhar". Não obstante, Freud diz que, finalmente viu "que a monstruosidade [norkdal] era composta por dois nomes, 'Nora' e 'Ekdal' ". Estes são personagens de duas peças famosas de Ibsen, *Casa de bonecas* e *O Pato Selvagem*. Freud havia lido um artigo de jornal sobre Ibsen com o detalhe decisivo de que era de autoria do mesmo colega que escrevera o artigo enviado a Freud. Há outros exemplos que Freud apresenta como sendo o trabalho dos sonhos especificamente com o processo de condensação. Não nos estenderemos aqui a citá-los, uma vez que o essencial de todos eles pode ser encontrado também neste sonho do próprio Freud, a saber, é na estrutura simbólica, definida como ligação entre *Wortvorstellung* e *Objektvorstellung* (esta última diferenciada, ainda, como *Sachevorstellung*), que o trabalho de condensação pode ser efetivamente descrito como o primeiro dos dois mecanismos oníricos.

O *deslocamento* é a segunda formulação que se apresenta na *Traumdeutung* como mecanismo de construção do discurso onírico. Não há objeção, diz Freud, a que chamemos de deslocamento psíquico o fato de uma mulher solteira, solitária, transferir sua afeição para os animais. Ou quando um solteirão se torna entusiástico colecionador. Ou, ainda, "quando um soldado defende um pedaço de pano colorido - uma bandeira - com o sangue de suas veias"²⁴⁰. No senso comum, parece haver uma tranqüila aceitação de que todas essas transferências são deslocamentos da carga afetiva imputada a um objeto para outro. Desde as primeiras experiências clínicas com a histeria, Freud define o deslocamento como o processo de atribuição de carga psíquica intensa que caberia a elementos importantes do discurso (onírico ou de vigília) a elementos triviais ou sem importância.

Ainda no *Entwurf*, Freud apresenta como exemplo de deslocamento o mecanismo identificado no caso da Srta. Emma. Esta paciente, diz Freud, encontrava-se dominada pela compulsão de não poder entrar em lojas sozinha. Conta a moça que "entrou numa loja para comprar algo, viu dois vendedores (de

Ding, somente foi explicado de forma clara por Freud em *O Inconsciente*, 1915, como nos alerta o tradutor Inglês da Standard Edition.

um dos quais ainda se lembra) rindo juntos, e saiu correndo, tomada de uma espécie de afeto de susto. Em relação a isso, terminou recordando que os dois estavam rindo das roupas dela e que um deles a havia agradado sexualmente" ²⁴¹. Junto a esta cadeia (vendedores, risos, roupas, simpatia sexual) claramente acessível à consciência e, para o caso, sem importância que justificasse a compulsão da moça de afastar-se das lojas, Freud faz aparecer uma segunda cadeia, ligada a outras representações, estas sim bastante aflitivas, sobre as quais estaria justificado pensar-se uma grande carga de afeto. Na segunda cadeia de representações aparece um proprietário de confeitaria que na infância da moça havia tocado-a nas partes genitais, por sobre as roupas. Este episódio aconteceu numa primeira vez que ela visitara a loja. Voltou ainda uma segunda vez, não mais retornando depois. Este retorno era, agora, motivo de auto-recriminações por parecer à própria senhorita, "como se com isto tivesse querido provocar a investida". Diz Freud sobre isto: "de fato, seu estado de 'consciência pesada e opressiva' remonta a essa experiência" ²⁴². Na fala da moça, Freud encontrou razões para entender a cena atual (compulsão de evitar qualquer loja) em conformidade com a lógica da primeira cena (o atentado, como diz Freud). O exemplo de Freud inclui uma diferença mínima entre as representações de uma e de outra das duas cadeias. O deslocamento é mostrado como um mecanismo por demais simples: a carga afetiva das demais representações foi deslocada para a palavra roupas, que segundo Freud é a única que participa das duas cadeias de representações.

Na *Traumdeutung*, o deslocamento aparece em vários exemplos de sonhos, como o mecanismo de troca de representações, sempre reveladas significativas nas interpretações dos sonhos, por outras de menor importância. Em geral, diz Freud, são esses elementos de menor importância que são colocados, pelo trabalho de deslocamento, no conteúdo dos sonhos, ocupando, então, o lugar de "representante" de uma cadeia de pensamentos diferente daquela e que permanece alheia ao conteúdo do sonho e, em consequência, alheio à consciência. Esta

²⁴⁰ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 186.

²⁴¹ FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*, op. cit., p. 474.

segunda cadeia é o que Freud chama de pensamento do sonho e que somente é elucidado no trabalho de análise. Não apresentaremos os exemplos de Freud, uma vez que a apresentação do mecanismo da condensação nos possibilitou um contato com o tipo de material a partir do qual Freud tira suas conclusões. Importa-nos salientar apenas que o deslocamento é o mecanismo pelo qual os elementos com alto valor psíquico no pensamento do sonho são aparentemente destituídos desse valor, que é transferido para outros de menor importância, estes sim admitidos no conteúdo manifesto do sonho. Diz-nos Freud: "no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, por meio da sobredeterminação, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho" ²⁴³. Este trabalho é exatamente o mecanismo do deslocamento.

O deslocamento e a condensação são os fatores da sobredeterminação do discurso do sonho a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos. Esta forma é "elaborada" para que o pensamento do sonho permaneça inacessível à consciência. Esses mecanismos que operam no sonho, segundo Freud, funcionam também, de uma forma geral, nos sintomas histéricos, como no exemplo de sua paciente Emma, nos lapsos de língua, nos chistes e em outras formações que se apresentam na fala ²⁴⁴. Como já salientamos, é a partir da fala que Freud faz suas suposições sobre o aparelho psíquico. Pelas noções já apresentadas até este ponto, podemos considerar que para Freud já estava claro o que nos lembra Benveniste: "a língua é um sistema comum a todos; o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de uma ação. Nesse sentido, as configurações da palavra são cada vez únicas, embora se realizem no interior - e por intermédio - da linguagem" ²⁴⁵. Nesta seção fizemos

²⁴² FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*, op. cit., p. 475.

²⁴³ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 296.

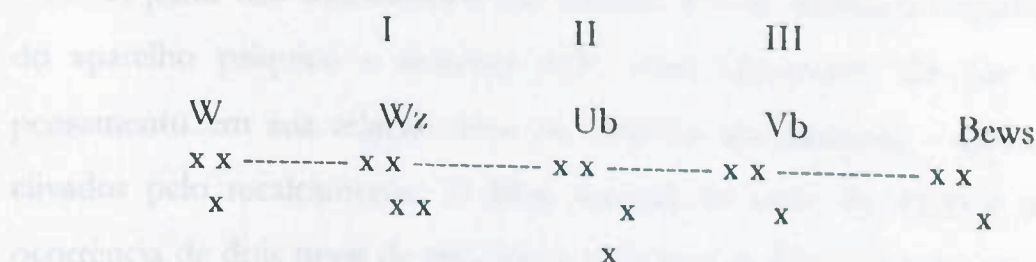
²⁴⁴ É conhecida a importância dos lapsos de fala e dos chistes como demonstrações de mecanismos semelhantes aos descritos na *Traumdeutung*. Por uma questão de delimitação do nosso trabalho, não nos detivemos em obras como *A Psicopatologia da vida cotidiana* (E.S.B., v. 6), imediatamente posterior à *Traumdeutung*, ou *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (E.S.B., v. 8).

²⁴⁵ BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Nacional / USP, 1976, p. 84.

referência somente à instância da consciência, como o ponto para o qual o discurso do sonho não é acessível. Tendo mostrado os dois conceitos chaves na construção do discurso dos sonhos, poderemos, então, nos dedicar às demais instâncias do aparelho psíquico, formuladas com base nos estudos dos mecanismos dos sonhos e dos sintomas.

III - Pensamento e fala

Na Carta 52, dirigida a Fliess, aparece um desenvolvimento do aparelho psíquico que retoma idéias do *Entwurf*, mas coloca-se na direção do que será assumido publicamente na *Traumdeutung*. O esquema considera que o mecanismo psíquico "tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias - a uma retranscrição" ²⁴⁶. Assim, estaria claro que "a memória (*Gedächtnis*) não se faz presente de uma só vez, mas desdobra-se em vários tempos" ²⁴⁷. Em resumo, estes vários tempos são exatamente os vários sistemas que, na Carta 52, são chamados de registros (*Niederschrift*) e transcrições (*Umschrift*), distribuídos no seguinte esquema:



Os vários tempos se dispõem numa seqüência que vai da percepção para a consciência. Somente no primeiro ponto do esquema as percepções (*Wahrnehmungen*) ocorrem com a participação da consciência, mas nesta não fica nenhum traço do que aconteceu. A memória e a consciência, diz Freud, "são mutuamente exclusivas". O primeiro registro, portanto, são as indicações de percepções (*Wahrnehmungenszeichs*); o segundo registro, o inconsciente

²⁴⁶ FREUD, S. "Carta 52", op. cit., p. 324.

²⁴⁷ *Ibid.*

(*Unbewusstsein*), cujos traços, diz Freud, talvez correspondam às "lembranças conceituais" (*Begriffserinnerungen*); e o terceiro, imediatamente anterior à consciência (*Bewusstsein*), o pré-consciente (*Vorbewusstsein*). Esta última transcrição é ligada às representações-palavras (*Wortvorstellungen*).

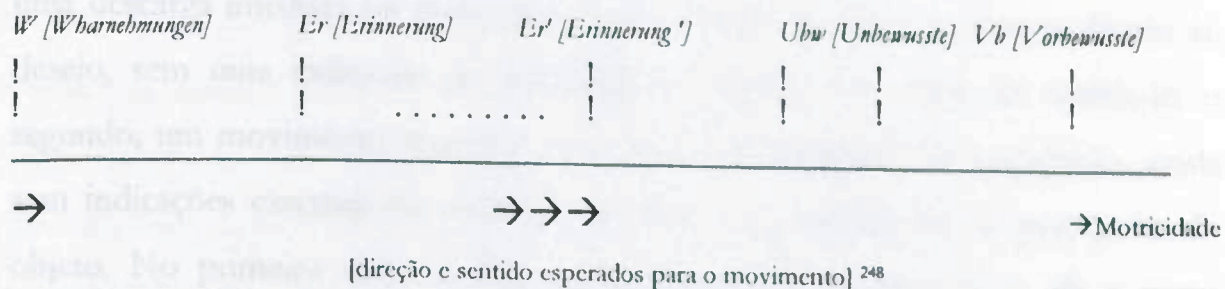
Desta seqüência esquemática já podemos perceber que a ausência de acesso à consciência se conserva. Os conteúdos dos sistemas de registro e transcrições não chegam à consciência, a não ser por algum processo que preceda este acesso. Lembremos que a percepção não é registro nem transcrição, conforme a distinção entre memória e percepção. Somente pelo trabalho do sistema pré-consciente ficam disponíveis à consciência as representações-palavras, ou seja, ele faz surgir, via a fala, os conteúdos elaborados como resultado de todo o percurso. É ao sistema pré-consciente que passa a ser colocada a tarefa do eu (*Ich*) descrito no *Entwurf*. Naquele momento, a explicação mecânica era a de que uma parte dos neurônios do sistema ψ (o *eu*) organizados com a função de evitar a alucinação e a descarga antecipada sem o objeto perceptivo. Evitar, portanto, o desprazer que chegaria à consciência pelos caminhos do processo primário, se deixado por sua própria conta.

A partir dos mecanismos dos sonhos, Freud retoma o esquema hipotético do aparelho psíquico e inscreve nele, mais claramente do que em 1895, o pensamento em sua relação com os sistemas inconsciente e consciente, assim clivados pelo recalçamento. A idéia central do texto de 1900 é demonstrar a ocorrência de dois tipos de processos psíquicos (inconsciente/consciente), que já haviam sido definidos, ainda que não explicitamente, no texto de 1895 e, mais diretamente na *Carta 52*.

Tendo por base as descobertas decisivas que a análise dos sonhos possibilitou, Freud apresenta um novo esquema dos processos psíquicos. O que no *Entwurf* aparece como sistemas de neurônios (ϕ , ψ , ω) e na carta a Fliess como transcrição de traços mnêmicos (*W*, *W_z*, *Ub*, *Vb*, *Bew*) é denominado agora genericamente de sistemas ψ . As instâncias (*Instanzen*) ou sistemas que compõem o aparelho psíquico são consideradas topologicamente, como no *Entwurf*, mas até

esta característica pode ser dispensada, diz Freud, desde que pensemos que há uma ordenação temporal, ou uma direção do movimento. Esta direção inclui a percepção, sistema ψ que não guarda traços do movimento (a exemplo do sistema ϕ do *Entwurf*), passando pela memória (antigo sistema ψ do *Entwurf*) que conserva as modificações surgidas pelo movimento, chegando até o sistema pré-consciente (introduzido em 1900) e deste ao sistema consciente (que mantém as mesmas características do sistema ω do *Entwurf*). O sistema pré-consciente, introduzido no esquema freudiano desde a *Carta 52*, parece ter sido pensado para explicar as modificações surgidas como condição imposta ao pensamento do sonho, uma vez que somente alguns indícios deste chegam à consciência. Por obra do recalçamento, a favor do qual se dá o trabalho do pré-consciente, o pensamento inconsciente (constatado nos sonhos, nos sintomas neuróticos, nos chistes, etc.) tem sua incidência tornada indireta ou transfigurada para a consciência.

Assim, tendo-se a percepção (W), a memória (Er), o inconsciente (Ubw), o pré-consciente e a consciência (Bw) completa-se o esquema do aparelho psíquico, que podemos resumir da seguinte forma:



O sistema inconsciente, no *Entwurf*, delineava-se na definição de memória como a diferença entre os trilhamentos do sistema ψ . Na *Traumdeutung*, a característica do sistema da memória das experiências obtidas pelo aparelho psíquico se mantém somente na medida em que se pode pensar que sobrevivem nele as representações mais arcaicas de satisfação e de dor relacionadas às experiências fundamentais, além de outras experiências mais recentes. Como

²⁴⁸ Mantivemos as abreviaturas do original, para uniformizarmos as referências. Assim, W [*Wharnehmungen*] é usado para *Percepção*, Er [*Erinnerung*] para "traços mnêmicos" ou "memória", Ubw [*Unbewusste*] para *inconsciente* e Vb [*Vorbewusste*] para *pré-consciente*.

aparece no *Entwurf*, a experiência de satisfação, a primeira descarga duradoura obtida pelo aparelho psíquico, resta como fundamento do mecanismo que se inicia nas pressões internas da mola pulsional, ligada à necessidade da vida (*Not des Lebens*) e que leva à tentativa de reproduzir a mesma satisfação. A insistência desse dispositivo, diz Freud, é o próprio desejo. O alvo do movimento pulsional é a realização do desejo que, nos termos quantitativos do *Entwurf* e também do texto de 1900, seria o estabelecimento de uma identidade de percepção com as condições da experiência de satisfação (primeira experiência). Nos processos primários, que caracterizam o sistema inconsciente, isto se dá sem se considerar que as condições atuais são irrevogavelmente outras, que não está presente o objeto de satisfação primordial. Pode-se imaginar, diz Freud, que a primeira satisfação de desejo, depois da experiência de satisfação, tenha ocorrido de forma alucinatória, uma vez que o objeto de satisfação já não estaria presente. Não obstante, o alvo do desejo continuará sendo a identidade de percepção, a repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade.

O esquema do aparelho psíquico apresentado na *Traumdeutung* nos mostra dois caminhos para esta tendência primária de busca da satisfação. O primeiro é uma descarga imediata no momento da ocorrência de um pensamento ligado ao desejo, sem uma indicação da realidade do objeto, um signo de realidade; o segundo, um movimento regressivo que busca a identidade de percepção, ainda sem indicações externas da realidade, ou seja, sem indicações de percepção do objeto. No primeiro caso, o desencadeamento do movimento se dá a partir simplesmente do pensamento (*Wunschgedanke*), e leva ao desprazer porque ocorre cedo demais, sem nem mesmo haver a tentativa de busca de um signo de realidade. No segundo caso, os signos de realidade continuam ausentes mas o movimento desencadeado busca elementos perceptivos no próprio aparelho de maneira alucinatória. Ou seja, ocorre um movimento no sentido contrário ao da regra geral dos movimentos nos sistemas Ψ , que deve se dar da percepção para a consciência, via a memória e o pré-consciente. A identidade de percepção buscada diretamente significa que do pré-consciente/inconsciente passa-se aos traços de memória (*Er'*, *Er*, etc.) e destas para a percepção. Mas, diz, Freud:

O estabelecimento de uma identidade perceptiva pela curta via da regressão no interior do aparelho não tem em outro lugar da psique o mesmo resultado que a catexia [ocupação] dessa mesma percepção desde o exterior. A satisfação não sobrevem e a necessidade perdura. A catexia interna só poderia ter o mesmo valor da externa se fosse mantida incessantemente, como de fato ocorre nas psicoses alucinatórias e nas fantasias de fome, que esgotam toda sua atividade psíquica no apego ao objeto de seu desejo ²⁴⁹.

A tentativa de evitar a alucinação ou a descarga antecipada é função do segundo sistema ψ : o sistema pré-consciente. É necessário para a própria sobrevivência do aparelho psíquico que a regressão seja detida, conforme indica Freud, "antes que ela se torne completa, para que não vá além das imagens mnêmicas [ponto imediatamente posterior à percepção, anterior no caso regressivo] e seja capaz de buscar outros caminhos desde o mundo exterior" ²⁵⁰. E, ainda, é necessário que o aparelho não seja retirado cedo demais de sua tendência à descarga, como é o caso no *Wunschgedanke*. É necessária, em ambos os casos, uma tentativa de solução adequada. A distinção e a oposição entre o sistemas ψ e o sistema ϕ demonstra uma profunda inadequação em relação ao mundo externo de um dos dois sistemas, a saber, do sistema ψ . Desde o *Entwurf*, sabemos que há a necessidade da intervenção de um segundo sistema que possa realizar, mais do que um controle, uma retificação do curso da tendência primária. O *eu (Ich)* aparece como um processo de "retorno e retenção" dos movimentos do aparelho psíquico. Na nova formulação, na *Traumdeutung*, este papel é desempenhado pelo sistema pré-consciente. Este herda das elaborações do *Entwurf* a tarefa da "precaução, retoque, retenção" com que se "corrige, compensa o que parece ser a tendência fundamental do aparelho psíquico e, [o trabalho do pré-consciente] fundamentalmente, opõe-se a ela" ²⁵¹. Este duplo movimento, como salienta Freud, somente se mostra linear na exposição; na verdade não há

²⁴⁹ FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 517.

²⁵⁰ Ibid.

²⁵¹ LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, op. cit., p. 41.

antecedência do movimento de um ou outro, o jogo de formações pelas quais podemos reconhecer nos sonhos, nos sintomas neuróticos, nos lapsos de fala e nos chistes, a presença de um e de outro dos sistemas (inconsciente e pré-consciente), é constante ²⁵².

Ao tomar os sonhos como objeto de análise, Freud distingue a representação do sonho, como resultado, e o conflito entre tendência primária e secundária, como pano de fundo dos processos psíquicos envolvidos. A equiparação, buscada pelo sistema ψ , da identidade de percepção com a identidade de pensamento, significava, já no *Entwurf*, uma tentativa de descrever a relação dos processos secundários com os processos primários. No texto de 1900 a introdução de um novo sistema ψ , o pré-consciente, torna mais clara a idéia de que a consciência permanece alheia aos movimentos quantitativos dos processos fundamentais, mas ao mesmo tempo lida com representações inteligíveis. No sonho este mecanismo aparece na medida em que é uma fala que se apresenta à análise. Os elementos que a compõem são representações sobredeterminadas pelo movimento constante do que Freud chama de pensamento do sonho e pelo movimento conflitivo deste com o trabalho do sistema pré-consciente. É deste jogo que resulta uma representação passível de aceder à consciência. O pré-consciente, de certa forma, retifica em prol da consciência a representação originária do pensamento do sonho. Evita-se, com isto, o imenso desprazer que seria gerado com a emergência, na consciência, das representações que são objeto

²⁵² A regressão tópica descrita aqui diferencia-se da regressão temporal que aparece em outros momentos da obra de Freud. Lacan, utilizando-se das categorias de *Imaginário* e de *Simbólico*, diz que não seria necessário construir uma "regressão" do eu na direção da percepção, como ocorre a Freud, logicamente em decorrência de sua terminologia. Para Lacan, o sonho de Irma mostra que não é de "um estado anterior do eu que se trata, porém, literalmente, de uma decomposição espectral da função do eu [imaginário]. Vemos aparecer a série dos eus. Pois o eu é constituído pela série das identificações [no exemplo de Freud: Otto, Dr. M. Leopoldo, seu irmão, etc., presentes no sonho] que representaram para o sujeito um marco essencial em cada momento histórico de sua vida, e de modo dependente das circunstâncias...". Para Lacan, a primeira culminação do sonho explicitada por Freud de que seu desejo seria o de ser isentado de culpa pela doença de Irma, deveria ser considerada como uma análise daquilo que o pré-consciente/consciente poderá apresentar. Neste ponto se estaria diante da primeira culminação, sendo o eu, "ai, na imagem horrífica" da garganta da paciente e seus limites junto ao nariz, etc., detalhe importante para a situação pessoal de Freud. No entanto, haveria uma segunda culminação, esta sim colocando claramente o problema mais crucial do sonho que seria o de apresentar numa fórmula (a trimetilamina) "escrita na muralha, para além daquilo que não podemos deixar de identificar como sendo a fala, o rumor universal. Tal qual o oráculo a fórmula não fornece resposta alguma ao que quer que seja. Mas a própria maneira pela qual ela se enuncia, seu caráter enigmático, hermético, é justamente a resposta à questão do sentido do sonho. Pode-se calcá-la na fórmula islâmica - Não há outro Deus

do recalçamento. O preço destes serviços à consciência é a continuidade de seu alheamento em relação a tudo o que diga respeito à mola pulsional, que se mantém na tentativa de obter a identidade de percepção, e seus efeitos.

Assim, o intuito inicial do sonho de seguir na direção da satisfação, da realização do desejo, não é eliminado pelo trabalho do sonho, mas apenas aparece retificado na representação do sonho. Este, tanto quanto os sintomas histéricos, os lapsos de linguagem, os chistes e o devaneio, é o produto final do jogo conflitivo entre os dois sistemas inconsciente e pré-consciente. Neste sentido, Freud encontra um ponto do sonho para o qual há um limite das tentativas de interpretação, ou seja, há um limite além do qual não cabe a presença do sistema consciente nem mesmo com a recorrência da censura imposta pelo trabalho do sistema pré-consciente. Trata-se do umbigo do sonho, como diz Freud:

*mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido*²⁵³

A análise do sonho, portanto, esbarra num ponto obscuro para o qual nada pode ser acrescentado com os recursos da consciência; no entanto, é justamente desse ponto que brota o desejo. A mola pulsional que foi apresentada em termos quantitativos desde o *Entwurf*, e que será fundamental para a análise do aparelho psíquico pelo aspecto econômico na metapsicologia, ganha aqui uma formulação representacional que ao mesmo tempo presentifica as noções criadas no texto das afasias e exige um redirecionamento de sua utilização. As análises de sonhos começam por uma narrativa que é feita pelo sonhador, mesmo quando os sonhos são do próprio Freud. Os elementos que se apresentam na narrativa indicam que há no sonho a realização de desejos, desde os mais simples e confessáveis, como

senão Deus. Não há outra palavra, outra solução ao problema de vocês, senão a palavra". (Ver: LACAN, J. *O Seminário, livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, op. cit., pp. 202-3).

o de comer um morango, até os mais inacessíveis, como estes que brotam do que Freud chama de o ponto obscuro a que se chega seguindo o trilhamento das representações do sonho. Ele chega a fazer um primeiro esforço por classificar os tipos de desejos que são realizados perguntando-se "de onde se originam os desejos que se realizam nos sonhos?". A evidência que leva a esta pergunta, esclarece Freud, é o "contraste entre a vida diurna conscientemente percebida e uma atividade psíquica que permanece inconsciente e da qual só nos damos conta à noite"²⁵⁴. Considerando este contraste, Freud coloca em discussão pelo menos três possíveis origens para o desejo que se realiza no sonho. A primeira é considerada a partir de alguns sonhos nos quais emerge um desejo que parece ter surgido já durante o dia, não tendo sido satisfeito por motivos externos; nesse caso, um desejo reconhecido do qual o sujeito não se ocupou fica "pendente" para a noite. A segunda se refere a outros sonhos em que o desejo que surge parece também já ter aparecido durante o dia, mas foi repudiado; nesse caso, o que fica pendente é um desejo de que a pessoa não se ocupou porque os conteúdos que ele evoca foram afastados da consciência. A terceira, que permite pensar mais propriamente o desejo do sonho, é a emergência, no sonho, do desejo que não tem nenhuma ligação com as atividades da vida diurna, ou seja, não se pode colocá-lo tão facilmente em relação com o pensamento consciente, nem mesmo no sonho onde a incidência do trabalho de censura do sistema pré-consciente, em geral, torna possível o acesso de alguns elementos à consciência²⁵⁵.

As duas primeiras fontes de desejos se misturam no sonho e servem, muitas vezes, de material para o trabalho da censura, que na verdade incide sobre a terceira fonte. É esta que define o limite da interpretação do sonho, ou seja, limite das possibilidades da consciência. Assim, a origem do desejo inconsciente, que no *Entwurf* aparece como a mola pulsional ligada à necessidade da vida e à experiência de satisfação, torna-se ainda mais distante de um acesso à consciência. No texto de 1895, havia a possibilidade do excesso criado pela mola pulsional ser redirecionado pelo trabalho de inibição do eu (*Ich*). Esta era uma tentativa de

²⁵³ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 482.

²⁵⁴ *Ibid.*, pp. 503-4.

buscar solução adequada na estrutura simbólica, desenhada pelos trilhamentos do sistema Ψ para a insistência da exigência da vida (*Not des lebens*). A partir das constatações dos sonhos chega-se de uma forma muito mais clara ao ponto em que também a estrutura simbólica se mostra aberta a descontinuidades.

A representação onírica, em última instância, é sobredeterminada pelo pensamento inconsciente (pensamento do sonho) e pelo pensamento pré-consciente. O que está em jogo nesta relação entre um e outro dos dois sistemas não ocorre somente no sonho, como nos mostra Freud. O que o sonho, os sintomas neuróticos, os lapsos de fala e os chistes ensinam a Freud é a permanência de um pensamento resultante do trabalho de censura, pela incidência dos mecanismos tornados mais evidentes no sonho, a condensação e o deslocamento. Da mesma forma que no sonho "o pensamento [do sonho] se transforma em imagens visuais e em fala"²⁵⁶ o que se torna acessível à consciência é articulado em representações visuais e em palavras.

Os processos de deslocamento e condensação, nos quais há um trabalho do sistema pré-consciente, tornam o pensamento do sonho uma representação, um quadro, que poderá, sob determinadas condições, vir à consciência. A esta, conforme o *Entwurf*, somente se apresenta o produto final do pensamento, já na forma de imagens visuais e de palavras. Mais precisamente, o pensamento encontra a consciência por meio das representações-palavras, que possibilitam uma equiparação, para a consciência, da identidade de pensamento com a identidade de percepção. A consciência, sistema alheio aos processos psíquicos fundamentais (experiência de satisfação, estado de desejo, etc.) que se resumem a movimentos quantitativos, é de certa forma alheia também à formação do processo secundário, como por exemplo toda a elaboração secundária do sonho, que ocorre por obra dos processos de deslocamento e condensação.

Os efeitos da incidência do sistema pré-consciente para garantir a censura aparecem, em última instância, na fala. Esta é uma atividade consciente de

²⁵⁵ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 503-4.

²⁵⁶ Outra característica "da forma assumida" pelos sonhos "é o fato de o pensamento ser representado como uma situação imediata em que o "talvez" é omitido". Esta idéia será retomada adiante. (Ver FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 489).

emissão de palavras, mas sobre ela incide, continuamente, toda a estruturação do discurso que não está acessível à consciência. Isto somente é notado na ocorrência de um ato falho, um lapso de língua, um chiste, ou nos mecanismos dos sonhos. Diz Freud sobre isto:

*Para que os processos de pensamento possam adquirir qualidades, eles se associam, nos seres humanos, com lembranças verbais, cujos resíduos de qualidade são suficientes para atrair para si a atenção da consciência e para dotar o processo de pensar de um novo investimento móvel oriundo da consciência*²⁵⁷

Como sabemos da análise dos sonhos, na passagem do pré-consciente para a consciência há a emergência da seqüência de significações que determinam a fala. As evidências desta duplicidade levam Freud a reformular um dito de Fechner e fazer dele um axioma da teoria psicanalítica. Referindo-se aos sonhos, Fechner teria dito que "a cena de ação dos sonhos é diferente da cena da vida representacional de vigília"²⁵⁸. Sobre isto, acrescenta Freud, "esta é a única hipótese que torna inteligíveis as particularidades especiais da vida onírica" e, em conseqüência, as particularidades do pensamento inconsciente (ou simplesmente do *inconsciente*) em sua articulação com a consciência e com a fala. A reformulação que Freud faz da idéia de Fechner se refere ao pressuposto deste de que estas duas cenas corresponderiam a duas localizações cerebrais. A exemplo das refutações da concepção de Meynert e seus discípulos, Freud diz:

*desprezarei por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica*²⁵⁹

²⁵⁷ FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 491

²⁵⁸ *Ibid.*, p. 552.

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 491.

As distinção em duas cenas, na *Traumdeutung*, segue o mesmo raciocínio anunciado no *Entwurf*, pelo qual a consciência é colocada no ponto final, não necessariamente atingido, dos movimentos dos outros sistemas (inconsciente e pré-consciente). Uma dessas cenas, ou conjunto de processos, é a tradução da busca da satisfação do desejo e a outra cena a tradução do jogo de rearranjos que a censura impõe aos indícios da primeira cena, para que estes possam aceder à consciência. É ao sistema pré-consciente que se pode atribuir a emergência de restos verbais e imagens (ou seja, representações-palavras e representações-coisas), que na fala se mostram como conteúdos distintos daqueles com que lida a consciência. Esta dupla referência sobrevive na obra de Freud desde o desprezioso ensaio sobre as afasias (1891) até a surpreendente e inigualável *Traumdeutung*. Nesta trilha as referências ao pensamento e à fala se reordenam de acordo com a introdução (a descoberta) dos mecanismos do inconsciente. Em *Aphasies* a estrutura simbólica resumia-se à ligação entre *Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*, desde então uma ordem independente das coisas e das referências anatômicas, ou seja, uma dimensão que se refere ao pensamento. Com isto já poderíamos considerar que a relação entre as palavras e as coisas se ligava à fala para fornecer a esta uma significação. Uma representação-palavra poderia tomar determinada significação a partir de sua ligação com uma representação-objeto. O pensamento daí surgido poderia ser expresso em palavras. Teríamos como que um livro sendo lido em voz baixa e que de repente, por algum motivo qualquer, pudesse passar a ser lido em voz alta. Suas palavras, todas, já estariam justapostas e suas significações poderiam ser apreendidas por alguém que ouvisse a leitura. Ademais, no ensaio das afasias, Freud diz, por exemplo, que na leitura em voz baixa e em voz alta há somente um processo acontecendo:

devemos nos guardar de considerar a supressão de uma tal compreensão [de uma ou de outra das duas formas] como signo de uma ruptura de feixes [nervosos]. Não é necessário

*considerar a leitura em voz alta como um processo diferente daquele em voz baixa e sim que esta contribui para subtrair a atenção da parte sensorial do processo de leitura*²⁶⁰.

Seria, também, o pensamento uma espécie de leitura em voz baixa deste texto que se apresenta ao pré-consciente, e a fala a leitura em voz alta do mesmo texto com a atuação de alguma parte sensorial? Somente com as noções de *Aphasies* não poderíamos responder a esta pergunta. Com a introdução das demais noções podemos dizer que, de certa forma, a sobredeterminação da fala, pensada desde o ensaio de 1891 como relacionada à estrutura simbólica, tem sua base nos mecanismos do inconsciente. Estes, em última instância, somente podem ser admitidos em uma formulação que se utiliza da consciência, como um jogo ao qual somente se tem notícia num pequeno retorno ao sistema pré-consciente, encontrando pensamentos em forma de palavras e de imagens visuais.

Isto significa resgatar a formação básica das representações-palavras e das representações-objetos para verificarmos a situação final destas duas categorias freudianas, centrais na divisão da realidade que ele processa. A representação-objeto é, como sabemos, algo de incompleto, sendo seus componentes algumas imagens heterogêneas, de origem visual, acústica, tátil, cinestésica e outras. Uma representação objeto só é aparentemente definida, sempre restando a possibilidade de que aqueles aspectos perceptivos encontrados sejam ligados a outros. A sua extensão pode variar desde uma simples imagem mnêmica de traços visuais até uma complexa rede delas.

Ocorreu, então, algum movimento da própria noção de coisa à qual as palavras se referem, como interesse de Freud? As coisas (*Objekts*) cujas representações (*Objektvorstellungen*) se ligavam às representações-palavras (*Wortvorstellungen*), sem que houvesse necessidade de definição se seriam coisas da realidade psíquica ou da realidade material, passaram, a partir do *Entwurf*, a exigir esta definição. Poderíamos, seguindo o rumo que será dado em *O Inconsciente* (1915) à definição de coisas, *Sachevorstellungen* e *Objektvorstellungen*, relacionar estas últimas com os processos que ocorrem exclusivamente à distância do sistema da

²⁶⁰ FREUD, S. *Aphasies*, op. cit., p. 126.

consciência e definidos como sendo os processos psíquicos primários. A consciência, a princípio, é a última fase a que poderiam chegar os resultados destes processos. Eles são evidenciados na análise dos sonhos e dos sintomas histéricos (ou neuróticos em geral), como mostramos. Freud já nos fizera admitir que as representações-objetos aparecem mescladas entre si e de várias formas ligadas a uma ou várias representações-palavras. Teríamos agora que precisar a relação que ocorre no sistema pré-consciente destas últimas com as representações-coisas (*Sachevorstellungen*). Nisto residem, no entanto, dois problemas: primeiro trata-se de uma distinção feita somente muito depois da *Traumdeutung*, nosso ponto final; segundo trata-se de uma distinção que exigiria aprofundarmos a proposta de Lacan, de que o termo *Sachevorstellung* deve ser reservado para a relação com a *Wortvorstellung*, restando *das Ding* como o fora do significado, outra transposição dos objetivos de nosso presente trabalho.

Por outro lado, caso isso seja observado, mesmo que somente de passagem, será uma mudança notável a que Freud opera. A representação-objeto (*Objektvorstellung*), para a qual a própria referência *Objekt* indicaria uma relação com estes, com os objetos do mundo, é, na verdade, colocada em uma posição contrária, dizendo respeito aos objetos mais distanciados da realidade. São os objetos oníricos (ou objetos relacionados ao desejo) que se articulam nessas imagens que formam a *Objektvorstellung*. Ao contrário disto, a representação-palavra, por sua referência a *Wort* que nos estudos dos anatomopatologistas nada de importante representaria, é uma espécie de substrato de realidade que a operação subjetiva vai apanhar como garantia para ligá-la a essas *Sachevorstellungen* que são colocadas ao pré-consciente ²⁶¹. Isto é o que ocorre na passagem do pensamento à fala, conforme o entendimento de Freud sobre estes processos em sua sobredeterminação pelo trabalho das instâncias psíquicas.

²⁶¹ No seminário de 25 de novembro de 1959, Lacan se propõe a localizar o que se passa nos níveis de análise que ele denomina de *processo, objeto e sujeito*. Tenta situar estes três momentos em relação à oposição entre *princípio de realidade* e *princípio do prazer*. Do lado do *princípio do prazer* situa o *inconsciente*, o *pensamento* e o *bem* do sujeito. Do lado do *princípio de realidade*, por sua vez, situa o *conhecido* (*as palavras*); a percepção e, como terceiro elemento a ser aqui colocado deixa uma interrogação: "mas, em frente, como qualificar o substrato de realidade da operação subjetiva?". Pelo que dissemos aqui, para Freud, seria a *fala* este substrato de realidade que a operação subjetiva vai buscar? (Ver LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, op. cit., p. 47).

Temos, portanto, os mecanismos do sonho, condensação e deslocamento, como propostas que fundam, no pensamento de Freud, uma noção bastante definida do que seja o jogo de movimentos entre as representações, que de uma forma ou de outra fazem parte da estrutura acessível dos sistemas psíquicos definidos na *Traumdeutung* como último ponto de um percurso que se iniciou em *Aphasies*. Resta, então, identificarmos em que sentido há nas propostas de Freud, até esse ponto, uma limitação da representabilidade.

IV - O recuo da representabilidade

Além da condensação e do deslocamento, como mecanismos oníricos, Freud diz que devemos dar importância também à *representabilidade* (*Darstellbarkeit*) dos sonhos. Estes se mostram,

na maior parte [como] a representabilidade (Darstellung) em imagens visuais. Dentre os vários pensamentos acessórios ligados aos pensamentos oníricos essenciais, dá-se preferência àqueles que admitem representação visual; e o trabalho do sonho não se furta a esse esforço de remodelar pensamentos inadaptáveis numa nova forma verbal - mesmo que seja menos usual -, contanto que esse processo facilite a representação (Darstellung)

262

Além do tipo de deslocamento que substitui um elemento visual por outro, diz Freud, é de grande importância teórica um segundo tipo de deslocamento que consiste na "mudança da expressão verbal dos pensamentos em causa" no sonho²⁶³, ou seja, uma troca de uma expressão verbal por outra. Este segundo tipo de substituição explica o fantástico absurdo em que os sonhos se disfarçam. Pode-se chegar ao caso extremo em que "as expressões abstratas oferecem à representação nos sonhos o mesmo tipo de dificuldade que um editorial político num jornal

²⁶² FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 327.

²⁶³ *Ibid.*, p. 323.

ofereceria a um ilustrador"²⁶⁴, ou seja, a necessidade de deixar de fora expressões verbais importantes. Isto porque, se a articulação das imagens visuais serve à representabilidade, também "os interesses da condensação e da censura podem beneficiar-se dessa troca"²⁶⁵.

O percurso de Freud aqui estudado aponta de forma privilegiada para uma afirmação da representação como processo psíquico, ao mesmo tempo que acentua os limites da representabilidade (*Darstellbarkeit* ou *Darstellung*) nesses processos. A cisão que Freud introduz com a refutação do reducionismo o coloca diante do problema da representação conforme ela se apresenta na Filosofia, pelo menos aquela a que ele teve acesso. Parece possível, segundo Paul-Laurent Assoun, demonstrar que Freud iniciou-se na Filosofia assistindo aulas com Brentano²⁶⁶. Isto nos leva a admitir que, no mínimo, Freud conhecia algo do pensamento daquele autor. Ora, a noção de representação, central na conceituação de um e outro, seria a mesma? É certo que tanto para Brentano quanto para Freud era importante a idéia de processos (ou fenômenos) psíquicos e para ambos a representação era um processo psíquico fundamental. No que diz respeito a Brentano assinalamos de passagem este entendimento. A exposição do esforço de Freud nos autoriza agora a voltarmos ao problema da representação para esclarecermos o recuo que é introduzido por ele nas possibilidades de representar as coisas que estão em jogo na realidade psíquica.

Em *Aphasies* as coisas não são conservadas inteiramente nos registros da memória sendo a representação-objeto sempre incompleta. Ainda que tenhamos nas representações as imagens visuais que se conservam, há sempre a possibilidade de novas impressões serem adquiridas. Estas, portanto, a princípio não estariam na estrutura simbólica, campo das representações, ou estariam nela, mas inacessíveis à consciência. É difícil, nesta direção, decidirmos por uma ou outra opções uma vez que neste texto não há perguntas diretas de Freud sobre a consciência; de toda forma, as duas possibilidades apontam para um estreitamento do mundo das representações em relação ao mundo das coisas.

²⁶⁴ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 323.

²⁶⁵ *Ibid.*

Seria isto apenas uma adesão de Freud à recusa do *adaequatio intellectus ad rem* (concordância do pensamento julgante com a realidade) talvez por influência de Brentano? ²⁶⁷ Se o texto das afasias fosse sucedido de uma pesquisa de Freud sobre a possibilidade do conhecimento, talvez pudéssemos responder afirmativamente a esta pergunta. No entanto, o que o caminho de Freud indica é que deste ponto inicial, onde ele colocou definitivamente a realidade da estrutura simbólica nas determinações do discurso, há uma redução da capacidade da consciência de abarcar a totalidade dos processos psíquicos ao mesmo tempo em que há um aprofundamento da distinção entre o papel das representações-objetos e de representações-palavras. Quanto mais se evidencia a alteridade dos sistemas inconsciente e pré-consciente, maior valor é dado às representações-palavras como o veículo, como o *medium* que a consciência tem disponível no pré-consciente para articular o discurso. Nesta nitidez da separação de papéis, que será aprofundada no texto de 1915, *O Inconsciente*, para a representação-palavra e para a representação-objeto, temos uma diferença crucial em relação ao conceito freudiano de representação e o de Brentano. Para este último a marca distintiva dos fenômenos psíquicos é a de que, "em sua multiplicidade total, eles se mostram como uma unidade" ²⁶⁸. A afirmação de Freud, com a introdução de todos os esquemas possíveis para o aparelho psíquico, é o inverso: definitivamente, não há unidade nos processos psíquicos.

Se na representação-objeto, em *Aphasies*, já aparecia a ausência de alguns dos elementos ligada à imagem visual do objeto, depois disso há a afirmação de *das Ding* como objeto ausente às representações, um segundo e crucial momento de afirmação de um recuo da representabilidade. No *Entwurf*, na experiência de satisfação, algo do complexo representacional do outro experiente que realiza a ação específica para o desamparado permanece constante como a *Coisa (das Ding)*, mas não pode ser encontrado mais no jogo de movimentos da representação; na *Traumdeutung*, o enigma em torno dos sonhos, que aparece expresso pelo fato de que "o inconsciente nada tem a oferecer durante o sono além da força propulsora

²⁶⁶ ASSOUN, P-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*, op. cit., p. 12.

²⁶⁷ ASSOUN, P-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*, op. cit., p. 12.

para a realização de um desejo"²⁶⁹, se resolve com uma referência à mesma experiência de satisfação. Ou seja, mesmo nos sonhos que são o paradigma da realização dos desejos, via a representação, *das Ding* não está disponível justamente por ser algo arcaico, ou melhor dizendo, relativo aos desejos fundamentais.

Outro recuo da representabilidade salienta-se no reconhecimento de um limite do curso do pensamento e também no processo da interpretação dos sonhos. Já no *Entwurf*, Freud afirmava que "o processo de perseguição do curso de Q através de uma associação pode assim prosseguir por uma extensão indefinida, habitualmente até articulações associativas finais 'completamente conhecidas'. A fixação deste caminho e das estações finais contém então o 'conhecimento' da percepção possivelmente nova" ²⁷⁰. Ou seja, limita-se a possibilidade de recorrer os trilhamentos mas não toda a extensão destes. Os exemplos da *Traumdeutung* servem para defender, mesmo contra críticas que pareceriam bem fundamentadas, a idéia de que os sonhos são realização de desejos. Até então, as interpretações de sonhos de Freud se mostravam sem restrições definitivas. Num determinado momento, no entanto, ao fazer um balanço das possibilidades de o sonho expressar (representar) a realização de um desejo, Freud esbarra no fato de que está fora das possibilidades de representação este ponto a partir do qual brota o desejo do sonho (o *umbigo do sonho*). Diz Freud:

Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio ²⁷¹

²⁶⁸ STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea*, op. cit., p. 34.

²⁶⁹ FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 515.

²⁷⁰ Idem. *Projeto de uma psicologia*, op. cit., p. 81.

²⁷¹ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 482.

É necessário desentranhar desta frase o que ela tem de especial para entendermos o que há de decisivo na relação entre as palavras e as coisas, ou ainda, no papel da representação e da linguagem, nas obras iniciais de Freud. Há uma trama de pensamentos, por obra da censura os mais inacessíveis à consciência, diante dos quais poderíamos até tentar seguir um fio condutor, seguir seu rumo. Ao tentarmos fazer isto, teríamos aí um primeiro problema mas não ainda o limite final do mundo das representações. As ramificações são um problema na medida em que ao tentar percorrê-las teríamos disponíveis todas as direções dentro desse universo, que em última instância é o universo da estrutura simbólica, introduzida em *Aphasies* suportada pelos elementos lingüísticos como uma espécie de campo da subjetividade ²⁷². Mas, como mostram os textos posteriores, não uma subjetividade totalmente exposta à luz da representação, pois, se tentamos percorrer todos esses caminhos descobrimos sempre que na trama do inconsciente há um ponto particularmente fechado à representação. Isto ocorre exatamente porque, para Freud, a representação, ao lidar com este jogo entre restos de palavras e coisas que nos aparece como o inconsciente, na verdade somente tem sentido como a própria trama possível na linguagem.

Neste sentido, Michel Foucault nos diz que as ciências humanas somente dirigem sua atenção ao inconsciente "virando-lhe as costas, esperando que ele se desvele à medida em que se faz, como que por recuos, a análise da consciência" ²⁷³. A psicanálise, ao contrário, o faz diretamente,

de propósito deliberado - não em direção ao que deve explicitar-se pouco a pouco na iluminação progressiva do implícito, mas em direção ao que está aí e se furta, que existe com a solidez muda de uma coisa, de um texto fechado sobre si mesmo, ou de uma lacuna branca num texto visível e que assim se defende ²⁷⁴

²⁷² Os esquemas de Freud que comportam uma "teoria dos lugares", como diz Assoun, são os seguintes: a figura do *Spracheapparat*, que delinea a área cerebral ligada às funções da linguagem; a *estrutura simbólica*, que se diferencia do *Spracheapparat*, fundando a contribuição freudiana para a discussão; o esquema das inscrições e transcrições da *Carta 52*, que já inclui *inconsciente*, *pré-consciente* e *consciência*; e, o esquema do aparelho psíquico, rascunho final da subjetividade implicada na determinação do discurso.

²⁷³ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, op. cit., p. 391.

Ao apontar para um exterior a toda representação, que ganha o nome de inconsciente, mas que somente pode ser referido à linguagem, a psicanálise estará se propondo pensar, no seio mesmo de uma representação, de uma definição de objeto teórico, os limites da representação. Ou seja, "dando-se por tarefa fazer falar através da consciência o discurso do inconsciente, a psicanálise avança na direção desta região fundamental onde se travam as relações entre a representação e a finitude"²⁷⁵. Em *Aphasies* ainda não temos o conceito de inconsciente, e nem mesmo uma referência ao inconsciente como tal, mas os processos psíquicos são os *seres* a partir dos quais se delinca a primeira tentativa freudiana de encontrar o limite da representação. Os textos intermediários, como *Entwurf* e a *Carta 52*, constróem definitivamente este recuo em relação à possibilidade de a representação servir para garantir o sentido das coisas, dando ao interesse da psicanálise pela linguagem, especialmente à relação de Freud com ela, o caráter que Michel Foucault acentua da seguinte forma:

*seguindo o mesmo caminho que as ciências humanas, mas com o olhar voltado em sentido contrário, a psicanálise se encaminha em direção ao momento - inacessível, por definição, a todo conhecimento teórico do homem, a toda apreensão contínua em termos de significação, de conflito ou de função - em que os conteúdos da consciência se articulam com, ou antes, ficam abertos para a finitude do homem. Isto quer dizer que, ao contrário das ciências humanas que, retrocedendo embora em direção ao inconsciente, permanecem sempre no espaço do representável, a psicanálise avança para transpor a representação, extravasá-la do lado da finitude e fazer assim surgir, lá onde se esperavam as funções portadoras de suas normas, os conflitos carregados de regras e as significações formando sistema, o fato nu de que pode haver sistema (portanto, significação), regra (portanto, oposição), norma (portanto, função)*²⁷⁶.

As considerações deste trecho nos levam a voltar os olhos para a preocupação de Freud em esclarecer que a representabilidade (*Darstellbarkeit*) não

²⁷⁴ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, op. cit., p. 391.

²⁷⁵ Ibid.

²⁷⁶ Ibid.

é total, e ver nela uma indicação da imensa cisão entre as suas formulações e as demais análises dos processos da consciência. Ainda que Freud não se refira às ciências aqui chamadas por Foucault de humanas, é à linguagem, num entendimento totalmente distante das *Naturwissenschaften*, que ele se refere com sua pesquisa sobre os sonhos. Na seção a respeito da representabilidade (*Die Rücksicht auf Darstellbarkeit*), na *Traumdeutung*, o recuo se apresenta ligado ao próprio fato de que é a linguagem que está envolvida com os processos psíquicos, ou seja, com a realidade psíquica. Freud diz que "as palavras, por serem o ponto nodal de numerosas representações, podem ser consideradas como predestinadas à ambigüidade"²⁷⁷. Esta ambigüidade, no entanto, não é fortuita, ela segue o curso dos movimentos dos mecanismos oníricos nos quais, se levamos em conta a lembrança de Lacan, Freud já havia vislumbrado, apesar de não contar com a lingüística estrutural, a função e a estrutura da linguagem. A função pela qual o pré-consciente lida com as frustrações dos projetos da consciência, direcionando, no entanto, os seus revezes à fala; e, estrutura pela qual os elementos do inconsciente se ordenam.

V - Linguagem

O fio condutor de nossa análise do entendimento de Freud nos mostrou que é possível identificar a *estrutura* e a *função* da linguagem, no caminho entre o inconsciente, o pré-consciente e, depois do cumprimento de determinadas condições, a consciência. O curso do pensamento, da maneira como Freud o entende, segue esta trilha. Mas, então, de que é formado este pensamento, de representações (*Wortvorstellungen, Objektvorstellungen, Sachevorstellungen*)? Como elas se apresentam no *inconsciente*, no *pré-consciente* e na *consciência*? Transferindo-se de uma para outra dessas instâncias (*Instanzen*)? Ou as representações são parte integrante de cada um desses sistemas e alguma coisa, uma energia, por exemplo, se transfere de uma para outra das localizações nos sistemas? Ou, ainda, pelo emaranhado de ligações entre as representações podemos afirmar que para o

²⁷⁷ FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*, op. cit., p. 325.

complexo mundo das representações estendem-se fios de maior ou menor carga afetiva, transferida de lado a lado, resultando na sobredeterminação do pensamento? Segundo Lacan, estas perguntas não são claramente respondidas nem mesmo com os elementos do texto *O Inconsciente*, de 1915, ainda nesse momento permanecendo "uma dificuldade, um impasse que o próprio Freud ressalta e que se explica pelo estado da lingüística em sua época" ²⁷⁸. Ou seja, somente as noções de significante e significado, na forma como Lacan as toma da lingüística estrutural, poderiam ser uma ajuda ao impasse de Freud.

De fato, não poderíamos imaginar, a não ser por uma fantasia sobre a história, que fosse a lingüística estrutural o que Freud faz passar pelo crivo sugerido por Nassif. É a conceituação de Meynert, Wernicke, Lichtheim, Charcot e Jackson, que fornece o material com o qual Freud, talvez ajudado pela idéia de objeto de Stuart Mill e de representação (da psicologia herbartiana) ²⁷⁹, vai formular suas hipóteses sobre a dinâmica das representações (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*). O *Entwurf* também não anuncia modelos lingüísticos sofisticados, apenas a idéia de uma rede hipotética de trilhamentos pelas quais uma quantidade (inicialmente inspirada no movimento definido pela física) é descarregada ou acumulada, gerando os processos que em última instância se tornarão representações-palavras e poderão vir à consciência. Tudo isto leva ao estado de coisas que encontramos na *Traumdeutung* e que, se não terá resolvido os seus impasses nem com a pesquisa colocada na segunda tópica freudiana, ao menos tem já a forma mais sofisticada a que Freud chegou para conceituar a relação intrínseca dos processos psíquicos (da realidade psíquica) com a linguagem.

Na linguagem, portanto, Freud soube desde o início diferenciar a estrutura e a função. Tanto como estrutura (memória, estrutura simbólica, sistemas Ψ , sistema inconsciente) quanto como função (fala, significação) a linguagem está implicada no ordenamento do pensamento. Havia, desde *Aphasies*, uma suspeita

²⁷⁸ LACAN, J. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*, op. cit., p. 60.

²⁷⁹ Segundo Assoun encontravam-se nos manuais da época de Freud as categorias de Herbart, que, como já salientamos, apresenta uma terminologia bastante próxima daquela utilizada por Freud a respeito das representações. (Ver: ASSOUN, P-L. *Introdução à epistemologia freudiana*, op. cit., p. 151)

de que o ordenamento desse processo se daria por mecanismos elementares mas, ao contrário do que se acreditava nas teorias influenciadas pela anatomopatologia, eles são mecanismos que lidam com elementos complexos, os *complexos representacionais*. Impossível voltar-se aos elementos simples como o engrama uma espécie de risco no cérebro que seria mecanicamente produzido por uma percepção, por um estímulo físico vindo do mundo externo, passando pelos órgãos dos sentidos e, via os transmissores aferentes, chegando até o centro cerebral. O mecanismo dos sonhos revela muito mais do que isto, a partir deles a teoria de Freud não permite mais um retorno ao *reducionismo* justamente pelo reconhecimento da complexidade dos elementos, e, ainda, pela determinação múltipla das funções psíquicas. Estas são sobredeterminadas em vários momentos, no aprendizado da fala (a superassociação), passando pela significação (na estrutura simbólica), pela condensação e pelo deslocamento, até chegar à múltipla determinação do pensamento e da fala pelos sistemas pré-consciente e inconsciente.

A *Traumdeutung*, por todo o conjunto de hipóteses bem estruturadas e pelos impasses que nos leva a perceber mais claramente que nos textos anteriores, nos coloca, portanto, no termo de nosso percurso. Foi possível acompanhar nos capítulos anteriores o movimento de Freud em múltiplas direções buscando elaborar mais consistentemente um discurso que lhe permitisse compreender os meandros da linguagem. Mas, em todo este caminho, ele se manteve perseguindo não uma metalinguagem com a qual pudesse falar dos impasses da linguagem, e sim restrito a uma pesquisa do que Benveniste chama de "universo da palavra que é o da subjetividade", entendendo que "a língua é uma estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos"²⁸⁰. A *Traumdeutung* nos mostra que para Freud, na maturidade de sua relação com a fala, parece valer o que nos diz Benveniste: "as configurações da palavra são cada vez únicas, embora se realizem no interior - e por intermédio - da linguagem". A esta antinomia entre o discurso e a língua, estaríamos habilitados a nos dirigirmos em nossas pesquisas a

²⁸⁰ BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luísa Neri. São Paulo: Nacional / EDUSP., 1976, p. 84.

partir do trabalho de Freud, não mais deixando de notar, como ocorreu por exemplo aos analisadores de sonhos anteriores a ele, que é nas rupturas do discurso que se apresentam os passos importantes para a descoberta daquilo que o determina e que na verdade nada mais é do que o outro discurso, a outra cena: *o discurso inconsciente*.

Esta outra cena, no entanto, ao ser definida como uma cena que se estrutura por mecanismos cujos efeitos são verificáveis, como nos prova a *Traumdeutung*, nos leva a concluir que o trabalho de Freud evidenciou uma cisão fundamental para o pensamento contemporâneo. Ao conservar uma insistência em aproximar-se das terminologias científicas, tentando, como quer Nassif, passar por um crivo as contribuições de que dispunha (as noções de Meynert, Wernicke e Lichtheim) Freud mostra no entendimento da percepção identificada com a memória, ou seja, no consenso reducionista que se estende à medicina do final do século XIX, a negação da complexidade. Ou seja, ao mostrar que aquilo que era chamado de memória não é um sistema simples e nem um sistema que lida com elementos simples (como o engrama), ele admite, contrariamente ao reducionismo, a complexidade. A figura da sobreteterminação, tanto em *Aphasies* como na *Traumdeutung*, exemplifica isto. Que seja isto o materialismo de Freud, é uma hipótese que fica em aberto para uma outra pesquisa. Até aqui, pela pesquisa das referências à fala (em seu envolvimento com a realidade psíquica) que encontramos em Freud, nos arriscamos a dizer que é ela a única dimensão não propriamente material com a qual se pode pensar uma segunda realidade e na qual se podem ancorar objetos teóricos como o inconsciente.

Conclusão

A conseqüência do posicionamento de Freud diante do problema da linguagem é a fundação de um entendimento desta que serve aos propósitos de elaboração de uma *teoria psicanalítica* a partir da *prática da psicanálise* com a fala.

Vimos que Freud, em sua reflexão crítica sobre as concepções de memória e percepção, e sobre a implicação destas com a fala, a ele acessíveis no final do século XIX, encontra uma noção de linguagem delimitada em três momentos, que explicitamos tendo por fio condutor a relação entre as palavras e as coisas. Esses três momentos são:

- a) o da relação das representação das coisas com a coisas;
- b) o da relação das representações das coisas com as representações das palavras;
- c) o da relação das representações (de palavras e coisas) com a fala;

No primeiro momento trata-se do problema da percepção, no segundo do problema da memória e no terceiro trata-se da articulação da fala com a memória e a percepção. A princípio estes três momentos se mantêm nas várias referências de Freud à linguagem em *Aphasies*, no *Entwurf* e na *Traumdeutung*. Há, no entanto, nestes textos, alguns pontos decisivos que não estavam presentes no entendimento vigente na época em que Freud se interessa pelo assunto. Encontramos nos textos de Freud a distinção clara entre estes três momentos, ou seja, ele formula, como se encontra já em *Aphasies*, a necessidade de diferenciar percepção de memória e de tomar a relação destas com a fala como um problema para o qual somente as referências anatômicas eram insuficientes. Com as noções do *Entwurf* e da *Traumdeutung*, principalmente com a determinação do inconsciente como uma realidade psíquica, há uma redefinição do papel da percepção e a introdução da consciência como a instância à qual não chegam os processos do sistema ψ (memória) a não ser por meio das representações-palavras. Podemos reconhecer, no posicionamento de Freud, uma indicação de que as palavras não se

ligam naturalmente às coisas e, ainda, que estas coisas, cuja ligação com as palavras interessa à psicanálise pesquisar, não são exatamente as coisas da realidade material ou fatural. Há uma imbricação das palavras com coisas construídas na própria realidade psíquica.

A noção de memória e do papel da consciência rapidamente puderam ser tomados como formulação eminentemente freudiana; para o problema da percepção era necessário posicionar-se a propósito do longo caminho de pesquisas da fisiologia e da neuroanatomia. A tentativa de nos aproximar desse posicionamento nos mostrou os problemas com os quais Freud se deparou para chegar ao entendimento da linguagem em sua implicação nos processos psíquicos. O principal efeito desses problemas é a sobrevivência de duas tendências em Freud: a primeira, manter-se fiel às suas descobertas que advêm principalmente da sua escuta clínica; e, segundo, manter-se fiel ao ideal cientificista da medicina, especificamente da neuroanatomia a ele familiar. Como exemplo da primeira tendência encontramos a definição da representação como processo psíquico, próximo do entendimento de Brentano e distante do reducionismo da anatomopatologia. Como exemplos da segunda tendência, temos tanto a argumentação anatomopatológica que Freud desenvolve mesmo depois de definir a representação como complexo em *Aphasies*, quanto a tentativa, no *Entwurf*, de identificar os sistemas ψ , ω e ϕ à superfície do cérebro, ou ao menos este último aos ramos nervosos dos órgãos perceptivos. A argumentação sobre a neuroanatomia das representações (referências ao *Spracheapparat*) se torna superada ao longo de *Aphasies*. A psicologia naturalista anunciada no *Entwurf* não se sustenta e as referências à anatomia do cérebro (identificação do *Neuronensystem*, de Freud ao *Nervensystem* da Fisiologia) são abandonadas na *Traumdeutung*. Neste texto Freud explicita que não se trata, no esquema do aparelho psíquico, de uma esperança de localização anatômica. O esquema dos três sistemas (inconsciente, pré-consciente e consciente) é hipotético. Há nele, a exemplo das categorias do *Entwurf*, qualquer coisa de arbitrário da construção *ad hoc* (*die Willkürlichkeit der Constructio ad hoc*), como esclarece o próprio Freud. O esquema é hipotético mas não é hipotética a relação entre alguns mecanismos permitidos pela linguagem e

os mecanismos que o esquema de Freud representa. Além disso, foi essa construção que permitiu o avanço da pesquisa de Freud. É com a concepção dos sistemas psíquicos (inconsciente, pré-consciente e consciente) que Freud consegue demonstrar que a forma de trabalho das instâncias psíquicas alheias à consciência jamais poderiam ser pensadas com a idéia da identificação entre memória e percepção.

Nas indicações de *Aphasies*, já temos, na articulação do caráter lingüístico da representação-palavra, um primeiro passo para a implicação da linguagem na reflexão de Freud. Há neste texto uma acentuação da dependência da articulação das "representação das coisas" com a coisas, momento (a), com relação à ligação das "representações das coisas" com as "representações das palavras", momento (b), e com relação à implicação da fala com as representações (de palavras e coisas), momento (c). Ou seja, a relação das coisas com as representações das coisas não pode ser pensada isoladamente. Freud vê desde o início uma implicação da representação-palavra com a própria constituição da representação das coisas. A ligação entre representação-palavra e representação-objeto, a significação, ocorre sem papel preponderante das coisas propriamente ditas. O referente, portanto, nos termos de *Aphasies*, seria já uma representação das coisas e não as próprias coisas. Isto se revela na insistência de Freud na idéia de que é um equívoco a denominação de Finkelburg de simbólica para a relação entre as representações de coisas e as coisas, o momento (a) que indicamos acima, devendo-se reservar o termo simbólico para o segundo momento, a ligação entre os complexos representacionais (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*). Além disso, a representação-objeto somente se torna um complexo definido, e ainda assim não totalmente definido, pela ligação com a representação-palavra. A referência de Freud a Stuart Mill é exatamente para resgatar deste a idéia de que as sensações das coisas são apenas indicações da aparência destas e que sempre há a possibilidade de novas indicações a serem acrescentadas no conjunto de sensações que chamamos coisas. Freud vai além disso, tornando essas indicações parte de uma realidade que se mostra, em *Aphasies*, como a estrutura representacional das coisas (*Objektvorstellung*). Esta somente ganha sentido na

ligação com a representação-palavra. Não há, portanto, a possibilidade de estabelecer a relação simbólica, ou de significação, numa relação pura e simples entre as coisas propriamente ditas e as representações destas. Assim, o primeiro resultado do posicionamento de Freud que é decisivo para o entendimento da incidência da linguagem nos processos psíquicos é o de que *a referência às coisas na ordem das representações, somente ocorre na medida em que as representações das coisas se articulam ao caráter lingüístico da representação-palavra.*

A partir desse primeiro resultado, avançamos para um segundo, que se refere à articulação dos movimentos dos sistema inconsciente com o pré-consciente e da implicação deste último na fala. A significação aparece, em *Aphasies*, com uma dupla face: por um lado se dá na ligação entre representações-objetos e representações-palavras na estrutura simbólica; por outro lado, somente se estabelece efetivamente, ou seja, somente se mostra, ao entrar em jogo a fala propriamente dita. Assim, a fala, pelas noções de *Aphasies*, é a manifestação da significação já estabelecida na estrutura simbólica formada pela união dos dois complexos (*Wortvorstellung* e *Objektvorstellung*). Mas temos um problema não resolvido em *Aphasies*: esses dois processos, a significação intrínseca à estrutura simbólica e a exteriorização da significação, ocorrem ambos na consciência? Ou um na consciência e outro na memória? Neste caso, qual seria a relação da memória com a consciência? Com o *Entwurf* há uma diferenciação entre dois processos no aparelho psíquico. Ainda que Freud não se refira no *Entwurf* à significação, como o faz em *Aphasies*, o primeiro processo, estabelecimento da significação, parece ocorrer no sistema ψ , a cujos movimentos a consciência é alheia. É um segundo processo que faz com que ocorra o acesso das representações-palavras à consciência. Com isto é possível dizer que se o primeiro processo se dá a revelia da consciência, o segundo somente ocorre com a participação dela. A distinção entre sistema ψ e sistema da consciência, permite, também, pensar alguns "tropeços" da fala, e mesmo os sintomas neuróticos não mais como disfunções orgânicas e sim como a emergência do trabalho realizado no sistema ψ . Esse mecanismo se torna melhor descrito, na *Carta 52* e na

Traumdeutung, com a indicação explícita do inconsciente como sistema e com a introdução do sistema pré-consciente. A consciência terá acesso às representações-palavras a partir do trabalho do pré-consciente, a saber, o da censura que se realiza através dos mecanismos do deslocamento e da condensação. Na *Traumdeutung* a dupla face da significação (significação na estrutura representacional e significação resgatada na fala), introduzida em *Aphasies*, pode aparecer agora na cisão que deixa a consciência ausente dos processos primários. Desta forma, um segundo resultado do posicionamento de Freud com relação à incidência da linguagem nos processos psíquicos é considerar que se, por um lado, a referência às coisas na ordem das representações, somente ocorre na medida em que as representações das coisas se articulam ao caráter lingüístico da representação-palavra, *por outro lado, as representações somente são evocadas na consciência pela via da fala, sendo esta não mais que a última fase da elaboração do discurso; é por meio dela, no entanto, que se revela o jogo de determinações do inconsciente e do pré-consciente.*

Tendo em vista os dois primeiros resultados do posicionamento de Freud, avançamos na hipótese de que há em seu entendimento um limite da representabilidade da linguagem diante da cisão entre realidade material e realidade psíquica. Este limite aparece como um recuo da representabilidade na medida em que à linguagem se atribuía, pela identificação entre memória e percepção, a possibilidade de representar diretamente as coisas. A possibilidade ou a impossibilidade de se representar todas as coisas, levando-se em conta a identificação entre memória e percepção, seria apenas uma questão de quantidade. Um exemplo disto é a esperança de Meynert de que os seiscentos milhões de corpos celulares do cérebro, na sua estimativa, fossem suficientes para acumular sem dificuldade a memória das coisas que uma pessoa pudesse vir a conhecer. Ao se posicionar contrariamente a esta identificação, Freud toma a linguagem como uma complexidade (estrutura de ligação entre os complexos representacionais, função da significação e fala) a que se articula a realidade psíquica, também como complexidade. Com isto, estava reconhecida a implicação da linguagem com a emergência do desejo, fundando a cisão daquilo que se pensava ser a memória e

que Freud vai colocar em outra problemática que leva à pesquisa dos sistemas psíquicos (inconsciente, pré-consciente e consciente). No *Entwurf* uma "divisão da realidade", se constitui dando-se um papel primordial a idéia de que o outro, pouco valorizado em *Aphasies*, é o objeto das experiências fundamentais, experiência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*), descarga duradoura das quantidades acumuladas no sistema ψ , e experiência de dor (*Schmerzserlebnis*), emergência de quantidades muito grandes naquele sistema. Estas experiências têm por base a condição de desamparo inicial dos seres humanos, entregues à incidência inexorável dos impulsos da necessidade da vida (*Not des lebens*). A partir desta condição, uma experiência de satisfação somente é possibilitada com a presença de um outro que realiza inicialmente as ações específicas das quais depende o desamparado para sobreviver. O outro, então, tem seu complexo perceptivo dividido em dois elementos. O primeiro desses elementos se conserva inacessível às tentativas de reencontro do objeto das experiências fundamentais, permanecendo excluído das cadeias de representações como *a coisa* (*Das Ding*); o segundo elemento, guardado nos trilhamentos do sistema ψ como memória precária do evento complexo da experiência de satisfação, pode ser reocupado na busca incessante de reencontro do objeto que é patrocinada pela insistência da mola pulsional. O aparelho psíquico, na concepção de Freud, tem proteções contra as quantidades externas ao organismo, finalidade das "telas de proteção" dos órgãos sensoriais ligados ao sistema ϕ . As excitações internas ao organismo são também consideradas externas ao aparelho psíquico, que não tem mecanismos de proteção contra elas. Esta é, segundo os termos do *Entwurf*, a mola pulsional dos processos psíquicos. A divisão inaugural da experiência da realidade se mantém como a fonte de uma duplicidade de processos, primário e secundário. No processo primário incide a tendência de, na própria realidade psíquica, recriar-se a experiência de satisfação e evitar-se a experiência de dor. A favor da eliminação da quantidade acumulada resultante da constância da mola pulsional, se mantém o processo primário. Contra os efeitos desta acumulação, como por exemplo a alucinação do objeto de satisfação ou a descarga imediata

diante da representação da experiência de dor, ambas as operações sem a percepção de um objeto da realidade, se desenvolve o processo secundário. A cisão reaparece, na *Traumdeutung*, com a idéia de um discurso inconsciente, chamado por Freud de pensamento do sonho ou conteúdo latente do sonho, que somente é representado, na medida em que há um trabalho de deslocamento e condensação, pelo qual o sistema pré-consciente constrói a representação do sonho (ou o conteúdo manifesto deste). A distinção entre sistema ψ e sistema da consciência permitiu distinguir dos processos orgânicos os "tropeços" da fala e os sintomas neuróticos, tomados a partir da conceituação de Freud como a emergência de processos desenvolvidos a revelia da consciência, na realidade psíquica. Esta mesma conceituação, considerando-se o estudo dos sonhos, mostra o recuo da representabilidade na medida em que na elucidação das perturbações ou "tropeços" da fala (atos falhos, lapsos, chistes, caráter de discurso interrompido de muitos sonhos) chega-se a um ponto a partir do qual nada mais se acrescenta como informação à busca de significações para o discurso. Trata-se do "umbigo do sonho", ponto onde a trama dos pensamentos é especialmente fechada, como explica Freud. Sobre esta trama somente se poderá dizer alguma coisa, a partir da interpretação da fala de quem sonhou, até um ponto em que se chega à emergência do desejo. A partir deste ponto nada mais se poderá acrescentar, a não ser, nos termos da *Traumdeutung*, que daquilo que é mais inacessível ao pensamento dentro da própria cadeia de representações que o caracteriza, brota, como um cogumelo do seu micélio, o desejo do sonho. Assim, no pensamento de Freud sobre o papel da linguagem nos processos psíquicos, encontramos que *no esforço da psicanálise, como teoria e como experiência, é central a constatação de uma distinção entre a realidade psíquica e a realidade material, pela qual se estabelece a natureza conflitiva do discurso, como exercício da fala dirigida a outro, e pela qual se estabelece o limite da representabilidade.*

Ao acompanharmos os momentos da noção de linguagem e sua implicação nos processos psíquicos em *Aphasies*, no *Entwurf* e na *Traumdeutung*, não incluímos em nossas reflexões o estado de noções como pulsão, transferência e recalçamento, diretamente envolvidas na idéia de realidade psíquica. A

imprecisão dessas noções será ainda o pivô de mudanças substanciais na teoria de Freud, como a que será experimentada na segunda tópica. Pela delimitação de nosso estudo, não chegamos a estabelecer as relações do conceito de sistemas psíquicos (inconsciente, pré-consciente e consciente) com essas noções. Não obstante, com nossa delimitação, chegamos a algumas descobertas fundamentais de Freud que orientam a pesquisa do papel da linguagem para a psicanálise.

Vimos, também, em nossas análises de *Aphasies*, *Entwurf* e *Traumdeutung*, uma dificuldade teórica essencial de Freud. Ela consiste em tentar passar da vida diária com a fala, na situação clínica, para a conceituação da fala como instrumento, enquadre e material da análise. Neste sentido as observações no terreno da empiricidade não serviriam para resolver os problemas teóricos e práticos da diferença e das relações da fala com os processos psíquicos. As implicações da fala para a psicanálise não se limitam à existência de regras gramaticais e semânticas, busca do sentido, etc. Há na fala alguma coisa implicada no ordenamento do discurso que não o faz seguindo regras gramaticais nem semânticas ou cujo sentido escapa às tentativas de apreendê-lo. Neste ponto nos parece oportuno lembrar que, com a nossa pergunta sobre a maneira como Freud pôde construir, em meio às noções reducionistas de memória, percepção e fala, um entendimento novo sobre o problema, formulando-o como o problema de verificar as relações da linguagem com a realidade psíquica, poderíamos abrir caminho para ir além das referências encontradas em *Aphasies*, *Entwurf* e *Traumdeutung*. Com isto se poderia verificar a expectativa que criamos a partir desse estudo, de que nas obras posteriores será impossível encontrar um retorno às noções da concepção reducionista de linguagem que caracterizava o final do século XIX, período onde Freud inicia sua jornada. Vários conceitos dos momentos por nós estudados nos deram o índice da diferença desse entendimento em relação ao entendimento de Freud e nos esclareceram os motivos pelos quais este autor, desde cedo, se propôs a refutar as idéias dos neuroanatomistas de sua época. Podemos afirmar sem receio que do momento em que Freud se levanta contra este estado de coisas até a *Traumdeutung*, ele acaba por construir, em torno do surgimento da psicanálise, um entendimento nítido do

papel da linguagem para sua descoberta colocando este entendimento em uma nova problemática.

Assim, para finalizarmos, é oportuno ressaltar que na trilha da hipótese central de nosso trabalho pudemos compreender que, na busca de uma concepção de linguagem que interesse à psicanálise, Freud não só refutou as noções reducionistas e organicistas como também construiu conceitos. O que significa dizer que acreditamos na originalidade das indagações da psicanálise e que estas indagações se desenvolvem a partir da construção de um objeto teórico, como o inconsciente, e de conceitos como o dos mecanismos que são essencialmente lingüísticos, ou languageiros no dizer de Lacan, denominados por Freud de *deslocamento* e *condensação*. A incidência desses dois conceitos sobre as noções definidas desde o texto das afasias dá a todo o caminho aqui anunciado um sentido que nos esforçamos por resgatar: nos textos *Aphasies*, *Entwurf* e *Traumdeutung* há uma elaboração dos fundamentos do entendimento freudiano da linguagem e sua implicação nos processos psíquicos a serem levados em conta na pesquisa contemporânea propriamente psicanalítica. Eis o que apresentamos como estado do problema no momento final de nosso percurso.

Bibliografia Principal

FREUD, S. *Contribution à la conception des aphasies, une étude critique*. Tradução de Claude van Reeth. Paris: P.U.F., 1987.

_____. (1895) *Projeto de uma psicologia*. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Jr.. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. *Carta 52*. (6 de dezembro de 1896). In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1.

_____. (1900) *A Interpretação dos Sonhos*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 4 e 5.

Bibliografia Complementar

ALTHUSSER, L. *A Favor de Marx*. Tradução de Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Introdução crítica-histórica e Tradução de Walter José Evangelista. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Écrits sur la psychanalyse - Freud et Lacan*. Paris: STOCK/IMEC, 1993.

_____. *Escritos sobre a psicanálise - Freud e Lacan*. Tradução de Walter José Evangelista (inédito).

ASSOUN, P.-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. *Introdução à epistemologia freudiana*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. *Metapsicologia freudiana, uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BAAS, B. "O desejo puro - a propósito de 'Kant com Sade' de Lacan". *FALO - Revista Brasileira do Campo freudiano*, nº 4/5, jan-dez. 1989.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Nacional/USP, 1976.

BOUVERESSE, J. *La parole malheureuse: de l'alchimie linguistique a la grammaire philosophique*. Paris: Minuit, 1987.

- BIER, O. *Bacteriologia e Imunologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1961.
- BRENTANO, F. *Psychologie du point de vue empirique*. Paris: Aubier, 1944.
- DANGELO, J. & FATTINI, C. A. *Anatomia humana sistêmica e tegumentar*. São Paulo: Atheneu, 1988.
- DUMESNIL, R. *Histoire Illustrée de la médecine*. Paris: Librairie Plon, 1935.
- FLORES-MORELOS, F. "De intencionalidades y representaciones: de Franz Brentano a Sigmund Freud". *Acheronta*, nº 3, Abril, 1996.
- FOUCAULT, M. *Naissance de la Clinique*. Paris, P.U.F., 1972.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, S. & BREUER, J. (1893-1895) *Estudos sobre a histeria*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 2.
- FREUD S. (1893). *Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.1.
- _____. (1887-8) *Prefácio e notas de rodapé à tradução de Conferências das terças-feiras, de Charcot*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1.
- _____. (1886). *Relatório sobre os meus estudos em Paris e Berlim*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1.
- _____. *Carta 79*. (22 de dezembro de 1897). In - Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1.
- _____. (1888-1893). *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1.
- _____. (1893) *Charcot*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 3.
- _____. (1894). *As neuropsicoses de defesa*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986. v. 3.
- _____. (1895) *Projeto para uma psicologia científica*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1.

- _____. (1888-1893) *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1.
- _____. (1888) *Histeria*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 1.
- _____. (1914) *História do movimento psicanalítico*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.
- _____. (1915) *O Inconsciente*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.
- _____. (1914) *História de uma neurose infantil*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17.
- _____. (1919) *O estranho*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17.
- _____. (1918) *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17.
- _____. (1924) *As Resistências à psicanálise*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 1976. v. 19.
- _____. (1924) *Um estudo autobiográfico*. In - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 20.
- _____. Briefe 8 (2.5.1891) In - *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Londres: Imago, 1950.
- _____. Briefe 52 (6.12.1896) In - *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Londres: Imago, 1950.
- _____. Briefe 137 (12.6.1900) In - *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Londres: Imago, 1950.
- _____. *Pulsions et destins des pulsions*. In - *Métapsychologie*, Tradução de Jean Laplanche e J.-B. Pontalis. Paris: Gallimard, 1981.
- _____. *Die Traumdeutung*. 10. ed. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, 1996.
- _____. *Entwurf einer psychologie*. In - *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Londres: Imago, 1950.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. v. 1.

- JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Tradução de Luís Miguel Cintra. Lisboa: Moraes, 1977.
- _____. *Essais de linguistique générale; 1. Les fondations du langage*, Paris: Minuit, 1963.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Tradução de Maria Margarida Barbosa. Lisboa: Edições 70, 1969.
- LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Psicoanálisis, Radiofonía & Televisión*. Tradução de Oscar Massota e Orlando Gimeno-Grendi. Barcelona: Anagrama, 1977
- _____. *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- _____. *O Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- _____. *O Seminário, livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Tradução de Marie Christine Laznick Penot, colaboração de Antônio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *O Seminário, livro 20, mais ainda*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *O Seminário, livro 3, as psicoses*. Tradução de Alúcio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise*. Tradução de Antônio Quinet; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MARI, H. "Estruturalismo e Psicanálise", Anais do colóquio *Dez encontros, Psicanálise e Filosofia: o futuro de um mal-estar*, linha de pesquisa Filosofia e Teoria Psicanalítica, FAFICH, UFMG, 1999 (no prelo).
- MONDOR, H. *Grands médecins presque tous*. Paris: Corrêa, 1942.
- MONZANI, L.R. "A 'fantasia' freudiana". In: PRADO Jr., B. (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- NASSIF, J. "Freud e a Ciência". In: ESCOBAR, C.H. (Comp.) *Psicanálise Ciência e Prática*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1975.
- _____. "La 'lettre de quarante-cinq pages à Althusser' (01 de julho de 1976) *Cartels constituants de l'analyse freudienne* - Courrier mai, 1996.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Fayard, 1997.

- ROUDINESCO, E. *História da psicanálise na França, a batalha dos cem anos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. v. 1 e 2.
- STUART MILL, J. "Um exame da filosofia de Sir William Hamilton". In: *Jeremy Bentham, John Stuart Mill*. Tradução de Luiz João Marcos Coelho e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1979, 2. ed. (Col. Os pensadores).
- STEGMÜLLER, W. "Filosofia da Evidência: Franz Brentano". Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. In - *A filosofia contemporânea: introdução crítica*. São Paulo: E.P.U., 1977.
- TEIXEIRA, L. *Ensaio sobre a moral de Descartes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

...deve-se considerar que os fatores envolvidos...

...a análise dos dados é fundamental para...

...o estudo da linguagem é essencial para...

...a compreensão da linguagem é fundamental...

...a análise dos dados é fundamental para...